

16

SER

PERIÓDICO DA ESCOLA GURDJIEFF SÃO PAULO

QUEM SOU EU?



ÍNDICE

1 CARTA AOS LEITORES

2 ENTREVISTA

PAULO RAFUL – O DESENVOLVIMENTO HARMÔNICO DO HOMEM

14 ENTREVISTA

LAURO RAFUL – O CANTO E A DANÇA COMO CAMINHOS DE CRESCIMENTO INTERIOR

28 TEXTOS TRADICIONAIS

- 29 O MEU SER É O QUE EU SOU (Jeanne de Salzmann)
- 32 GENTILEZA IMPESSOAL (relato de Tchekhovitch)
- 34 LAO-TSÉ, O LIVRO DO TAO
- 36 MEDITAÇÃO ATIVA (Satprem)
- 38 O GOLPE QUE DERRUBA O APEGO (*Mobamudgar* do Sankaracharya)
- 40 O LIVRO DA MEDITAÇÃO E DA VIDA (Krishnamurti)
- 42 MAKING OF DO FILME “ENCONTROS COM HOMENS NOTÁVEIS”
(Peter Brook)

48 ARTIGOS

- 49 MARIA MADALENA E O VERDADEIRO AMOR (Maria Aparecida De Stefano)
- 51 TRIBUTO AOS AVÓS (Marian Suzano Bleier)
- 53 CLAMOR (Isaac Goldstein)
- 54 A SERVIÇO DA ESSÊNCIA (Marcos Belfiore)
- 55 BOM DIA, TRISTEZA (Márcia Kondratiuk)
- 56 O FLUIR DA VIDA (Maria de Lourdes Baptistella)
- 58 O TEATRO COMO CAMINHO INTERIOR (Carmem Sílvia de Carvalho)

60 TAROT DA ALQUIMIA

- 61 FALANDO DE ALQUIMIA (Márcia Kondratiuk)
- 62 Carta nº 01 – “Os Dois Peixes”
- 63 Carta nº 02 - “O Dragão e o Guerreiro”
- 64 Carta nº 03 – “O Cervo e o Unicórnio”

65 POESIAS

- 66 O AMOR QUE ELEVA (Guilherme Albert Vigar Hahne)
- 67 A SENSACÃO NÃO ENGANA (Gineton Alves Medeiros)

68 CONTOS

- 69 O VENDEDOR DE PASSARINHOS E A GAIOLA
- 71 AS PEDRAS DO CAMINHO
- 72 A JOVEM E O PRÍNCIPE
- 74 O JOGO DE XADREZ

76 HISTÓRIAS DE MULÁ NASRUDDIN

- 77 A DÍVIDA
- 78 EM BUSCA DO OURO
- 79 O FAZEDOR DE CHUVA

80 HUMOR

CARTA AOS LEITORES

O número 16 da revista SER tem como tema central a grande questão: quem sou eu?

A mais famosa das indagações aparece no antigo Egito no enigma da Esfinge:
"Decifra-me ou te devoro!"

Não por acaso, o título do livro póstumo do Sr. Gurdjieff é *A vida só é real quando "Eu sou"*.

Aquele que acredita se conhecer só porque tem um corpo, um nome, uma nacionalidade, uma família, uma profissão, uma posição social, está caminhando pelo mundo como um cego sem muleta e sem guia. Nada mais solitário. Nada mais triste. Nada mais sem esperança.

Esta grande questão é a semente de algo precioso – a descoberta da Alma – que pode trazer um verdadeiro sentido para a vida.

Se eu não sei quem sou, também não sei quem você é. Se não me conheço e não o conheço, então eu também não conheço o mundo e tudo o que ele contém. Sou como um viajante que não sabe de onde veio nem para onde vai.

Rama Tirtha, o grande mestre hindu, em seu texto sobre o Eu Real, nos convida:

"... Navegue para a frente, marche para a eternidade, a realidade, o verdadeiro EU."

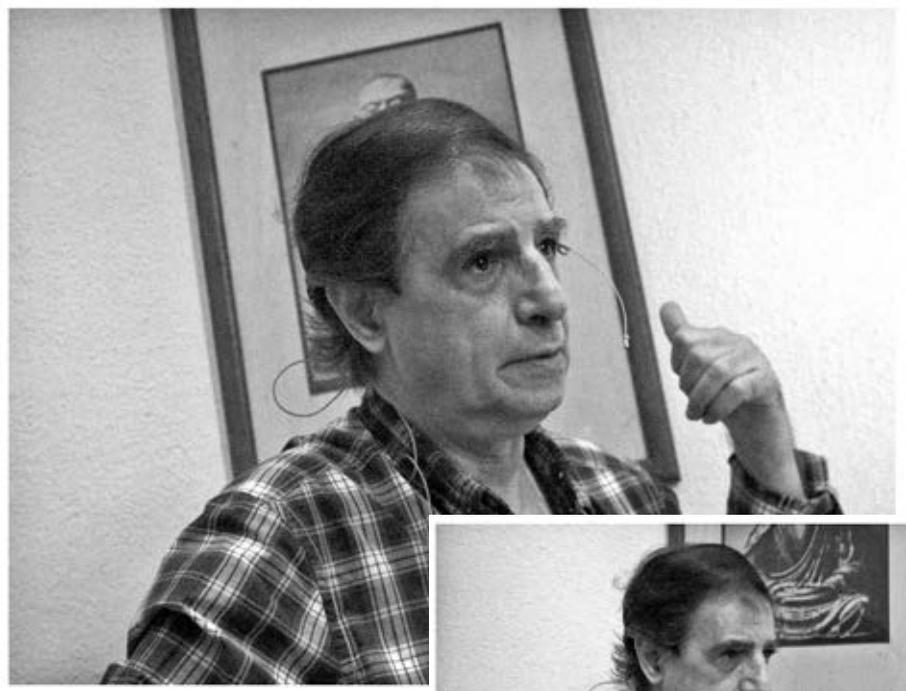




ENTREVISTA

Paulo Raul

O DESENVOLVIMENTO
HARMÔNICO DO HOMEM



INTRODUÇÃO

Para melhor compreender este assunto, precisamos, antes de tudo, fazer um mapa do que é o ser humano em geral. Vamos fazê-lo de forma prática e didática, para poder ser compreendido e constatado por qualquer pessoa, independentemente de sua cultura.

OS TRÊS PLANOS DO SER HUMANO

Em princípio, podemos dividir o ser humano em três planos. O primeiro deles é o **plano visível**, ou seja, o que corresponde a seu corpo físico e a seu comportamento. O segundo, mais profundo que o primeiro, é o **plano de sua constituição interna**, isto é, a maneira como ele funciona internamente. Nesse segundo plano, podemos dizer que o ser humano possui uma função mental – que produz seus pensamentos –, uma função emocional – que produz suas emoções –, uma função motora – que possibilita que ele se mova no mundo –, uma vida orgânica interna – que mantém seu corpo e todo o sistema em funcionamento –, e uma função sexual – que lhe permite relacionar-se sexualmente e procriar. Todas essas funções fazem parte do segundo plano que é invisível e só se manifesta através de comportamentos eventuais. O terceiro, mais profundo que o segundo, é o **plano que está ligado ao que somos em essência**.



O mau funcionamento do mental, do emocional e do corpo cria verdadeiros monstros dentro de nós. Quimera, o monstro híbrido. Imagem da mitologia grega

A NOSSA ESSÊNCIA

Em essência, somos primeiramente **existência ou vida**. Além disso, podemos constatar que temos a percepção do mundo externo e do nosso mundo interno, ou seja, temos uma **inteligência ou consciência** que percebe tudo. Finalmente, podemos dizer que somos essencialmente **afeto**, pois temos **sentimentos**. Tudo isso independe do momento histórico em que vivemos, de nossa situação geográfica ou cultura. É essa a nossa tríade original.

UMA ANALOGIA ESCLARECEDORA

Para esclarecer o que ficou exposto, vamos fazer uma analogia do ser humano com o **Sol**. Podemos nos comparar ao Sol, uma vez que ele emite **vida** – que corresponde à nossa existência –, emite **calor** – que corresponde ao nosso afeto ou sentimento –, e emite **luz** – que corresponde à nossa consciência, inteligência ou percepção. Esse é apenas um **mapa didático do ser humano**. Esses três planos nascem conosco e estão sempre interligados. Assim, ao nascer, passamos a existir, já temos um potencial de inteligência e começamos a viver em um campo de afeto ou sentimento. O **ideal de nossa tríade original é manifestar-se no mundo da maneira mais límpida possível**.

NOSSOS MEIOS DE EXPRESSÃO

Voltando à analogia com o Sol, podemos dizer que só percebemos a luz solar quando ela encontra um anteparo, pois não consegue manifestar-se no espaço vazio: precisa encontrar as condições da Terra para poder expressar-se. Da mesma forma, nossa natureza essencial tem de exprimir-se na vida, e vai fazê-lo por intermédio dos cinco meios que pertencem ao segundo plano, como vimos acima. Podemos então dizer que a nossa natureza essencial tem como meios de expressão ou como anteparo os pensamentos, as emoções, a motricidade, a vitalidade orgânica e a nossa sexualidade.



O sol é a imagem visível de Deus. Foto de Penelope Matsouka

A DESARMONIA DE NOSSOS MEIOS DE EXPRESSÃO

Em geral, esses meios de expressão não estão funcionando bem, porque não estão límpidos. São vários os defeitos que podem apresentar. Podemos constatar, em nós mesmos e nos outros seres humanos, uma total desarmonia nos meios de manifestação de nossa essência. Mas as pessoas não percebem isso, não se dão conta de que esses meios de expressão precisam ser desenvolvidos.

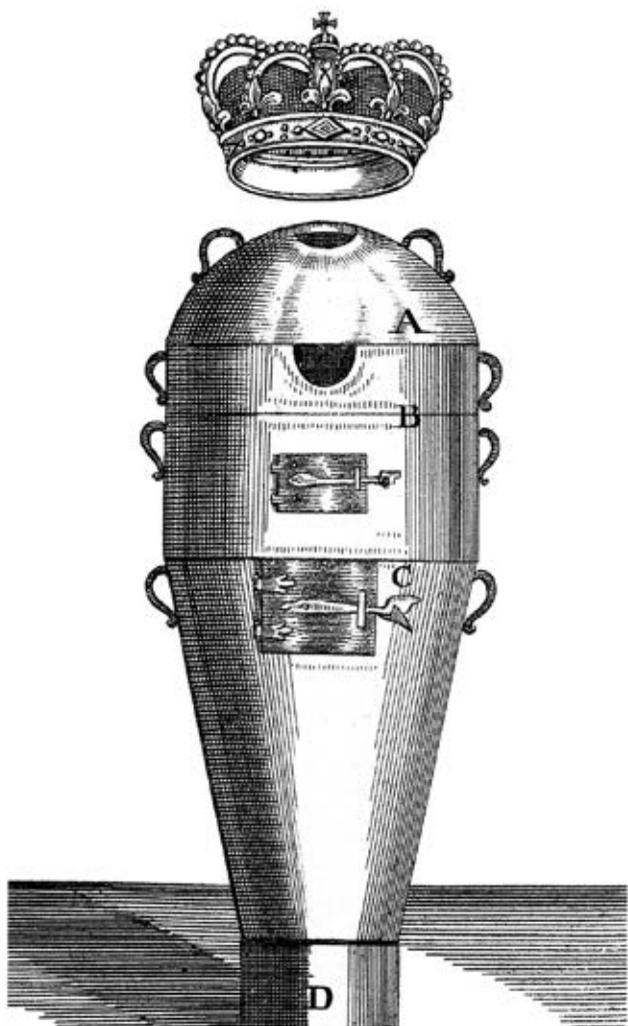
Para esclarecer, tomemos por base a **função mental**, a que nos faz pensar. As pessoas aprendem certas disciplinas numa escola ou numa faculdade, mas não se interessam por aprender a pensar. Estão acostumadas a acumular informações e, quando pensam realmente, fazem-no em relação a um campo específico de certa disciplina acadêmica. O químico, por exemplo, tende a pensar nos termos da Química, o matemático, nos termos da Matemática e assim por diante. **Não se encara o ato de pensar em si e por si.**

A maioria das pessoas não dispõe sequer do pensar acadêmico. Além disso, mesmo o pensamento dos con-

siderados pensadores como os filósofos, por exemplo, é gerado a partir de conceitos e condicionamentos que eles receberam de seu meio ambiente e sua etnia, em dado momento histórico. Logo, é um pensar de cartas marcadas, não é livre. E estamos falando de pessoas que pelo menos tentam pensar, o que não é, obviamente, o caso da maioria da humanidade. Existe, pois, no processo pensante uma grande barreira de expressão.

Vamos ponderar agora sobre a situação do segundo meio de expressão, a **função emocional**. É fácil constatar o **pouco desenvolvimento do emocional** da maioria das pessoas, que permanece muito infantil durante toda a vida, uma vez que elas são completamente dominadas por ciúme, inveja, ressentimentos, mágoas, medos de todo tipo, inseguranças e assim por diante.

No campo da **função motora**, notamos que as **pessoas não se movem livremente**, com desenvoltura, com a beleza que seria possível se não tivessem o corpo sempre tenso, crispado. Além disso, as habilidades motoras das pessoas são muito reduzidas. Basta verificar como, em geral, elas caminham de forma desengonçada e desarmoniosa, como repetem sempre os mesmos gestos, mecanicamente.



O Forno Alquímico. D. Y. Faber, Nuremberg, 1705

Quanto às **funções orgânicas**, a maioria das pessoas acha que a **saúde do seu organismo é assunto para especialistas**. Acreditam que só um médico, um fisiologista ou outro profissional da saúde pode saber o que é melhor para elas. Acreditam que elas próprias não têm de se preocupar em cuidar do próprio organismo, em ficar atentas ao que é melhor para o bom funcionamento dele. Se precisam tratar de algum problema de saúde, vão a um especialista na esperança de que ele resolva o problema com algum remédio mágico.

Por último, temos o grande campo de batalha de todo ser humano: a **função sexual**. Nesse plano, observamos uma **grande incompreensão do assunto** por falta de in-

formação e experiência prática, o que, em geral, produz dificuldades de todo tipo durante a vida de cada um.

A GRAVIDADE DA SITUAÇÃO DE DESARMONIA

O que acaba de ser exposto de maneira sumária revela a **situação das funções do segundo plano do ser humano, que, obviamente, não pode expressar-se de forma harmônica**. Muitos argumentariam: este não é o meu caso, porque sou atleta e, portanto, cuido muito bem da minha saúde; ou sou um intelectual e costumo me questionar sempre sobre vários assuntos. Ou as duas coisas ao mesmo tempo. A situação de ter dois campos desenvolvidos já é rara, e ainda muito mais rara é a situação de alguém trabalhar sobre três, quatro ou cinco das funções acima mencionadas. Podemos fazer uma analogia com um automóvel: se ele só tem três rodas, está desqualificado para servi-lo, porque isso compromete todo o sistema. Outro exemplo: em uma equipe de basquete formada por cinco jogadores, se quatro estiverem ótimos e um jogar mal, provavelmente a equipe vai perder a partida. No entanto, é nessa situação que se realizam as cinco funções da maioria das pessoas.

O POSSÍVEL DESENVOLVIMENTO HARMÔNICO DO SER HUMANO

O desenvolvimento harmônico do homem só pode advir da **qualificação das cinco funções** ou, usando a linguagem do ensinamento gurdjieffiano, de seus cinco centros, de maneira que possam servir de forma límpida à expressão do que somos em essência, ou seja, **para que sirvam ao sol que existe dentro de cada ser humano, ao sol que cada um é**. Voltando à analogia com o Sol: a situação do terceiro plano do ser humano que não qualificou os seus cinco centros é a mesma do Sol que tem de passar por um vidro embaçado, ou um vidro vedado por uma cortina; naturalmente ele não vai passar de forma translúcida. É esse o nosso grande problema!

O Sr. Gurdjieff dá as diretrizes para lidar de maneira eficiente com essa problemática. O primeiro passo é constatar que os cinco centros não estão qualificados

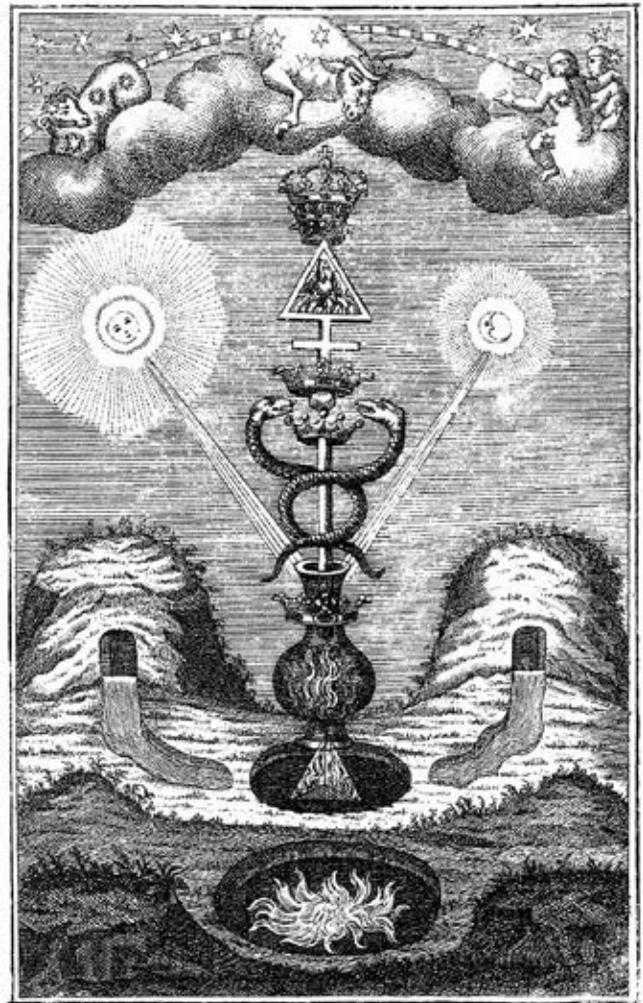
e interessar-se por trabalhá-los. Se o ser humano não reconhece sua desarmonia, este assunto não fará sentido para ele. Se não percebe que emocionalmente é ríspido, tímido ou fraco; que seu pensamento não é claro; que anda desajeitadamente porque é tenso; se acredita que vai curar ou conviver com a ansiedade ou depressão por meio de remédios, o que estamos expondo aqui não fará sentido para ele. Se, ao contrário, usando sua inteligência, ele reconhecer em si mesmo a desarmonia dos centros, poderá eventualmente qualificá-los para que a harmonia se revele em todo o seu ser.

COMO QUALIFICAR OS CINCO MEIOS DE EXPRESSÃO

Existem métodos para observar e eventualmente qualificar os cinco centros e é exatamente esse processo que o Sr. Gurdjieff chama de desenvolvimento harmônico do homem. Por exemplo, o pensar das pessoas deveria libertar-se de conceitos; teria de ser aberto, interessado em compreender a vida, os outros seres humanos, a própria pessoa que pensa, em compreender de onde é que ela veio. O emocional precisaria interessar-se em se ligar a outras pessoas de maneira rica, afetiva, sem agressões e ao mesmo tempo com firmeza. Deveria também preocupar-se com adquirir força suficiente para enfrentar os momentos difíceis da vida, em aprender a amar, ver a beleza da vida, em vez de viver apenas no mundo da preocupação com as contas a pagar, por exemplo. O corpo deveria sentir o bem-estar resultante dos cuidados necessários com a saúde. Deveria ainda ser capaz de movimentar-se relaxadamente, com uma sensação viva fluindo por ele. E evidentemente, quanto à função sexual, a pessoa teria de tratá-la com muito maior inteligência, entender seu verdadeiro sentido e o que ela pode oferecer. A função sexual não está ligada apenas à procriação, mas também à possibilidade de sentir afeto.

UM PONTO DE VISTA EQUIVOCADO

Se não é assim que nossos cinco centros funcionam, eles não estão a serviço de nosso desenvolvimento harmônico, mas sim da angústia, da incompreensão, do preconceito,



Um Eixo Imutável torna possível a união dos opostos e a transformação dos elementos, transmutando o humano em Divino.
T. de Limojon de Saint-Didier, 1689, Frankfurt, 1765

do conflito, da guerra, da competição, do partidarismo, da defesa do fundamentalismo. Esse é o ponto! Na prática, quando as pessoas procuram refletir um pouco sobre a harmonização dos centros, veem tudo ao contrário, de baixo para cima. Dizem: "vou harmonizar meus centros para ir a outro nível". Esse ponto de vista é equivocado por ser egocentrado.

Dizer "Vou me aperfeiçoar para atingir níveis superiores de consciência" é distorcer o objetivo da purificação dos centros. Ao contrário, é com a purificação deles que nos tornamos pessoas menos egocentradas. Naturalmente não deixamos de ter o sentido de "eu", não deixamos de ter um



Krishna, a representação do EU REAL, conduz a carruagem de Arjuna durante a batalha.
Pintura de Bharadraja Dasa



ego, mas esse ego estará muito menos fechado em si mesmo. Tornar-se-á um ego que percebe a existência de algo muito maior do que ele e, portanto, estará em um caminho interessante. Quem qualifica as cinco funções passa a viver melhor e, conseqüentemente, a espalhar harmonia ao seu redor. Uma pessoa ressentida, por exemplo, é insuportável. O que ela produz na família e na sociedade é muito desagradável.

O DUPLO SENTIDO DA QUALIFICAÇÃO DOS CENTROS

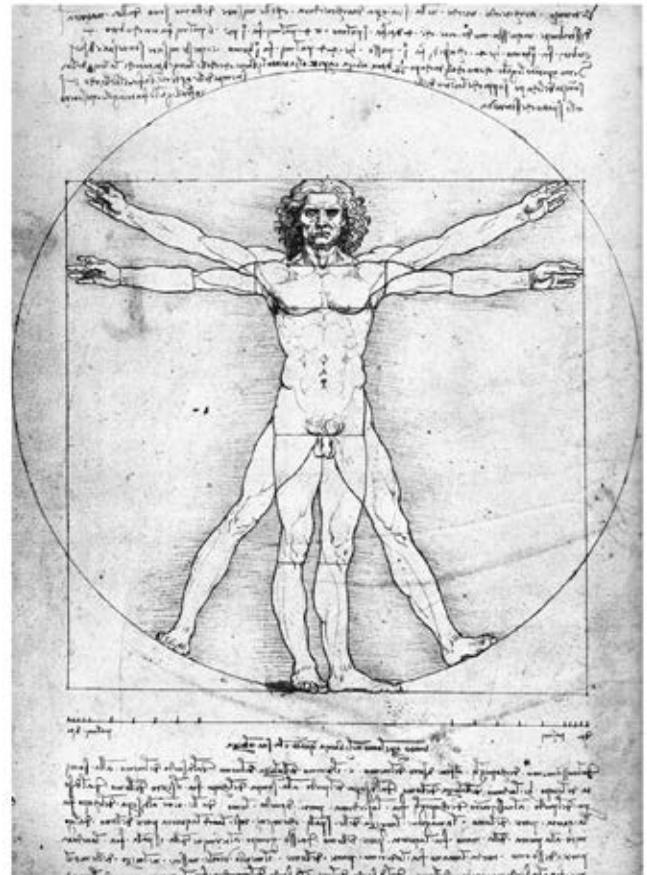
Na verdade, a qualificação das cinco funções tem um duplo sentido, pois nos prepara para servirmos a algo mais profundo em nós – ao terceiro plano de que falamos acima–, mas também para que possamos servir melhor à vida, à sociedade, aos nossos semelhantes. Nessa linha de reflexão, a qualificação dos cinco centros no homem harmônico é o pivô ideal entre algo mais profundo – que numa outra linguagem poderíamos chamar de sagrado – e o que, nessa mesma linguagem, poderíamos chamar de profano. É muito comum que pessoas interessadas no que chamam de mundo espiritual queiram alcançar uma suposta “iluminação”, mas sem se preocupar em qualificar seu segundo plano. Essa suposta “iluminação” pode eventualmente ocorrer de forma espontânea para alguma pessoa, ou porque ela seguiu algum método meditativo ou porque usou alguma droga. Mas isso não vai adiantar nada se ela não trabalhar seus centros para se expressar na vida e, portanto, não será uma verdadeira iluminação, mas apenas uma fantasia.

Este é o grande segredo: o segundo plano está ligado por duas pontas – de um lado está ligado à vida, pois é através dele que participamos da vida, mas de outro está ligado também ao mistério de nossa origem. Vou me manter na questão desse mistério. Cada ser humano que nasce é um mistério. Não quero dar uma resposta banal a isso, nem do ponto de vista da ciência nem do ponto de vista dito espiritual. Quero ficar com o mistério de nossa profundidade. Existe um intermediário entre ele e a vida. Se esse intermediário se encontra poluído, como acontece com a maior parte dos seres humanos, não se estabelece jamais uma ponte entre o profano e o sagrado, para usar novamente a linguagem religiosa. Ele polui cada vez mais

a vida da pessoa, estabelecendo um círculo vicioso perverso. A maioria dos seres humanos não está interessada em conhecer sua verdadeira constituição, o que leva a uma desarmonia gritante no seio da humanidade.

O PRINCIPAL OBJETIVO DE NOSSA ESCOLA

Em uma Escola como a nossa, esse objetivo está presente o tempo inteiro: todo o empenho de nosso trabalho é no sentido de qualificar a vida do ser humano para que possa encontrar-se com o mistério que ele é em sua profundidade. Sem dúvida, há necessidade de empenho para atingir esse objetivo. O tempo de duração desse empenho não pode ter data marcada: há pessoas que conseguirão qualificar seus centros em pouco tempo, ao passo que outras podem levar uma vida inteira.



As proporções da figura humana. Leonardo Da Vinci, c 1487

Quando acontece de haver essa qualificação, a pessoa passa a ter possibilidades extraordinárias, pois mergulha cada vez mais no mistério de seu próprio ser. Isso não significa que necessariamente sua atividade na vida a tornará famosa ou conhecida; pelo contrário, a pessoa que qualifica seus cinco centros perde a vaidade e não sente a menor necessidade de se tornar uma celebridade. No entanto, ela permitirá que o sol, sua natureza mais profunda, extravase para o mundo exterior, o que é de uma riqueza extraordinária como objetivo de vida.

Em nossa Escola, essa é a primeira meta a ser atingida. Notamos que noventa e nove por cento das pessoas que seguem



A verdadeira educação – que visa o desenvolvimento harmônico do homem – só pode ser conduzida por um mestre de trabalho interior. Quíron ensinando o jovem Aquiles. J.B.Regnault, 1782

os chamados caminhos espirituais estão atrás de experiências místicas e não da qualificação de seus cinco centros. Uma das coisas que mais apreciamos no ensinamento do Sr. Gurdjieff é a precisão com que ele coloca esse ponto. Evidentemente, ele não é o único, mas o faz de forma prática e clara.

A INTERLIGAÇÃO DOS CINCO CENTROS

Para que nossa natureza solar brilhe, é preciso que haja o desenvolvimento dos cinco centros. Há pessoas, por exemplo, intelectualmente brilhantes, cujo emocional tem sérios problemas, uma vez que são egoístas, sem nenhuma capacidade de afeto. Isso tem uma influência ruim sobre sua vida intelectual, motora, sexual e orgânica. Poderá, por exemplo, usar de forma cruel suas descobertas científicas ou passar por cima dos outros para alcançar fama e dinheiro. Essa pessoa nunca será equilibrada – o que impede o desenvolvimento de sua natureza profunda.

Em suma, os cinco centros se complementam, pois formam um conselho, uma cooperativa onde um deve orientar o outro. Na medida em que estão purificados, um passa a ouvir e ajudar o outro.

O CENTRO DE GRAVIDADE DO INDIVÍDUO HARMONIZADO

O Sr. Gurdjieff sempre se recusou a dar uma resposta à questão da existência de um centro de gravidade em torno do qual girariam todos os outros centros. Mas essa é uma questão crucial que deve ser objeto de investigação de quem busca a harmonização. Toda equipe tem um capitão e nessa equipe de cinco também deve haver um que comande, um centro catalisador. Fica aqui sugerido um tema para investigação.

A QUESTÃO DA MORTE LIGADA À HARMONIZAÇÃO DOS CENTROS

A questão da morte é bastante complexa; em geral, pensamos que ela é o desaparecimento do corpo físico.



Voltando ao esquema que expusemos acima, quando falamos em morte, estamos falando do plano visível de uma pessoa que deixou de funcionar e, por isso, vai desaparecer. Não sabemos o que ocorre com o segundo e terceiro planos dessa pessoa.

Em relação ao que pode ocorrer com o segundo plano ou com os cinco centros funcionais do homem no momento da morte do corpo físico, temos de distinguir, em primeiro lugar, entre o ser que nunca se interessou pelo mapa de sua constituição e, portanto, teve sempre seus centros funcionando em total desarmonia, e o que se preocupou com o assunto. No primeiro caso, é altamente improvável



Apolo é o símbolo de um emocional luminoso. Mitologia grega

que, na ocasião do falecimento do primeiro corpo, subsista alguma coisa. **No entanto, para o ser humano que se interessou pelo segundo plano, que o qualificou, purificou, pode ser que alguma coisa subsista após o falecimento do corpo físico.**

Naturalmente há divergências quanto ao assunto. Para a ciência contemporânea, nossos pensamentos e emoções se localizam no cérebro. Em nossa experiência, porém, não é bem assim que funciona o segundo plano. O cérebro é uma ferramenta do pensar e pode eventualmente até ser um instrumento das emoções, mas o princípio pensante e o princípio afetivo não fazem parte do plano biológico. Em geral, evito fazer essa afirmação porque, **para compreendê-la, é preciso ter a experiência interior.** O cientista tem a experiência do que vê, por exemplo, em seu microscópio, mas não tem a experiência interior. E é isso que complica a questão. Para discutir um problema de Matemática é preciso ter conhecimento e experiência no campo da Matemática. **Da mesma forma, quem quer debater uma questão relacionada à estrutura do ser humano precisa ter uma experiência interior que não se limite ao pensar, que vá muito além dele: a experiência de entrar diretamente na totalidade do próprio ser.** Em geral, os chamados pensadores ou filósofos não aceitam essa possibilidade, pois entendem que tudo se restringe ao processo pensante. E não há o que discutir com eles sobre o assunto, da mesma forma que não podemos debater com um matemático questões relacionadas à sua área, se não tivermos qualificação nesse campo.

A QUE INTERESSA A QUALIFICAÇÃO DOS CENTROS?

O que impulsiona a qualificação dos centros é algo que está ligado à nossa essência. Isso significa que o que impulsiona a purificação é o terceiro plano do nosso ser. Se a purificação não for provocada pelo terceiro plano, permanecerá prisioneira do plano da vida exterior. Por exemplo, pode-se treinar o mental para se tornar um político e ganhar mais dinheiro; pode-se cuidar do organismo, do físico, para se tornar um atleta campeão



Diana é o símbolo de um corpo luminoso. Mitologia grega

e obter fama e dinheiro; pode-se aproximar do próprio emocional para escrever um poema ou pintar um quadro e com isso brilhar, tornar-se célebre e rico. Logo, a motivação para a harmonização pode partir de dois lados: se partir de baixo, ou seja, das coisas da vida, não levará a bom porto. Para que frutifique nosso ser, ela tem de nascer do anseio do terceiro plano de se expressar limpidamente.

A PURIFICAÇÃO TRAZ A SIMPLICIDADE

Nas tradições taoista e zen-budista a simplicidade tem um papel fundamental. A pessoa que inicia esse processo de purificação torna-se muito mais simples. Muitas vezes ela passa a ser vista como desinteressante para os que vivem na agitação da vida, correndo atrás da satisfação de seus inúmeros desejos; em geral, essas pessoas gostam da companhia das que são complicadas

como elas. A pessoa naturalmente simples costuma passar despercebida.

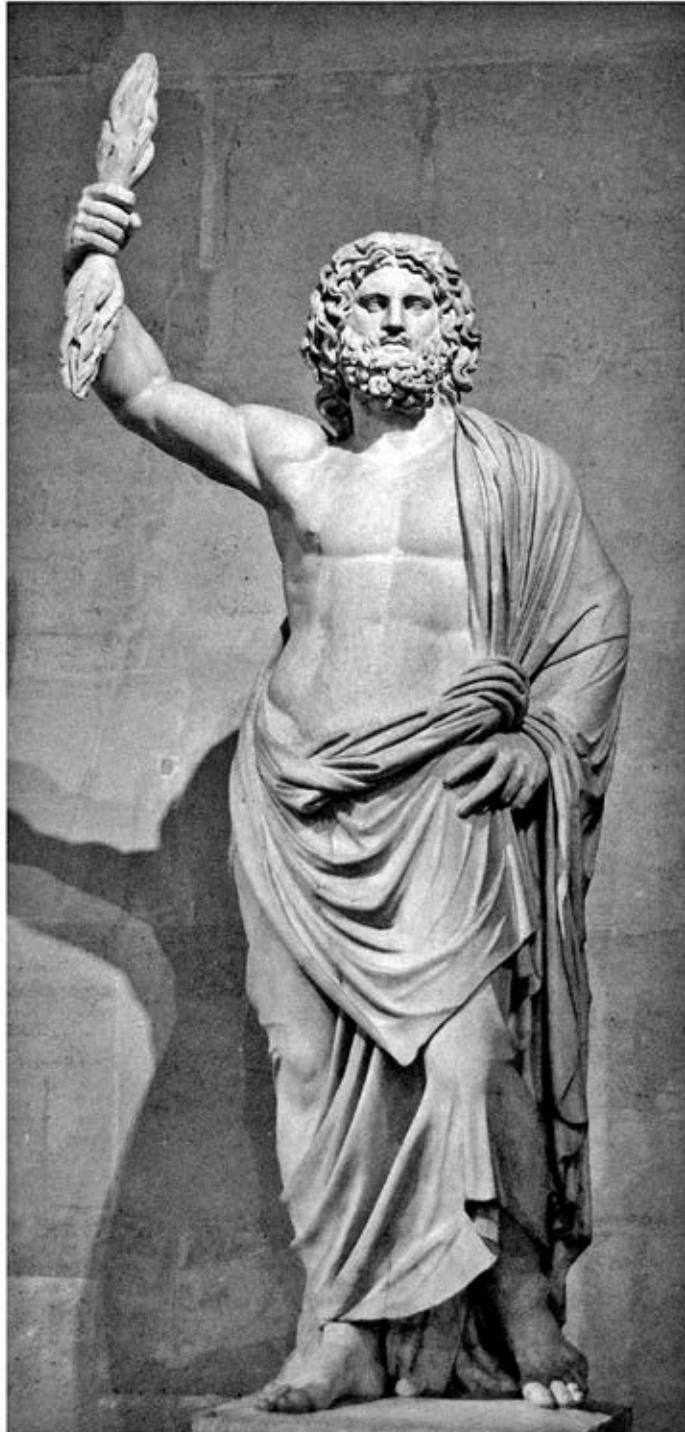
A PERMANÊNCIA DO ESTADO DE HARMONIZAÇÃO

Muitos me questionam sobre a possibilidade de viver permanentemente em estado de harmonia no segundo plano. **Eu diria que, quando se atingem certos patamares de funcionamento desse plano, não se regride mais.** Isso não quer dizer que não vamos sentir emoções, por exemplo. Ter purificado seus centros não significa que você não sentirá mais irritação ou tristeza. O que importa é que essas emoções não vão sequestrá-lo mais, depois que você alcançou determinado patamar. No plano mental acontece a mesma coisa. Uma vez que se chegue a determinado grau de purificação mental, que se desenvolva um pensar límpido, claro, pode-se até cometer alguns equívocos na vida e passar por momentos de dificuldades, mas o mental não perderá a qualificação. A clareza do pensar o fará reconhecer que se equivocou e o levará a retomar o assunto de outra forma. E o mesmo se dará no campo motor: tendo desenvolvido a capacidade de viver com o corpo relaxado, a pessoa dificilmente ficará tensa diante de qualquer situação. Não há regressão depois de atingir certo nível de purificação dos centros.

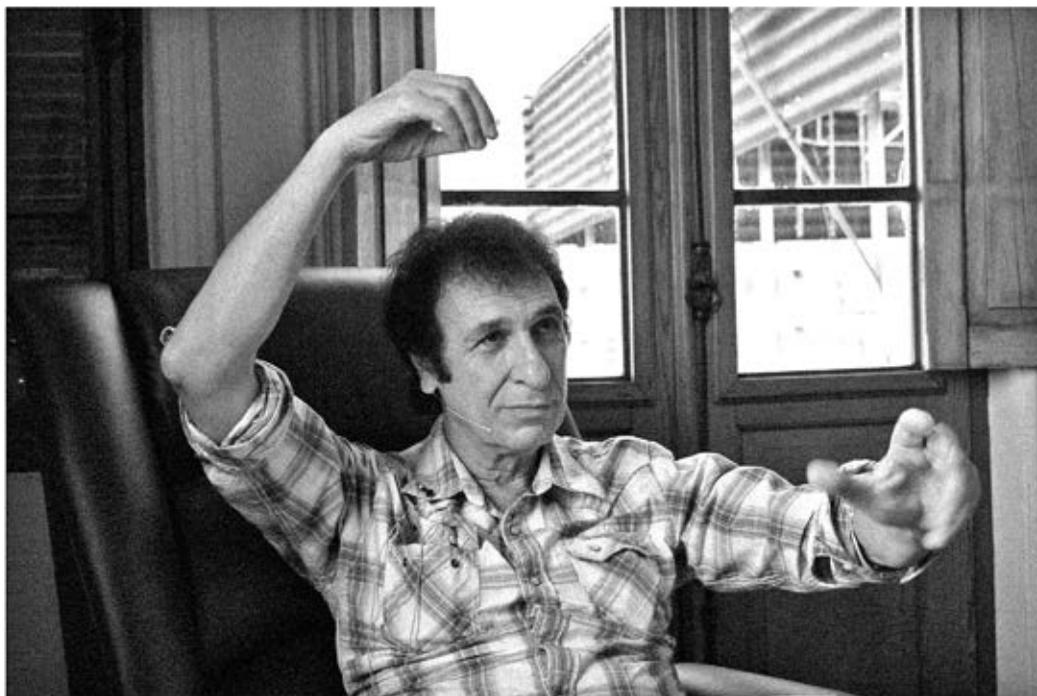
CONCLUSÃO

A harmonização dos centros é uma conquista, a conquista de um ideal maravilhoso, que traz para a vida cotidiana uma qualidade de ser incomparável. Essa qualidade se espalha ao redor de quem a tem, influenciando de maneira benéfica os mais próximos e a humanidade como um todo.

A partir da purificação dos centros podemos, tal como o Sol do nosso sistema planetário, irradiar Vida, Luz e Calor à nossa volta. Esse é o grande objetivo de nossa Vida, o que dá significado à nossa existência.



Zeus é o símbolo de um mental luminoso. Mitologia grega

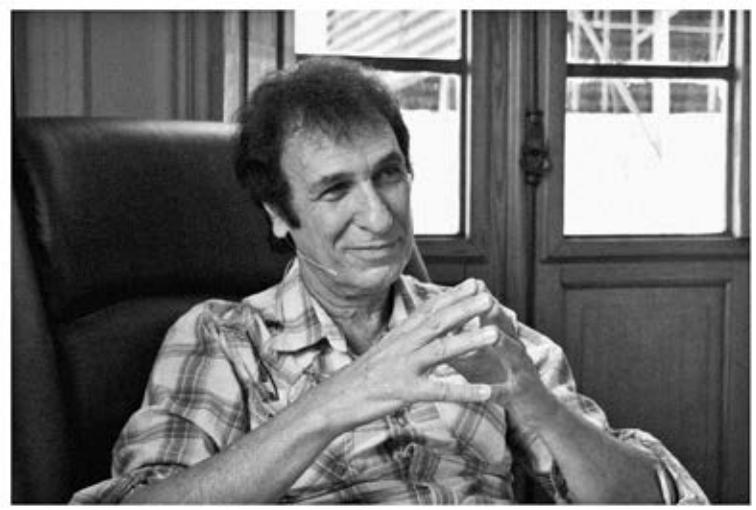
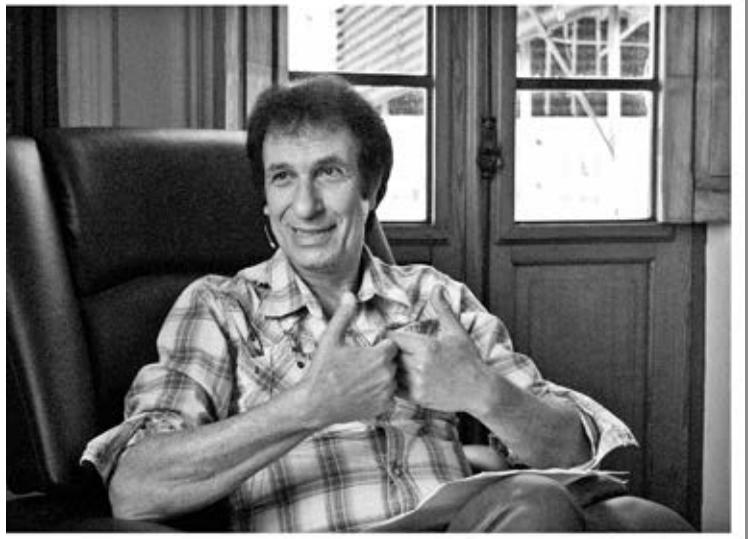


ENTREVISTA

DIÁLOGOS COM UM HOMEM DE ATENÇÃO

Lauro Raul

O CANTO E A DANÇA
COMO CAMINHOS DE
CRESCIMENTO INTERIOR



REVISTA SER: O legado que o Sr. Gurdjieff nos deixou apresenta três formas complementares de trabalho interior: o conhecimento, a música e a dança na forma de seus Movimentos. Em seu livro "Encontros com Homens Notáveis", o primeiro notável que ele nos apresenta é seu pai, um Ashokh, isto é, um cantor e contador de histórias, que canta a saga de Gilgamesh e a submersão da terra de Shurupak. Em outro trecho do mesmo livro aparece a figura de Vitoitskaia, mulher notável que busca incansavelmente compreender



Cena da "Tanoura dança", uma dança tradicional do Egito, que tem sua origem no sufismo Mawlawi

a música, as vibrações e suas influências sobre os seres vivos. Apon-ta ainda neste livro os frades monopsiquistas e os essênios, em sua maior parte israelitas, como profundos conhecedores de música, e que conseguiam fazer crescer plantas em meia hora, expondo-as às suas músicas e cantos. Chega-nos ainda a informação de que os tibetanos consideram a voz como correspondendo à função emocional. Por tudo

isso, gostaríamos de saber como podemos aprender a usar a voz com o objetivo de desenvolver nossa função emocional.

LAURO RAFUL: É correto dizer que a voz está intimamente ligada à função emocional, mas não há dúvida de que os cinco centros se manifestam através dela. Daí advém a dificuldade de as pessoas se expressarem com clareza. Muitas vezes, por exemplo, o centro sexual está falando no lugar do mental. Na verdade, a voz deveria ser a expressão do Eu Real; deveria, portanto, estar além dos cinco centros. Quando a voz está em contato com o Eu Real, os cinco centros vão-se harmonizando, suas funções vão-se equilibrando. O Eu Real é o pai e a mãe dos cinco centros. Logo, em primeiro lugar, temos de estar em contato com Ele. Em nossas apresentações aqui no Grupo, procuramos fazer a voz servir ao Eu mais profundo, ao Eu Real. É só a partir dele que pode haver equilíbrio interior.

RS: Isso faz todo sentido. Quando nossa voz sai diretamente dos cinco centros, ela sai falseada, pois é a voz que sai de nossa superfície, de nossa "persona".

LR: Sim, e isso é horrível. Muitos ditadores, como Hitler, por exemplo, fizeram discursos inflamados, baseados nas emoções, usando evidentemente as ideias que queriam impor às pessoas. Mas a verdadeira voz, a melhor voz, vamos chamá-la assim, é aquela que parte do Eu Real.

*Você só pode experimentar o que você não é.
Apenas a transitoriedade pode ser experimentada,
porque até mesmo aquele que experimenta é transitório.
Então, largue os conceitos advindos da experiência, o nome
e a forma.
Apenas Observe!
O "Eu" total e todos os objetos estão lá. Olhe para o "mim"
e tudo se dissolve.
Deixe o "Eu" olhar para o "mim".**

RS: Quando isso acontece, a voz vem cheia de poder, porque tem outra materialidade, não é?

LR: Sim, ela é portadora de outra vibração, de outro tom. Quando sai dos cinco centros, a voz vem carregada de interesses, de mazelas que revestem o nosso

“eu menor”, nossa persona. Só para relembrar, o ser humano possui cinco centros que exercem cinco funções: o centro mental ou intelectual, cuja função abarca todos os nossos processos mentais, tais como formar conceitos e imagens, raciocinar, comparar ideias e assim por diante; o centro emocional, cujo papel é produzir emoções como alegria, tristeza, medo, inveja, ciúme, etc.; o centro motor, que abarca todos os nossos movimentos exteriores, como andar, escrever, comer; o centro instintivo, que realiza todo o trabalho interno do organismo, correspondendo, portanto, à nossa fisiologia; finalmente, temos o centro sexual, cuja função, à primeira vista, é a procriação. Quando falamos aqui que a voz pode sair da persona, estamos dizendo que ela pode sair de um ou mais dos cinco centros, dos pequenos “eus” que compõem a nossa persona. É só quando a voz parte do nosso Eu Real que ela é verdadeira, que não parte da mentira dos nossos pequenos “eus”.

RS: Mas os nossos pequenos “eus” são úteis para nossa vida prática, não são?

LR: É claro, mas não precisamos abdicar do Eu Real para vivenciar os nossos pequenos “eus”. Por exemplo: você pode estar louco da vida, em atrito com alguém, e, ao mesmo tempo, estar em contato com sua profundidade, com o Eu Real. Você pode dançar, cantar, brigar, atuar, conversar, enfim, agir na vida comum, e tudo partir do Eu Real. É assim que deveria ser. Nossa voz é o instrumento por excelência da comunicação com o mundo. Ela pode encantar, fascinar, transmitir amor. Mas se partir só dos centros, ela não tem peso, não tem o lastro que vem do contato com o Eu Profundo, o Vedor.

*“Deus não é um objeto para ser visto, Ele é o Sujeito.
Ele não pode ser visto. Ele é o Vedor. Encontre este Vedor”.**

RS: É incrível, mas percebemos quando a pessoa está falando só com a voz do mental, por exemplo. Percebemos pelo tipo de vibração que ela carrega.

LR: Sim, percebemos pela vibração. As pessoas que falam só pelo mental, em geral, não são bem-sucedidas na abordagem de alguém com quem querem se relacionar amorosamente. As que são mais diretas, que falam mais



Krishna é o Bem-Amado das gopis, sempre enamoradas de sua presença luminosa. Pintura de Muralidhara Dasa

do coração, agradam muito mais. Por isso, conselhos de revista para satisfazer parceiros de relacionamento amoroso não funcionam. Não existem fórmulas para isso. A nossa fala deveria ser sempre a testemunha do Eu Profundo, do Vedor, e não dos nossos pequenos “eus”.



O som da flauta de Krishna tem o poder de atrair nossa Alma para o Divino. Pintura de Muralidhara Dasa



O Senhor Kaitanya, uma das encarnações de Vishnu, em êxtase, dançando a felicidade da união com o Divino. Pintura de Ramadasa Abhirama Dasa

RS: Mas o centro emocional, em geral, trabalha de forma muito precária e isso aparece no tom da nossa voz.

LR: Um grande mestre do século passado dizia que, quando ele ia conversar com as pessoas, sentia um tremor, pois havia um grande temor dentro dele. Se tivesse de falar para uma plateia de duzentas ou trezentas pessoas, ele estremecia. Mas quando chegava ao local da palestra, instalava-se dentro dele uma calma e ele ficava apto a falar e responder a todos com muita tranquilidade e grande discernimento. Portanto, o emocional também tem de servir ao Eu Real. Não podemos ficar na persona quando vamos falar em público. Quando fazemos nossas apresentações aqui na Escola, temos de sair de nós mesmos para que nossa voz transmita algo com substância. Se não, ficamos fracos e nossas palavras não tocam o coração das pessoas. Nossa voz é a ponta exterior

dos centros, que deveriam estar animados pelo Eu Real. Em nossa apresentação sobre o Amor, falamos a seguinte frase: "Quem não se expressa não aprende a Amar". É preciso treinar a emissão da voz, é preciso expressar-se. Se gosto de alguém, é preciso que eu o diga a essa pessoa. Se ela se envaidecer por causa disso, problema dela. Temos de expressar o nosso Amor, e só o fazemos quando estamos em contato com o nosso Eu profundo, com o Sol Interior; caso contrário, a nossa expressão fica vazia.

*Estamos todos vivendo no néctar do "Eu"
e, no entanto, todos nos lamentamos: "Estamos sofrendo!"
Todo mundo está na Graça Divina.
A Graça rodeia a todos,
dentro e fora e em todo lugar.
No entanto, não estamos satisfeitos.**

RS: Para falar de canto e dança, precisamos nos referir ao aparecimento da música na história da humanidade. Teria a música sagrada surgido antes da profana, ou seja, na origem a música teria sido uma forma de comunicação do homem com o Divino?

LR: A música existe naturalmente no Universo. O homem apenas descobriu o que sempre existiu, mesmo antes do aparecimento da humanidade.



Shiva Nataraja, o Senhor da Dança. Iconografia hindu

RS: Sabemos que a música é uma combinação de sons e silêncio. Dizem as Escrituras Sagradas: "No Princípio era o Verbo". Portanto, na origem do Universo estariam o som e o silêncio. Podemos dizer, então, que a Criação do Mundo foi a primeira música universal?

LR: Sim, o verbo é vibração e vibração é música. Tudo no Universo é música. O som do trânsito na cidade, por exemplo, é música. Quando pronunciamos o som OM, estamos fazendo música. O homem apenas entrou em contato com essa vibração. É claro que, com o tempo, ele foi descobrindo diversas combinações de sons, que originaram as escalas musicais. Mas na origem, vida é música. O nosso corpo vibra por música. Se encararmos a música dessa forma, tudo fica muito interessante. A vida é música, porque vida é vibração. É o *Sat* original da tríade hindu *Sat, Chit, Ananda*, que significam, respectivamente, Vida, Consciência e Beatitude. Portanto, quando entro em contato com a vibração original da vida, posso dizer que estou em contato com Deus. A vibração original é Deus!

Quando a mente está quieta, tudo é "Eu".

Quando a mente se move, o mundo surge.

Então fique Imóvel, jogue tudo fora, e fique Livre.

Assim, quando a mente estiver pura, você verá o Eu em todos os Seres.

Pare de ver com o olho exterior e o olho Divino se abrirá.

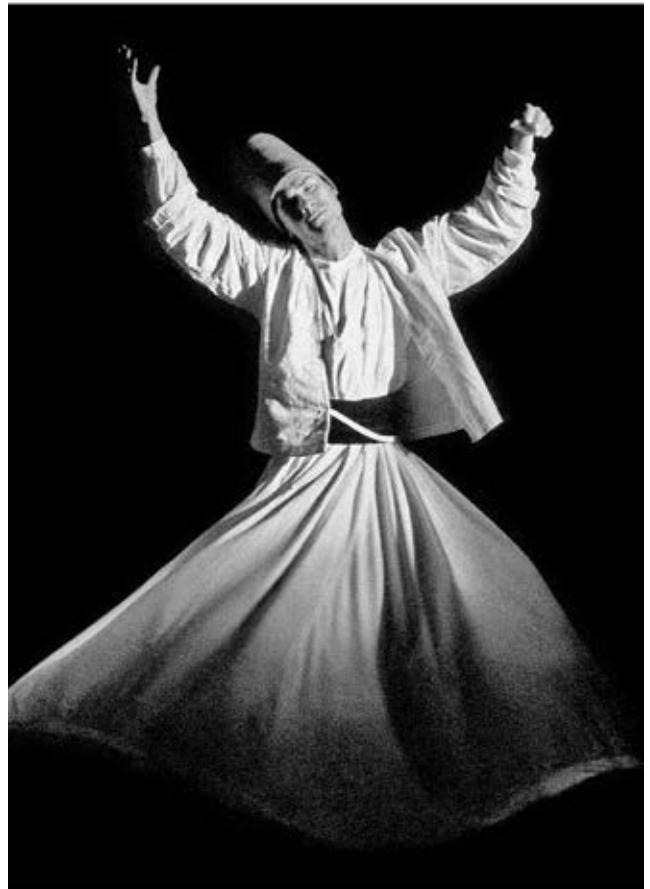
Se pensamentos surgirem, deixe-os surgir.

Se pensamentos se forem, deixe-os ir.

*Nenbuma noção de Liberdade é a Liberdade, Nenbuma intenção de Liberdade é a Liberdade.**

RS: Quer dizer que a música é sagrada em sua origem?

LR: Sim, é divina em sua origem. Se faço contato com a vibração que está em meu corpo através da circulação sanguínea, da respiração, do batimento cardíaco, estou entrando em relação com Deus. Quando entro em contato com os pensamentos que não param de passar por minha cabeça, com as emoções que estão se agitando dentro de mim, entro em contato com Deus. Deus é música! "No princípio era o Verbo". Verbo é vibração, é música.



O giro do derviche leva-o ao êxtase.

RS: E a dança?

LR: Quando dançamos, estamos expressando a vida. Muitas pessoas têm dificuldade de dançar. A coisa mais difícil para a maioria das pessoas é soltar e relaxar o próprio corpo. Em geral, elas têm vergonha de se expor, de se expressar através da dança, da mesma forma que não conseguem expressar-se através da voz. No entanto, a limitação não vem apenas do centro emocional. Há pessoas que têm dificuldade até de esticar o braço completamente, o corpo delas está sempre tenso; outras não falam, balbuciam apenas, não conseguem ocupar o espaço com a voz. É sempre o problema da expressão. Por outro lado, é muito bonito ver alguém com um corpo maleável, que se comunica com gestos precisos, nem tímidos nem exagerados, dentro do contexto justo. Essas pessoas são a manifestação da suavidade, do relaxamento.



Fred Astaire e Ginger Rogers



RS: *Insistindo no mesmo tema, se soubermos ocupar o nosso espaço quando dançamos, o movimento sai perfeito. O problema é que muitas vezes ficamos tímidos, muito menores do que somos na realidade.*

LR: Esse é o cerne do problema: é a falta de contato com a própria profundidade, com o Sol Interior, que nos torna tímidos. Em contato com ela, aprendemos a nos expressar através dos cinco centros. Em contato com a profundidade, deixamos de ser tímidos, pois nosso centro emocional se fortalece. Passamos a nos manifestar a partir de uma corrente que vem lá do fundo, do *Big Bang* original, do Verbo.

RS: *Se isso não acontece, somos apenas um bando de sonhadores?*

LR: Sim, somos prisioneiros da ilusão de que estamos nos libertando. O grande objetivo do ser humano deveria ser o de ficar em contato com sua profundidade, que chamamos de Eu Real, para que os centros aprendam a se manifestar livremente no mundo. A partir disso, cada um se expressa conforme suas possibilidades, com as facilidades ou dificuldades do seu tipo astrológico, por exemplo. Assim, a beleza se manifestaria de forma diferente através de cada um. O corpo de cada pessoa, exprimindo-se a partir desse contato, encontrará seu tipo de beleza.

*O Eu está sempre Presente, a Beatitude está sempre Presente.
Você não precisa trabalhar para atingi-la [a Beatitude],
Apenas remova os obstáculos que o impedem de vê-la.
O único obstáculo é: apego ao passado.**

RS: *Em nossa Escola, as pessoas têm oportunidade de treinar a sua forma de expressão.*

LR: Mas você percebe a dificuldade que elas têm de fazê-lo. Nas reuniões de depoimentos, vemos a grande dificuldade que tantos têm de falar: alguns o fazem apressadamente, outros não são claros, ainda outros ficam muito presos, amedrontados; há também os que simplesmente não falam, não conseguem soltar a voz; enfim, mesmo aqui em nossa Escola, a maioria das pessoas não se expressa a partir de sua profundidade. No fundo, gostaríamos que todos o fizessem livremente. A liberdade só vem quando somos conscientes do Eu profundo.

*O Oceano não se esquece de que ele é uma onda,
mas a onda se esquece de que ela é um Oceano.*

*Isso é a "causa" de haver manifestação,
para o bem do jogo, esse esquecimento aparece.*

O mundo existe apenas para a celebração.

*A manifestação é apenas um Drama Cósmico a ser desfrutado.**

RS: *É só através de uma expressão livre que tocamos o sagrado?*

LR: Isso mesmo. O que é tocar o sagrado? É sair do nosso jeitão, do modo de expressão dos nossos centros quando não estão em contato com o Divino.

RS: *Muitas vezes, em vez de procurar o contato com o Divino, tentamos ser iguais a outra pessoa qualquer.*

LR: Sim, uma conhecida piada do humor judaico define bem isso. Um fiel foi procurar o rabino, preocupado porque, quando chegasse ao céu, não poderia dizer que tinha sido igual a alguns personagens bíblicos, como Moisés, por exemplo. E pergunta: "O que vou dizer lá no céu"? O rabino responde: "Quando você chegar ao céu, não vão lhe perguntar por que não foi igual a Moisés, mas, sim, por que não foi você mesmo". Esta piada é maravilhosa! Em vez de querermos ser iguais a pessoas que admiramos, deveríamos buscar o que é real em nós mesmos, procurar o Divino que existe dentro de cada um.

RS: *Cada um de nós tem um som?*

LR: Sim, cada um tem um som que lhe é próprio. Há sete bilhões de pessoas no mundo. O Divino se manifesta através delas, mas cada uma é portadora de um som.

RS: *Sem contato com a profundidade, essa nota fica cacofônica?*

LR: Isso mesmo, fica cacofônica, fica desarmônica.

RS: *Existe uma música da natureza? Em caso afirmativo, como podemos ouvi-la?*

LR: Qual é a música da natureza? É o som do pássaro cantando, do vento soprando, do rio fluindo, do murmúrio das ondas do mar, do fogo trepidando, da chuva caindo, do som amedrontador dos trovões, etc. Tudo isso é som da natureza, é a música da natureza, é o som

primordial dividido em muitas facetas, e que devemos aprender a escutar. Ao ouvir a música da natureza, entramos em contato com nosso Eu Real, com o som primordial. Vem então a sensação de estar aberto, de pertencer a algo muito maior, de estar conectado com algo que vai muito além da nossa persona. E isso é verdadeiramente engrandecedor! Não é difícil fazer essa conexão. Basta escutar. É tão gostoso...

RS: Em geral não ouvimos nem mesmo o que o outro está falando com a gente. Não percebemos o que a pessoa está sentindo.

LR: O que você está trazendo nos permite colocar aqui algo de extrema importância: quando verdadeiramente escutamos o outro, e isso só acontece quando estamos em contato com a nossa profundidade, o que ele fala cai em nosso espaço interior, num amplo espaço que é inteligente e que vai ajudá-lo a solucionar seus problemas. Quem escuta dessa forma está amando o outro,

independentemente de sua idade, sexo, crenças, etc. É esse o verdadeiro amor ao próximo.

RS: O outro é também uma manifestação da vida...

LR: A vida é a manifestação do Divino em tudo e em todos. Quando escutamos o outro, estamos escutando o Divino em uma de suas variadas expressões. Quando ouvimos os sons da natureza, sentimo-nos próximos ao Divino. Muitas vezes as pessoas têm manifestações que nos desagradam. Mas podemos escutar, por trás de sua fala, o som básico da pessoa. Não precisamos concordar com ela, só o fato de ouvi-la pode ajudar a curá-la de alguma forma. Para isso, é preciso estar nesse espaço inteligente. Quanto mais ampla e aberta for nossa escuta, mais oferecemos ao outro um espaço inteligente. Esta deveria ser a função de todo pedagogo: ensinar a escutar o que está por trás da manifestação.

O primeiro pensamento é "mim".

*Depois aparece o "meu",
e então vem toda a manifestação.**

RS: O que você está falando me remeteu novamente à frase bíblica: "No princípio era o Verbo". Talvez essa atitude de abertura possa construir um mundo novo.

LR: Sem dúvida, constrói. Quando você escuta uma pessoa, está clareando o mundo para ela. Um novo mundo está-se criando. A pessoa também entra num espaço inteligente. Pode ser que mais adiante ela volte a se contrair, mas, naquele momento, ela teve um vislumbre de amplidão, de outra qualidade, de outra finura. Lembre-se sempre:

Nada lhe pertence! Tudo é como a brisa.

*Deixe sua mente livre como a brisa
não se apegando a nada.*

*É este o segredo da felicidade:
desfrute o jardim,
mas não se apegue a nada!**

RS: Em quase todas as tradições, como a judaica, chinesa, japonesa, hindu, sufi, tibetana, etc., encontramos músicas e danças tradicionais que permaneceram ao longo do tempo, passando de geração em geração.



Isadora Duncan



Louis Armstrong

Qual é o real objetivo delas? Elas podem alterar os sentidos? Caso afirmativo, como isso acontece?

LR: Originalmente, o objetivo fundamental de todas elas era fazer que as pessoas entrassem em contato com sua profundidade. Com o tempo, muitas dessas propostas foram decaindo e passaram a funcionar como manifestações exteriores, que servem apenas às partes menores do ser humano. Na origem, porém, o objetivo de todas elas era o encontro com o Eu Real. Dançamos como forma de expressão do Eu, como forma de beleza. A beleza é expressão de amor, a beleza é expressão do Eu Real. Um movimento bonito pode ser feito para me envaidecer ou para ser expressão do Belo, entendido aqui como qualidade do Divino.

RS: Essas danças tradicionais alteram os sentidos?

LR: Sim, porque fazem com que eles se voltem para dentro da pessoa, e não para o mundo exterior. Mas não temos de viver apenas dentro de nós mesmos. Precisamos viver dentro e fora ao mesmo tempo. Quando nos movimentamos para executar uma dança sagrada, deveríamos entrar num estado bem diferente do que estávamos no início dela, para poder agir com essa qualidade mais fina. Em qualquer atividade em que entramos em contato com o Eu real, com o Eu profundo, voltamos diferentes. Quando vocês praticam os Movimentos aqui na Escola, não saem diferentes? Foi porque alteraram os seus sentidos.

RS: Saindo aqui do Grupo, após ter praticado a Revitalização Integral ou os Movimentos, sinto que as pessoas na rua me olham como se eu tivesse alguma coisa estranha.

LR: Existe uma vibração de qualidade que atrai as pessoas, embora elas não saibam disso. Quando sentimos essa vibração, adquirimos um poder de atração. Mas é claro que não devemos deixar que nosso eu menor se apodere disso para ficar mais atraente.

*O "mim" é uma onda, é mente, é samsara, é desejo,
é arrogância, é maldade, é confusão.
Identificar-se com o "mim"
é identificar-se com o passado e o futuro.
Agarre-se a isso e você sofrerá e ficará preso nisso.
Abandone isso: Liberdade!**

RS: A pessoa que sobe ao palco muitas vezes fica com essa vibração que é de outra ordem, não é?

LR: Num certo sentido, todo ator ou atriz, quando sobe ao palco, por mais egocentrado que seja, vai experimentar essa vibração, uma vez que é obrigado a sair de si mesmo, é obrigado a doar-se. Esse é o ponto fundamental.

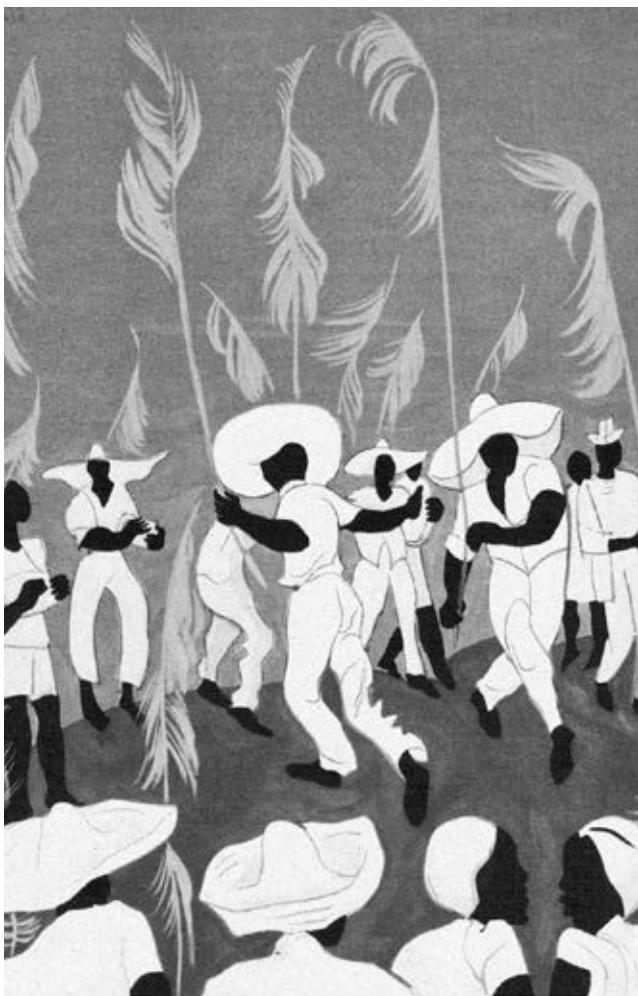
RS: Eu sinto isso quando dou aula. Fico preenchida.

LR: O princípio é o mesmo. O segredo todo está em sair de si mesmo, deixar-se de lado. Quando seu eu menor sai da frente, surge outra possibilidade. É esse o segredo para cantar, dançar, relacionar-se, expressar-se, enfim, para tudo.

RS: Na música profana há diferentes gêneros musicais produzidos ao longo do tempo pela humanidade. Eles revelam o nível de qualidade dos povos que os produziram? Qual é a importância deles na vida das pessoas?

LR: Claro que podem mostrar os diferentes níveis de qualidade desses povos, mas mostram também seu temperamento. Épocas distintas manifestam diferentes temperamentos de um povo. Por exemplo, a música de Noel Rosa, compositor que viveu na primeira metade do século passado, demonstra que tínhamos um temperamento diferente naquela época. Sua música era condizente com a atmosfera que reinava no Brasil naquele

momento. Os jovens muitas vezes não entendem a letra de suas músicas. Precisamos explicar o que acontecia no Brasil naquele momento. O que importa é que toda música, por mais tola que possa parecer, mostra o nível de ser daquele compositor naquele momento. As músicas profanas, ou seja, que não expressam o Divino, em geral exprimem ciúme, raiva, vingança, medo da perda,



Danças populares, Salvador, Bahia. Pintura de Manuel Kantor

despeito, etc. O Lupicínio Rodrigues, compositor que viveu nos meados do século passado, expressou com maestria o desejo de vingança. Na verdade, a música popular, em geral, expressa as inclinações do ser humano que podem ser resumidas nos sete pecados capitais, como foram chamados pela religião. Naturalmente, ela

não expressa o contato com nossa imensa profundidade, que é Divina. Mas tem o seu lugar. Muitas vezes, a música popular é agradável aos nossos ouvidos e pode servir para as pessoas entenderem que existe outro mundo vibracional atrás dela.

*A criação do inferno é a mente voltada para fora
dizendo "Eu sou o corpo".*

*A criação do céu é a mente voltada para dentro,
sabendo que "O reino do céu está Dentro".*

*A mente voltada para dentro
verá a sua Fonte e não mais retornará,
porque você fica com aquilo de que mais gosta.**

RS: Mesmo o Carnaval, que é canto, dança e teatro ao mesmo tempo...

LR: Para os que desfilam ou que participam dos blocos de rua, é uma delícia. Muitos vivem em função disso, da delícia que é sair de si mesmo. Nos dias de Carnaval, mesmo a pessoa mais pobre adquire certa importância. É gostoso tomar parte, passar pela experiência, fazer. Quem dança, mesmo que esteja bêbado, sai do seu papel. Pode vestir-se de mulher, de vampiro, do que quiser. Adquire a liberdade de sair de si mesmo. É muito bom fazer isso, e o carnaval o permite. A ideia central do assunto de que estamos tratando é deixar de lado o nosso eu menor, o eu social – para que a magia aconteça. Sentimos isso quando fazemos nossas apresentações aqui na Escola. Os músicos daqui também saem de si mesmos quando cantam.

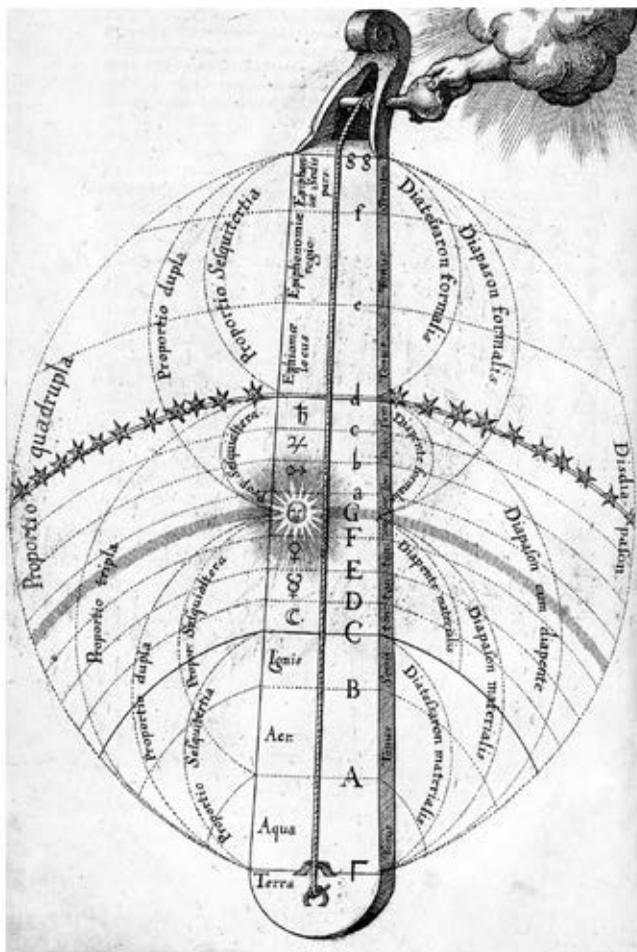
RS: De que maneira o canto e a dança podem se tornar um caminho de crescimento interior? Você poderia falar-nos de sua experiência pessoal nas apresentações aqui na Escola, abertas ao público? É interessante também lembrar que seus talentos fazem parte de seu tipo astrológico.

LR: Sem dúvida há algo do tipo astrológico que ajuda. Mas, de qualquer maneira, em primeiro lugar, devemos tentar transcender nosso tipo. Porque atuar, cantar, dançar, enfim, manifestar-se com o físico transcende qualquer tipo. É claro que tendências do meu tipo podem facilitar para eu fazer uma série de coisas, mas todo tipo permite isso dentro de seu modo próprio.

RS: Mas faz muita diferença colocar um leonino no palco ou um taurino...



LR: Mas esse é o grande desafio: cada um pode fazê-lo respeitando o seu tipo. Se não os palcos do mundo ficariam limitados a dois, três ou quatro tipos. E existem atores de todos os tipos. O grande convite das apresentações aqui é fazer cada um acreditar que pode sair de si mesmo, desde que trabalhe para isso. Temos de perceber que somos muito maiores do que nossa persona e nosso tipo astrológico.



A Música das Esferas. O monócórdio é o princípio interior que condiciona, a partir do centro do Todo, o acorde de toda a vida no cosmo. Robert Fludd, 1617

*Antes que a mente nasça, ela é Oceano,
Antes que o desejo a mova, ela é Vazio.
O universo inteiro é seu próprio desejo, então, desfrute-o,
mas não seja destruído por ele,
senão você se torna escravo de tudo o que deseja.**

RS: Podemos dizer então que o tipo astrológico é um instrumento de trabalho?

LR: Sem dúvida, é um instrumento, mas para isso não podemos acreditar que somos de tal tipo e não há nada a fazer. Isso seria negar o trabalho interior que propõe: "Vá além do seu tipo, vá além". Temos de estar sempre buscando novas soluções para nossa vida. Quando uma história ou uma peça nos provoca com desafios, precisamos procurar alternativas, independentemente do nosso tipo. A criatividade vem lá de dentro. O Sopro Divino nos aponta a direção a seguir.

RS: Existe uma frase famosa que diz: "Os astros inclinam, mas não obrigam".

LR: Sim, a famosa frase nos ensina como lidar com nosso tipo astrológico.

*O ladrão da paz é o desejo pelo transitório.
Então, aspire apenas ao que é permanente.
No Aqui, este Momento eterno, não há desejos.
Fique Quietos e veja do que você realmente precisa.**

RS: O canto e a dança podem curar?

LR: Podem, sim, curar nossa mania de dizer "Eu não posso, eu não consigo". Penso que não consigo me expressar, dançar, cantar, que não sou capaz de interpretar um personagem, que não consigo falar em público. Não acredite que você não pode! Para fazê-lo, é preciso apenas entrar em contato com o seu Eu real, sua profundidade, com a vibração original, com o Verbo Divino dentro de você. Aí tudo se torna possível. Temos de atuar na vida, temos de fazer para desenvolver-nos. Não basta ficar em casa estudando. Somos seres de execução no mundo. E quanto mais escutamos nossa profundidade, melhor executamos tudo. A autenticidade só vem do contato com a vibração original. Consciência e vibração. O prazer de agir, chamado *Ananda* na tradição hindu, vem com a ação. Juntamos consciência e ação para que o prazer de agir aconteça. Enquanto estivermos vivendo num corpo, temos de interagir, temos de comunicar-nos.

RS: Às vezes, essa inteligência que vem de dentro mostra que é hora de calar, de esperar, de ouvir e isso também faz parte da ação, não é?

SEEKERS of the TRUTH

*The complete PIANO MUSIC of GEORGES I. GURDJIEFF
and THOMAS DE HARTMANN*

Vol. 1



CECIL LYTTLE, Pianist

A música gurdjieffiana tem o poder de tocar o mais profundo de nosso SER.

LR: Sim, perfeitamente, faz parte da ação. Às vezes, agir com consciência quer dizer não agir. Isso é parte da ação justa. Temos primeiramente de perceber, ter consciência do que está acontecendo para atuar quando for oportuno e esperar quando necessário.

RS: O que você fala faz muito sentido. Com a vida toda informatizada, muitas vezes ficamos apenas girando informação, sem nenhum contato com as coisas reais. Não fazemos coisas. E isso pode causar muitos problemas psíquicos. Até mesmo o fato de as pessoas nas grandes cidades estarem buscando neste momento alguma forma de fazer algo, como

cozinhar ou fazer exercícios físicos, por exemplo, vem da necessidade de se integrarem à natureza.

LR: Sem dúvida nenhuma. Movimentar-se ajuda sua interação com a natureza. Precisamos mexer o corpo. Ele não foi feito para ficar parado. Temos de fazer, e quanto mais agirmos em contato com a consciência (*Chit*) e a vibração original (*Sat*), mais prazer teremos em fazer as coisas (*Ananda*). *Sat*, *Chit* e *Ananda* constituem o triângulo original de tudo que existe. O Verbo é isso. O Verbo é Consciência, Vibração e Desfrute.

*Lembre-se sempre:
os ladrões da Paz
são ladrões numa casa vazia,
porque só a imaginação sofre.
Você é a Paz,
que permanece Intocada.**

RS: *Sinto que acontece uma magia quando trabalho em conjunto com alguém, quando há uma parceria com um objetivo comum.*

LR: Mas a magia só acontece para quem está em contato com a própria profundidade, senão entramos em atrito. Já falamos da dificuldade de suportar algumas pessoas. Para que um bom relacionamento se estabeleça, precisamos reconhecer no outro sua vibração original. Não podemos mudá-lo. Podemos, sim, ser a nossa vibração original, que é única, e reconhecer a vibração original no outro, igualmente única. Sua vibração não é a minha e a minha não é a sua. Ao mesmo tempo, somos uma coisa só. Mas a nota que soa em cada um é diferente. Uma flauta nunca toca o mesmo som quando soprada por pessoas diferentes. O mesmo instrumento, tocado por duas pessoas, emitirá um som distinto – independentemente de as duas serem boas executantes. Por exemplo, o som do Louis Armstrong no trompete. Reconhecemos quando é ele que está tocando. Era um som único.

RS: *Essa música que cada um de nós consegue fazer é a expressão do nosso som interior através do nosso instrumento material, o corpo?*

LR: A música de cada um é a manifestação do som interior original que passa através dos centros. Estes deveriam expressar o Divino sem distorções. Teriam de estar limpos para poder expressar nosso som original. Existe uma prática do *Samayama* que consiste em olhar, escutar e tentar fazer. *Samayama* é a meditação do que se quer fazer. Para isso, nossos centros precisam estar limpos. Há, por exemplo, uma música que quero cantar. Fico escutando e tento inicialmente copiar o que estou ouvindo. Depois, o meu jeito de cantar aquela música aparece. Não é preciso ir a algum lugar para aprender a cantar. Pode-se fazê-lo, mas o ideal é deixar o canto sair de dentro. Para as nossas apre-

sentações aqui no Grupo, ninguém foi fazer curso de ator e, no entanto, estamos aprendendo a atuar. Só se aprende fazendo. A nossa mente e as nossas emoções é que nos impõem limites. Podemos ter maior ou menor facilidade, mas, desde que entremos em contato com o nosso Eu Real, tornamo-nos capazes de fazer qualquer coisa a que nos propoñamos.

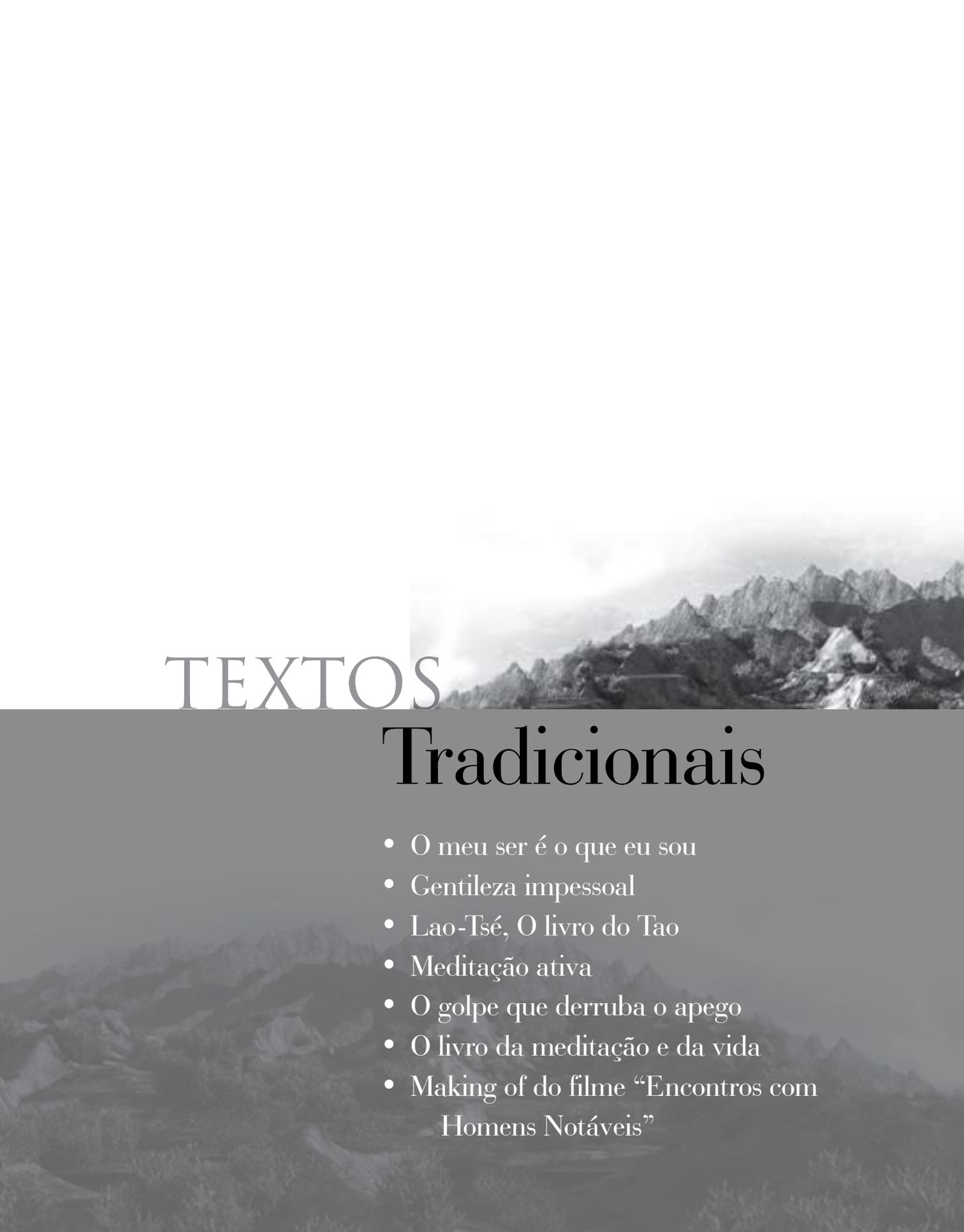


Tocador de alaúde. Caravaggio, c.1595-1596

*A mente é uma amiga divertida
Quando você lhe dá um bom trabalho
e uma inimiga terrível quando você a conduz
em direção aos objetos sensórios e aos prazeres.
Conduzir a mente em direção ao Eu é lhe dar um bom trabalho.**

Estar em contato com a profundidade, com o Eu Real, significa amar a natureza e os seres humanos ao redor. Para quem ama de verdade, não há limites.

* Textos da tradição hindu, inseridos pelo Lauro durante a entrevista, para melhor compreensão da ideia central.



TEXTOS

Tradicionais

- O meu ser é o que eu sou
- Gentileza impessoal
- Lao-Tsé, O livro do Tao
- Meditação ativa
- O golpe que derruba o apego
- O livro da meditação e da vida
- Making of do filme “Encontros com Homens Notáveis”

O MEU SER É O QUE EU SOU

Jeanne de Salzmann

O SER PODE MUDAR?

A vida ordinária está sob a lei do círculo das influências mecânicas. O caminho do desenvolvimento do ser é oposto ao da vida cotidiana. Está baseado em outros princípios, sujeito a outras leis. É esse o segredo de seu poder e sentido. Sem a ajuda de um caminho, de uma influência de outra ordem, não é possível nenhuma mudança de ser.

O Quarto Caminho é o caminho da compreensão. O centro magnético que leva alguém a um grupo de seguidores do Quarto Caminho é diferente daquele que leva a pessoa em direção a um monastério, a uma escola de ioga ou a um *ashram*. Este caminho conduz a outro tipo de iniciativa. Requer mente aberta e discernimento, isto é, a capacidade de distinguir a mecanicidade da consciência em alguém. Requer o despertar de outra inteligência. O que pode ser alcançado não depende de obediência. O conhecimento que resulta é proporcional ao estado de atenção desperta, de compreensão.

O Quarto Caminho começa a partir da ideia de diferentes níveis de ser. Mas o que é ser? O nível de ser é determinado pelo que entra na Presença de alguém em dado

momento, isto é, o número de centros que participam e a relação consciente entre eles. O nível de ser determina tudo em nossa vida, incluindo nossa compreensão. O meu ser hoje não está unificado. Ele é disperso, e, por isso, sem consciência. O ser pode mudar? Meu ser pode tornar-se diferente do que é hoje? É aí que começa a ideia de evolução, de trabalho. O primeiro passo é reconhecer que, através de certo esforço, posso viver um momento de Presença mais completa. Verei, então, que a mais leve diferença no nível de ser abre novas possibilidades ao saber e ao agir.

Meu ser é o que eu sou. Se não me conheço como sou, eu não conheço meu ser. Nem mesmo acredito que precise desse conhecimento. Mas, a não ser que eu adquira tudo que é possível no nível em que me encontro, não posso receber mais, não posso compreender mais. Ao mesmo tempo, devo reconhecer que a compreensão só pode mudar aos poucos. Um instante de nova compreensão traz certo conhecimento, mas é insuficiente para transformar o meu ser. No entanto, pode mostrar-me que, em meu presente estado de ser, sou incapaz de receber mais, e posso apenas considerar o próximo passo. Se, por exemplo, vejo que estou disperso, e



Uma foto rara, onde aparecem as cinco gerações:
Madame de Salzmänn com sua filha Natalie, a neta Ann-Mary,
a bisneta Guebi e a pequena Amelie, sua tataraneta.

não unificado, posso trabalhar nesse passo. Somente quando eu tenha verdadeiramente compreendido esse passo, estarei apto, num estado unificado, a ver o próximo passo para sentir minha Presença como um todo.

A mudança no ser acontece através da transformação. Na analogia que Gurdjieff usou, é como uma mistura de pós metálicos transformada num componente químico por meio de um processo de fusão. Isso requer um tipo especial de fogo, um calor produzido por "fricção" na luta interior entre o *sim* e o *não*. O composto que disso resulta corresponde ao segundo corpo, à formação de um "Eu" único, total e indivisível, que é "individual" no sentido de que pode resistir às influências de fora e viver sua própria vida. Esse componente químico pode então, através de certo trabalho, passar por outra mudança.

O Quarto Caminho é para ser vivido, experimentado, não simplesmente cogitado ou dado como verdadeiro. As ideias trazidas por Gurdjieff contêm um conhecimento de um nível mais elevado, que precisamos vivenciar para compreender. Mas esse conhecimento está codificado. Isso significa que uma pessoa falando sobre o trabalho, ou tentando passar adiante esse conhecimento, pode não saber do que está falando. A não ser que estejamos aptos a viver as ideias e decifrar esse código, esse conhecimento será sempre deformado, podendo ser usado para outros fins, e produzir resultados contrários ao seu propósito original.



Madame de Salzmán com seus alunos

A demanda de viver o ensinamento implica respeito pelas formas que são dadas, mas sem medo de modificá-las quando essa necessidade é indicada por uma compreensão profunda. Ela também apela para certa atitude face aos ensinamentos tradicionais. Não devemos permitir a falsa complacência para fechar nossa mente a outros caminhos. Na verdade, podemos encontrar muitos princípios e práticas em comum. Mas comparações só são úteis depois de termos compreendido o caminho que nos foi

transmitido. Temos de nos proteger para não julgar com a mente antes de ter acolhido a intuição, que está no núcleo da experiência, para nos trazer conhecimento. Estudar temas gerais é uma coisa, mas dar passos em outro caminho é muito diferente, especialmente experimentando práticas de outros ensinamentos. Quando verdadeiramente entramos nesse caminho, a experiência usa a energia em certos canais para produzir resultados que dependem da compreensão. Nesse caso, aproximar-se de outro ensinamento é uma questão complicada, principalmente se alguém se submete a uma prática ou disciplina que produz um choque na mente. Se o resultado não advém da compreensão, pode trazer uma atitude, e até mesmo uma cristalização, que retira qualquer liberdade de seguir adiante.

Extraído e traduzido do livro *The Reality of Being – The Fourth Way of Gurdjieff* (A Realidade do Ser – O Quarto Caminho de Gurdjieff) Ed. Shambala.

GENTILEZA IMPESSOAL

relato de Tchekhovitch*

O Sr. Gurdjieff nunca permitiu a alguém dizer que ele agira por gentileza, embora nos parecesse óbvio que ele assim o fizera. Muitas vezes perguntei a mim mesmo que motivos estariam por trás de suas frequentes ações imprevisíveis. Elas tinham origem na gentileza, na simpatia, ou havia algum outro imperativo interior?

Com certeza, o seu motivo não era gentileza, no usual sentido sentimental da palavra. Isso era especificamente verdadeiro em relação a seus discípulos. Não, se fosse gentileza, era gentileza verdadeira, originada em outro lugar. A fonte de suas ações, palavras, e pontos de vista sobre todas as coisas só podia ser descrita como algo chamado amor. Não era um sentimento pessoal pelo outro, mas sim um sentimento que vinha de algum outro lugar. E isso incluía suas relações com os alunos. Em outras palavras, era uma abertura a um sentimento do sagrado que ele compartilhava com os outros. Era totalmente diferente de sua legendária generosidade, de sua gentileza no sentido usual do termo, da qual presenciávamos lampejos cômicos e inesquecíveis quase todos os dias.

Como eu estava frequentemente com ele em diferentes horas do dia, vi, de forma íntima, aspectos de sua vida dos quais a maioria de seus alunos, que só assistiam aos grupos da noite, nunca tomaram conhecimento. Falei muitas vezes de sua gentileza comigo, mas hoje

quero recordar alguns acontecimentos que tive a sorte de testemunhar.

O Sr. Gurdjieff sempre fazia as próprias compras quando dava seu passeio matinal. Assim que voltava, começava a trabalhar na cozinha. Durante esse tempo, ele não recebia nenhum de seus alunos, e a porta que dava para a escadaria principal permanecia fechada.

Mas a história era bem diferente na escadaria dos fundos. Só vendo para crer: de baixo até em cima, havia uma longa procissão de pedintes, parasitas e similares. Um carregava sua tigela, outro seu prato de lata, outro ainda um pote velho, todos vinham receber solenemente uma abundante ração de sopa acompanhada de palavras gentis. O Sr. Gurdjieff os servia diretamente das panelas enormes enquanto perguntava sobre a saúde de cada um, nunca se esquecendo dos que não puderam vir porque estavam doentes. Se descobrisse que alguém ficara doente, ele dizia: "Bem, vamos mandar para ele algo especial!" e, dependendo da última informação que tinha sobre a pessoa, ele enchia o recipiente com uma iguaria ou outra que havia preparado.

Havia aquela velha senhora que vinha buscar comida para si mesma e para o marido que não podia mais andar; ou aquele homem desnutrido e doente que dizia não poder mais trabalhar; outras vezes, vinham crianças de famílias grandes e indigentes; e o zelador de um prédio vizinho que havia cuidado de um tenente acamado no sétimo andar por muito tempo.

Um dia aparece uma velha senhora da aristocracia russa, que cumprimenta o Sr. Gurdjieff respeitosamente. Ele pega sua tigela enquanto pergunta pela saúde de seu marido. Em vez de responder diretamente, ela começa a assumir ares de afetação, a rebaixar-se, e a bajular o Sr. Gurdjieff que ainda não sabe que comida seria apropriada para ela. Ele a interrompe e lhe faz a mesma pergunta, dessa vez mais secamente. Finalmente a senhora lhe responde, mas enquanto o Sr. Gurdjieff a serve, ela repete seus elogios mundanos. Fico constrangido por ela e faço um movimento em sua direção, esperando fazê-la compreender que está pisando em terreno perigoso.

Mas, tendo perdido o controle por sua bajulação, ela fica totalmente inconsciente e continua a comparar a gentileza do Sr. Gurdjieff com aquela suprema... Eu não fixei na memória que modelo de perfeição de virtude ela usou, porque ele a interrompe no meio da frase: "Você, seu marido, e toda a sua espécie fizeram seu caminho na vida desempenhando o papel de 'puxa-saco', e apesar de tantos anos no exílio, ainda não ficaram livres desse traço repugnante. Isso é verdadeiramente triste!"

A mulher começa a se justificar e a se desculpar, e o Sr. Gurdjieff lhe diz: "Está bem, está bem, eu sei que não é culpa sua. Agora dê o fora daqui, ainda temos muito que fazer."

A mulher, ofendida, dirige-se para a porta, mas o Sr. Gurdjieff a tranquiliza com uma voz calorosa, simplesmente dizendo: "Até amanhã."

Essa cena repetia-se todas as manhãs, a procissão em geral terminava em cerca de uma hora, para, algumas vezes, recomeçar à noite. O Sr. Gurdjieff também preparava enormes quantidades de comida para compartilhar com seus alunos e outras pessoas que frequentavam regularmente seu apartamento. Sua mesa era uma verdadeira cornucópia, porque não se passava nenhum dia sem que quantidades de comida chegassem do mundo todo: do sul da França, da Espanha, da Turquia, da Austrália, das



Sr. Gurdjieff em uma rua de Paris

Américas, e até da África. Se não tivesse ninguém para comer junto, porém, ele preferia não comer nada.

Quanto às crianças, o Sr. Gurdjieff nunca saía de casa sem encher os bolsos com um bom suprimento de balinhas e doces variados. Quando encontrava uma mãe com seu filho, ele sempre oferecia uma balinha ao pequeno. Se a criança a oferecia à sua mãe, ele lhe dava mais duas. Mas se a criança não oferecia nada, ela ganhava só uma. Se a mãe escondia o doce para dá-lo à criança mais tarde, ele lhe dava mais dois. No bairro em que fazia sua caminhada habitual, o Sr. Gurdjieff era bem conhecido de todas as crianças e daqueles que as acompanhavam. Era uma espécie de Papai Noel, e era chamado "Senhor Balinha".

O leitor pode estar irritado com o que parece ser uma afeição cega e uma parcialidade sem limites de minha parte. Se assim é, por favor, desculpe uma devoção que pode parecer excessiva. Deve-se imaginar o quanto viver ao lado dele destruiu todas as formas habituais; descobri-se a si mesmo entrando literalmente no mundo do mito. Todos nós experimentávamos esse mesmo sentimento.

Após a morte do Sr. Gurdjieff, presenciei muitas cenas tocantes. Por exemplo, uma velha senhora veio ao apartamento dele cerca de três semanas depois. Vencida pela notícia de que ele não estava mais lá, ela só conseguiu dizer: "E agora, como vou pagar meu aluguel?" Outra pessoa veio e disse: "Eu gostaria tanto de lhe ter agradecido. Ele pagou o tratamento da minha filha, e ela acaba de sair do sanatório, curada." Após ter ouvido falar da morte do Sr. Gurdjieff, um homem desmoronou numa poltrona, ficou em silêncio por dez minutos e depois murmurou: "Chegar da África do Sul e receber essa notícia. Que triste." E saiu.

E eu pensei: "Sim, que triste, que triste não tê-lo conhecido, mais ainda, que triste tê-lo conhecido e não tê-lo compreendido. E acima de tudo, que triste tê-lo compreendido e não ter servido ao seu trabalho."

*Tchekhovitch foi aluno do Sr. Gurdjieff por vários anos e aborda, neste relato, os últimos anos de vida do Sr. Gurdjieff, passados em seu apartamento na Rue Colonel Renard, em Paris.

LAO-TSÉ, O LIVRO DO TAO

LXIV. O COMEÇO E O FIM

Aquilo que repousa tranquilo é fácil de agarrar;
Aquilo que ainda não está manifesto é fácil de evitar;
Aquilo que é frágil (como gelo) é fácil de derreter;
Aquilo que é minúsculo é fácil de dispersar.
Lide com a coisa antes que ela esteja lá;
Impeça a desordem antes que ela seja predominante.
Uma árvore com um perímetro total de um palmo
começa como um brotinho minúsculo;
Um terraço de nove andares começa com um torrão
de terra.
Uma jornada de mil *li* começa nos pés de alguém.

Aquele que age, estraga;
Aquele que agarra, deixa escapar.
Porque o Sábio não age, ele não estraga,
Porque não agarra, ele não deixa escapar.
Os negócios dos homens muitas vezes se estragam a
um triz de serem concluídos.
Sendo cuidadoso no fim como no começo,
A falha é evitada.

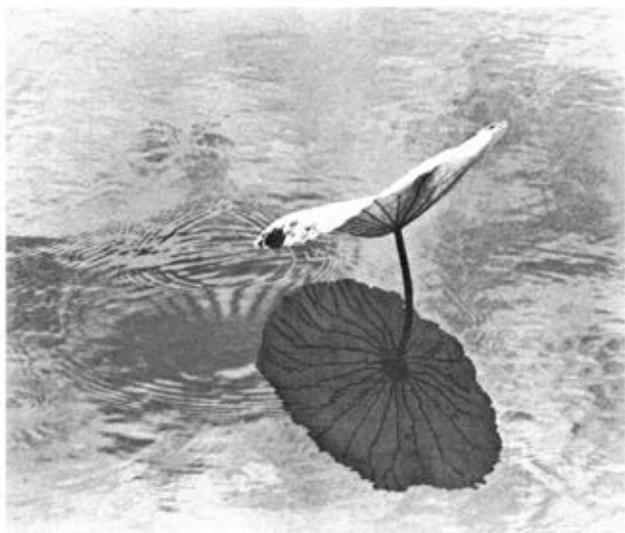
Portanto, o Sábio deseja não ter desejo,
E não valoriza objetos difíceis de obter.
Aprende o que está desaprendido,

E restaura o que a multidão perdeu.
Isso ele pode assistir no curso da Natureza
E não conjectura interferir.

LXVII. OS TRÊS PRAZERES

O mundo todo diz: meu ensinamento (Tao) assemelha-
-se muito à loucura.
Porque ele é grandioso; por isso se assemelha à loucura.
Se ele não se assemelhasse à loucura,
Teria há muito tempo se tornado insignificante
de fato!

Eu tenho Três Tesouros;
Guardo-os e conservo-os a salvo:
O primeiro é o Amor.
O segundo é Nunca demais.
O terceiro é Nunca ser o primeiro no mundo.
Por meio do Amor, não temos medo;
Por meio de não fazer demais, temos amplitude (de
poder de reserva);
Por meio de não pretender ser o primeiro do mundo,
Podemos desenvolver nosso talento e deixá-lo
amadurecer.



O lótus é o símbolo da iluminação. Kyoto, Japão

Se alguém renuncia ao amor e ao destemor,
renuncia à restrição e ao poder de reserva,
renuncia a seguir atrás e se apressa na frente,
Ele está morto!

Porque o Amor é vitorioso no ataque,
E invulnerável na defesa.
O Céu arma com o Amor
Aqueles que ele não veria destruídos.

LXXVI. DURO E MACIO

Quando um homem nasce, ele é mole e frágil,
Na morte, é duro e rijo.
Quando as coisas e plantas estão vivas, são macias e
flexíveis;
Quando estão mortas, são quebradiças e secas.
Por isso, a dureza e a inflexibilidade são companheiras
da morte,
E a maciez e a gentileza são companheiras da vida.

Por conseguinte, quando um exército for cabeçudo, ele
perderá a batalha.
Quando uma árvore for dura, ela será derrubada.

O grande e forte tem seu lugar embaixo.
O gentil e frágil tem seu lugar no topo.

LXXXI. O CAMINHO DO CÉU

Palavras verdadeiras não soam delicadas,
Palavras que soam delicadas não são verdadeiras.
Um bom homem não discute;
O que discute não é um bom homem.
O sábio não sabe muitas coisas;
O que sabe muitas coisas não é sábio.
O Sábio não acumula (para ele mesmo):
Vive para outras pessoas,
E ele mesmo fica mais rico;
Dá aos outros,
E tem uma abundância maior.
O Tao do Céu
Abençoa, mas não prejudica.
O Caminho do Sábio
Realiza, mas não combate.

Extraído e traduzido de Lao-tsé, *The book of Tao*.

MEDITAÇÃO ATIVA

Satprem

Quando sentamos de olhos fechados para silenciar o mental, somos imediatamente submersos por uma torrente de pensamentos – eles surgem de toda parte como ratos enlouquecidos, até agressivos. Não existem trinta e seis métodos para acabar com essa algazarra, é tentar e tentar muito, pacientemente, obstinadamente. E, sobretudo, não cometer o erro de lutar mentalmente contra o mental; é preciso deslocar o ponto central. Temos, cada um, acima do mental ou no mais profundo, uma *aspiração*, a mesma que nos colocou no caminho, uma necessidade do nosso ser, como uma senha que tem valor apenas para nós; se nos agarramos a isso, o trabalho fica facilitado, pois passamos de uma atitude negativa a uma atitude positiva – quanto mais repetimos a nossa senha, mais ela adquire poder. Podemos também nos servir de uma imagem, como a de um mar imenso, sem nenhuma rugosidade, sobre o qual nos deixamos flutuar – ficamos boiando e nos tornamos essa imensidão tranquila. De uma só vez, tomamos conhecimento não apenas do silêncio, mas do alargamento da consciência. Na verdade, cada um deve encontrar o seu método e quanto menos colocar cristação nisso, mais êxito terá: *pode-se começar por um processo qualquer, que normalmente exigiria um longo trabalho, e ser pego desde o princípio por uma rápida intervenção ou uma manifestação do Silêncio, com efeitos absolutamente desproporcionais*

aos meios utilizados no primeiro instante. Começa-se por um método, mas o trabalho é retomado por uma Graça vinda do Alto, Daquele a quem se aspira, ou por uma irrupção das infinitudes do Espírito. Foi dessa maneira que eu mesmo encontrei o silêncio absoluto do mental, inimaginável por mim antes de ter tido a experiência concreta. Tocamos aqui um ponto muito importante, porque somos tentados a pensar que essas experiências iogues são muito belas e muito interessantes, mas que estão longe de nossa humanidade habitual; como nós, tal como somos, poderíamos algum dia chegar lá? O erro é julgar com nosso eu atual as possibilidades que pertencem a outro Eu. Ora, o iogue, precisamente, acorda de forma automática, apenas pelo fato de ter colocado em marcha uma gama de faculdades latentes e de forças invisíveis que ultrapassam consideravelmente as possibilidades de nosso ser exterior e que podem fazer por nós o que normalmente somos incapazes de fazer: é preciso purificar a passagem entre o mental exterior e o ser interior... porque a consciência iogue e seus poderes já estão aí em você, e a melhor forma de “purificar” é fazer silêncio. Não sabemos quem somos, e muito menos do que somos capazes ou não.

Mas os exercícios de meditação não constituem a verdadeira solução do problema (embora sejam muito necessários no começo para dar o impulso), porque chegaremos talvez a um silêncio relativo, mas assim que pusermos o pé fora do nosso quarto ou de nosso retiro, recairemos na balbúrdia habitual e será a eterna separação do de dentro e do de fora, da vida interior e da vida mundana. Temos necessidade de uma vida completa, temos necessidade de viver a verdade do nosso ser, todos os dias, a cada instante, não apenas nos feriados ou na solidão e é por isso que as meditações devotas e campesinas não são a solução: *arriscamos nos encrostar em nossa reclusão espiritual e, depois, acharemos difícil projetar-nos para fora, vitoriosamente, para aplicar à vida o que ganharmos na Natureza superior. Quando quisermos também acrescentar esse reino exterior às nossas conquistas interiores, nos veremos muito acostumados a uma atividade puramente subjetiva e não teremos nenhuma eficiência no plano material. Teremos uma imensa dificuldade em transformar a vida exterior e o corpo. Ou ainda, perceberemos que nossa ação não corresponde à luz interior, que ela continua a seguir os velhos caminhos habituais cheios de*



O Sol iluminando a vida na cidade é um símbolo de meditação ativa. Cairo, Egito

erros, que ela obedece ainda às velhas influências imperfeitas – um abismo doloroso separará ainda a Verdade que está em nós do mecanismo ignorante de nossa natureza exterior... É como se vivêssemos num outro mundo, mais vasto e mais sutil, mas sem influência divina, talvez sem influência de nenhum tipo sobre a existência material e terrestre. A única solução, pois, é praticar o silêncio mental onde é aparentemente mais difícil de fazê-lo, quer dizer, na rua, no metrô, no trabalho e em toda parte. Em vez de descer quatro vezes por dia o Boulevard Saint Michel como um homem fatigado que caminha depressa, pode-se descer quatro vezes conscientemente, como um buscador. Em vez de viver não importa como, disperso na multidão de pensamentos que, além de não terem nenhum inte-

resse, são esgotantes como algo enfadonho, junte os fios esparsos de sua consciência e trabalhe – trabalhe sobre si – a cada instante; e a vida começa a adquirir um interesse totalmente inusitado, porque as mínimas circunstâncias tornam-se oportunidade de vitória – temos rumo, vamos a algum lugar em vez de irmos a parte alguma.

Porque ioga não significa uma maneira de fazer, mas uma maneira de ser.

Extraído do livro *Sri Aurobindo ou L'Aventure de la Conscience*. Paris: Buchet/Chastel.

O GOLPE QUE DERRUBA O APEGO

Mohamudgar do Sankaracharya

O verdadeiro autoconhecimento [*nijabodh*] é a
incorporação
do conhecimento, que traz Êxtase e Felicidade eternos.
O Yogi é o rei dos médicos [*Baidyas*]
para a doença mundana [*bhabaroga*], ou apego.
Assim, eu medito sobre meu Mestre [Sri Guru,
Govinda].

Abandone a sede de obter riqueza.
Ó homem de pouca convicção! Crie o espírito de
renúncia.
Seja qual for a riqueza que você alcance com suas ações
honestas,
contente-se com essa riqueza.

Quem é sua mulher e quem é seu filho?
Este mundo é um mundo misterioso.
Ó irmão! Pense bem na essência dessas questões:
a quem você pertence e de onde você veio?

Dia e noite, anoitecer e amanhecer,
inverno e primavera vão e vêm.
O tempo passa, assim como a longevidade.
No entanto o homem não perde a esperança.

O corpo enfraquece, assim como a cabeça.
Os dentes caem, assim como decai a beleza do corpo.
A bengala treme na mão enquanto se anda,
no entanto o homem não para de ter desejo.

Em você e em mim está o mesmo Deus [*Visbnu**].
Por que então você perde a paciência e se torna irado?
Veja o Eu de cada um no seu Eu.
Esqueça a diferença entre todos os seres.

As crianças estão ocupadas, brincando.
Os jovens estão atrás das mulheres jovens.
Os homens mais velhos estão absorvidos em suas
preocupações mundanas;
dessa forma ninguém pensa em *Brahman** [o Eu absoluto].

Largue o orgulho da riqueza, os parentes, e o vigor da
juventude;
a morte leva tudo isso embora num piscar de olhos.
Largue o mundo ilusório
e encontre abrigo aos pés de *Brahman*.

Todo nascimento será sempre seguido de morte,
depois, volta-se ao útero materno.
Claramente, essa regra está estabelecida no mundo.
Onde está, pois, o contentamento [nesse ciclo]?

Quer você fique no templo ou sob uma árvore,
Deitado sobre a terra ou sobre a pele de um cervo,
largando os parentes e os divertimentos,
quem não fica feliz com tal renúncia?

Oito montanhas e sete mares,
*Brahma**, o chefe celestial, *Shiva** e o Sol,



O Buda risonho está livre de toda ilusão.

você e eu, o mundo todo é apenas um sonho.
 Por que então você fica pesaroso?

Pense sempre que o dinheiro está na raiz de todos os
 aborrecimentos.

Com certeza, a riqueza não pode trazer a verdadeira
 Felicidade.

Mesmo um homem rico tem medo de seu filho.
 Essa é a conhecida regra do mundo.

Enquanto o homem ganha dinheiro,
 sua família lhe obedece e tolera.
 Nos dias de velhice, quando o corpo torna-se fraco,
 ninguém na família sequer lhe pergunta "Como vai"?

Largue o prazer, a raiva, a avidez, e o apego.
 Pense por um instante "Quem sou eu"?
 Um tolo, privado de Autoconhecimento,
 apodrece nas profundezas do inferno.

Os inimigos, os queridos filhos e amigos
 não anseiam por esses assuntos.

Se você deseja chegar rapidamente aos pés de Deus
 [Vishnu*]

trate sempre todos os seres da mesma forma.

Do mesmo modo que a água se agita sobre a pétala do lótus,
 a vida é muito agitada.

Saiba que o corpo desenvolve a doença
 na medida em que as pessoas sofrem de tristezas.

Medite em seu coração sobre a essência [tattva].
 Esqueça os pensamentos acerca das coisas mundanas.
 Associe-se a um sábio nem que seja por um momento,
 aja como um barco que atravessa o vasto oceano dos
 apegos mundanos.

* Na tradição hindu, Brahman é o Eu Absoluto e corresponde, no Ensinamento gurdjieffiano, ao Absoluto do Raio de Criação. Brahma é o Deus criador da tríade Brahma, Vishnu e Shiva, considerados, respectivamente, o Criador, o Preservador e o Destruidor. Dentro do Ensinamento gurdjieffiano, essas três divindades hindus correspondem ao mundo três do Raio de Criação.

O LIVRO DA MEDITAÇÃO E DA VIDA

Krishnamurti

22 de maio

TODO PENSAMENTO É FRAGMENTÁRIO

Vocês e eu somos conscientes de sermos condicionados. Se você disser, como dizem alguns, que o condicionamento é inevitável, o debate está concluído: você é escravo e está acabado. Mas se começar a se questionar se seria possível romper com essa escravidão, com esse condicionamento, o debate está aberto: você terá então de explorar todo o processo do pensamento, não é? Se contentar-se em dizer: "Devo ter consciência do meu condicionamento, devo refletir sobre ele, analisá-lo a fim de compreendê-lo e reduzi-lo a nada", nesse caso você recorreu à força. Sua reflexão e sua análise são uma vez mais a expressão de sua vivência anterior; portanto, não é, evidentemente, por intermédio do seu pensamento que você pode quebrar um condicionamento do qual ele mesmo faz parte.

Para começar, simplesmente veja o problema, sem procurar resposta ou solução. É um fato que somos condicionados, e que todo pensamento visando compreender esse condicionamento é sempre fragmentário, e, portanto, não haverá nunca compreensão total, pois a liberdade existe apenas na compreensão total de todo o conjunto do processo do pensamento. A dificuldade é que funcionamos sempre no campo do mental, que é instrumento do pensamento razoável ou insensato, e como vimos, o pensamento é sempre fragmentário.

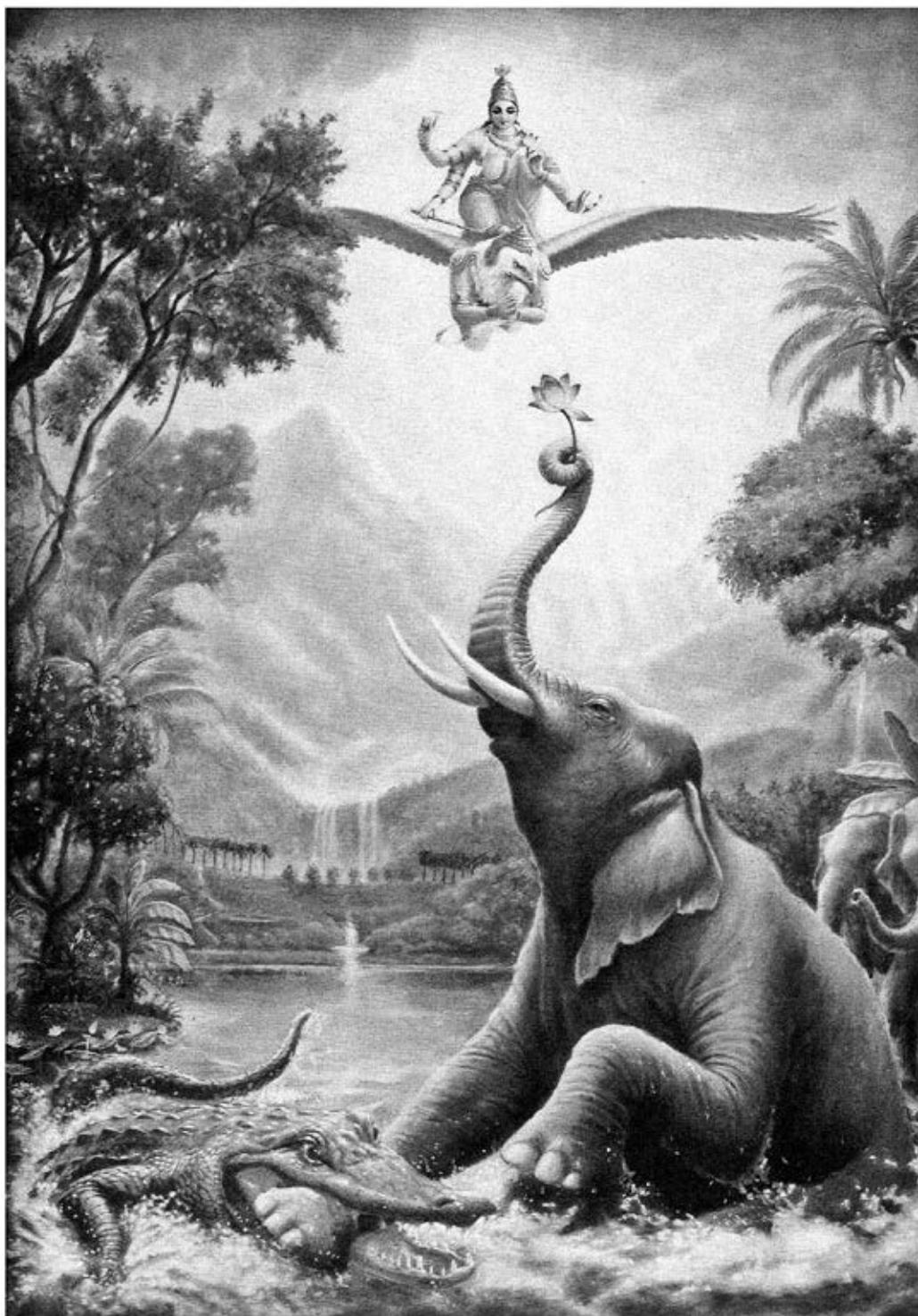
23 de maio

LIBERTAR-SE DO "MIM"

Para libertar o mental de todo condicionamento, é preciso ter uma visão total dele, mas sempre na ausência de pensamento. Isso não é nenhum enigma: faça você mesmo a experiência e verá. Não vemos nunca o que quer que seja sem a intervenção de um pensamento? Você já escutou, olhou, sem fazer intervir todo este mecanismo de reação? Você dirá que é impossível observar sem a interposição do pensamento; dirá que não se pode tirar o condicionamento do mental. Ao dizer isso, você já está mentalmente bloqueado, porque o fato real é que você não sabe.

Posso então olhar, o mental pode perceber seu condicionamento? Por favor, tente fazer a experiência. Você pode ter consciência do fato de ser hindu, socialista, comunista, isso ou aquilo, simplesmente ter consciência disso, sem dizer que isso é bom ou mau? Porque ver, simplesmente ver, é uma tarefa tão árdua que dizemos ser ela impossível. Digo que é somente quando você tem consciência, sem que se trate de uma reação, dessa totalidade do seu ser, que se apaga completamente o condicionamento, até os níveis mais profundos; e isso significa ficar verdadeiramente liberado do "mim".

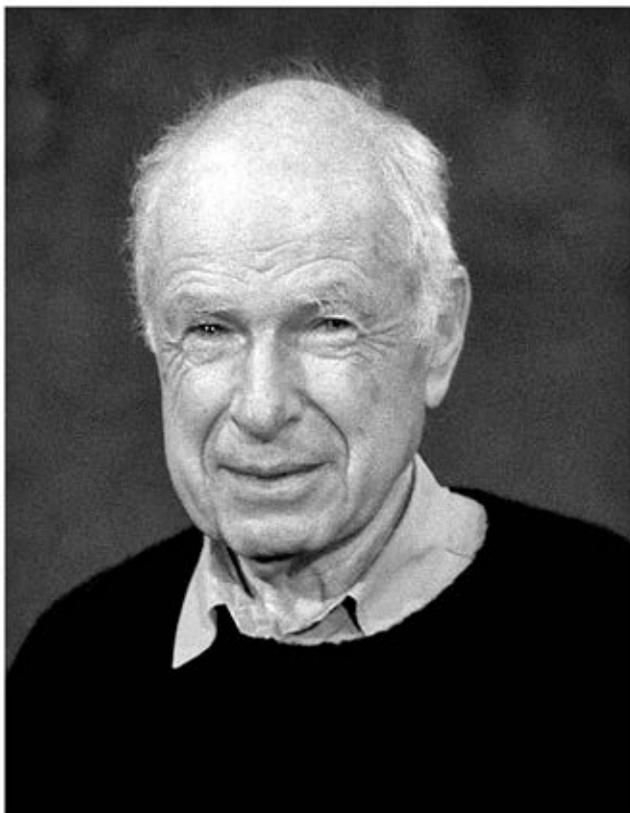
Ed. Le Livre de Poche



A vida está sempre nos provocando, nos ameaçando, mesmo quando nosso olhar está voltado para o Divino.
Pintura de Muralidhara Dasa

MAKING OF DO FILME “ENCONTROS COM HOMENS NOTÁVEIS”

Peter Brook



Um dia, eu estava dirigindo por Nova Iorque com Madame de Salzmans ao meu lado, quando ela, voltando-se para mim, disse alegremente: “Por que não fazemos um filme sobre o livro *Encontros com Homens Notáveis*?” Essas poucas palavras mudaram o padrão da minha vida por muitos anos, passando um alinhavo em nosso primeiro período no Bouffes. Não tive dúvidas; sua proposta para filmar o livro da autobiografia de Gurdjieff teve prioridade sobre qualquer outro plano ou projeto. Não era sacrifício nenhum; tratava-se simplesmente de um momento em que todas as opções se encaixavam em uma inequívoca escala de valores. Mais uma vez pude ver que não tomamos decisões; elas aparecem quando algo mais essencial que nossas próprias ideias abre caminho entre as nuvens de nossos desejos. Então, não computamos o custo nem determinamos o resultado. Naquele caso, a recompensa era o trabalho interior diário com Madame de Salzmans. Hora após hora nos sentávamos juntos, ela um centro imóvel de energia concentrada, e à medida que nos debruçávamos sobre cada detalhe do roteiro, eu podia ver meu próprio pensar elevado a um nível de intensidade antes desconhecido, por meio da presença dela, pelo desafio de sua exigência.

Minha primeira reação foi a de imaginar o filme dinâmico e colorido que poderíamos fazer, refletindo os lados extravagantes e provocantes de Gurdjieff, que criaram uma camada de mitos sombrios e fantásticos sobre sua vida. Isso parecia um material admirável para um filme estimulante, mas logo descobri que não tinha nenhum interesse para Madame de Salzmans. Seu objetivo não era fazer um filme “interessante”, nem para ela própria, nem para prestar homenagem ao homem que ela conheceu tão bem. Seu propósito era dar ao espectador um sabor direto daquele “algo mais” que ela tinha experimentado com Gurdjieff durante anos.

A primeira cena do filme, que no livro mal se insinua, foi inteiramente criação dela. Sempre que nos encontrávamos para trabalhar no *script*, voltávamos repetidas vezes a essa sequência de abertura e, como sempre retomávamos do começo, raramente conseguíamos ir adiante. Para

Peter Brook, diretor do filme, também foi aluno de Madame de Salzmans.

mim, excetuando as danças do fim, a abertura continua sendo a parte mais bem sucedida do filme, uma vez que o sentido da história toda foi captado aqui quase sem palavras, apenas através de som e imagens.

A sequência apresenta uma antiga competição, mantida, com raros intervalos, em uma remota e montanhosa parte do Cáucaso. Para vencê-la, diversos músicos devem improvisar “livremente”, e é um sentido peculiar de liberdade que esta cena insere dramaticamente no relevo. A condição exigida dos participantes é impiedosa em sua precisão. Cada nota deve partir da anterior com uma inevitabilidade lógica e absoluta, devendo, ao mesmo tempo, ser melodiosa. Se a frase for previsível, não há melodia verdadeira, e se for decorativa demais, perde-se a clareza da progressão. A linha melódica, uma vez lançada, não pode ser rompida; deve continuar a se desenvolver até alcançar uma intensidade particular que faça a rocha vibrar. É muito difícil encontrar esse som único, mas, uma vez que ele esteja lá, a montanha toda responderá com um eco que é a prova de que se venceu a competição.

Essa imagem vem das profundezas da imaginação mítica, mas, no filme, tem de ter sua própria realidade, sua carne e seu sangue, e para isso precisamos da ajuda de músicos tradicionais. Muitos foram ouvidos, e pouco a pouco se montou um grupo. Então as dificuldades ficaram claras.

Ao começar a tocar, eles abriam as frases musicais com a confiança e destreza que lhes eram habituais. Mas, invariavelmente, Madame de Salzmänn colocava a atenção sobre o momento em que a intenção inicial se perdia. Talvez o músico se tivesse permitido apenas uma ligeira diminuição da atenção ou um instante de autoindulgência, quem sabe não mais que a repetição prazerosa de uma frase que ele apreciava, ou mesmo o alongamento de uma nota com um toque de sentimentalismo – e o fluxo natural da melodia era bloqueado. Era pungente testemunhar, nos ensaios, como cada músico reconhecia e admitia que em certo ponto a acuidade de sua escuta tinha-lhe escapado. Por isso, a cena dos músicos é como um projeto do filme todo. Ela coloca no microscópio as dificuldades de todo buscador, qualquer que seja seu

campo, e mostra como é que tantos buscadores, embora ardentes e sinceros, caem pelo caminho. Condições muito exatas governam a evolução das intenções dentro de cada ser humano, e essa cena dá uma expressão vívida a uma vasta ideia.

“A energia mais alta está sempre aí”, dizia Madame de Salzmänn, “pronta para agir se estivermos aí para recebê-la.” Quando ela falava parecia tão simples, mas trabalhar com ela revelou como estamos longe da compreensão do que possa ser essa conexão sutil.



Cena do filme: *A Travessia da Ponte*

Como tudo o que se relacionava com cinema lhe interessava, íamos constantemente, pois ela queria assistir a todo filme novo. Mas assim que tinha captado o essencial, ficava impaciente com a história, e nós nos levantávamos e saíamos, em geral nos momentos em que o resto da plateia estava mais fascinada. Tudo está em movimento no universo, ela dizia, e considerava o cinema mais uma forma de movimento. Desse modo, a compreensão dos requisitos do filme era imediata e profissional, porque ação, diálogo, composição, cor, som, montagem eram todos manifestações de um processo fundamental dinâmico que ela tinha estudado durante toda a sua vida.

Ela não tinha conhecimento de filmagem ou de construção dramática, mas aqui também seu infalível senso de movimento permitia-lhe detectar imediatamente que ritmo, que tempo, que distância, até que *close* era necessário. O grupo todo, técnicos e atores, era tocado por isso, e cada um se esforçava para tornar-se um instrumento através do qual a visão dela pudesse realizar-se. Naturalmente, isso raramente acontecia, e quando as coisas davam errado, encontravam-se muitos bodes expiatórios, mas a própria Madame de Salzman era sempre respeitada. Sua tranquila autoridade era absoluta, mesmo quando não era fácil obedecer-lhe.

Uma de nossas maiores dificuldades estava no próprio veículo de comunicação. O cinema é, por natureza, esmagador; as imagens e o som invadem cada canto do cérebro, varrendo qualquer sentido de distância, tornando irresistível e total a identificação com a ação. No teatro, muitas vezes, a linha de um verso, uma canção, uma dança, até mesmo uma pirueta no ar, é tudo que é preciso para o mais secreto dos significados aparecer. Com a câmera, no entanto, o obstáculo é muito maior, porque procurar o invisível em um filme parece negar a própria natureza da fotografia. Neste filme, o poder evocativo das palavras de Gurdjieff tinha de ser substituído por imagens, por uma exatidão na escolha das pessoas e dos *backgrounds* naturais aos quais elas se reportavam. A fotografia dependia de que esses elementos fossem encontrados para fazer de cada cena um documento vivo e não apenas uma ficção.

A procura dos locais de filmagem levou-nos a partes remotas da Turquia, para os cenários reais da maior parte da história, para a beleza transparente do Lago Van, para Kars, onde nasceu Gurdjieff, para as ruínas de Ani, a cidade de milhares de santuários, onde uma parte vital da história teria ocorrido. Mas após muitos meses de espera e negociação, a burocracia turca provou ser mais bizantina até do que as ruínas, então fomos para muito mais longe. Cruzamos a fronteira com o Irã e depois fomos ao Egito, onde descobrimos que os milhares de anos de experiência sutil em lidar com estrangeiros tinham tornado esse país danoso para os cineastas; e então rumamos para Ladakh, a terra dos mosteiros, magnífica em seu isolamento, luminosa no ar rarefeito, mas inacessível demais para o trabalho prático. Finalmente, no Afeganistão, encontramos as pessoas e condições de que precisávamos.

Ali o mesmo problema apresentou-se sob forma diferente. Por trás dos rostos agradáveis que podíamos encontrar em todo bazar, precisávamos de atores profissionais. Tínhamos uma história para contar, e esses atores não podiam ser encontrados no local. Devíamos retornar às partes do mundo onde há atores treinados, reconhecendo que aquilo de que precisávamos nesse caso não estava dentro de um círculo de atores comuns, especialmente os treinados no meio da vida urbana do século XX. Aos poucos reunimos o mais interessante grupo de atores de vários países e *backgrounds*, tendo cada um deles sido tocado pelo tema de alguma forma.

O papel de Gurdjieff era o mais difícil de ser escalado, na medida em que o ator tinha de ser convincente para aqueles que nunca o haviam visto e não ofensivo para os que o conheciam bem. Como precisávamos encontrar alguém cujo tipo físico sugerisse de imediato as origens grega e armênia de Gurdjieff, investigamos a vasta rede de atores nos Estados Unidos que tinham *backgrounds* no Oriente médio. Para nosso desapontamento, descobrimos que os maneirismos adquiridos na cultura americana, a maneira de usar o corpo, a má postura, o andar desmazelado, a cabeça inclinada para a frente tinham destruído todas as características tradicionais. Fizemos testes em Londres, Paris, Atenas, no Cairo – sem nenhum resultado. Então nos



Cena do filme: *A Competição*

sugeriram que talvez na Iugoslávia, país com uma rica e interessante atividade de cinema e teatro, pudéssemos encontrar a pessoa que queríamos. Vimos vários atores em Belgrado e fomos imediatamente impactados pelo poderoso físico deles, por suas fortes personalidades, e por suas excelentes habilidades de ator ainda ligadas às profundas raízes étnicas. Mas nenhum deles falava uma única palavra em inglês nem tinha o menor interesse em trabalhar no estrangeiro. Então, um jovem de Montenegro, Dragan Maksimovic, entrou na sala. O modo de andar, a expressão de seus olhos nos mostraram que nossa procura tinha chegado ao fim. Tendo afirmado através de uma intérprete – ele não falava inglês – que desejava deixar o país, nós o convidamos a ir a Paris encontrar Madame de Salzmänn, e marcamos um ensaio no jardim de um amigo. Enquanto esperávamos que a câmera ficasse pronta, ele se sentou pacientemente em um banquinho. Então, num dado momento, cruzou as pernas, e inclinando-se para a frente, apertou as duas mãos sobre um graveto que ele tinha pegado no chão; seu corpo estava relaxado, embora bem equilibrado e

alerta. Madame de Salzmänn deleitou-se, reconhecendo uma atitude característica de Gurdjieff, que Dragan tinha assumido sem perceber, simplesmente por meio do poder das raízes essenciais e do tipo.

Naturalmente Dragan não sabia nada sobre o homem que lhe pediam para interpretar, mas o que tinha deduzido inflamara-lhe a imaginação, e ele estava preparado para entregar-se a tudo que fosse necessário. O primeiro desafio era aprender inglês, então ele se matriculou em uma escola em Londres, na qual trabalhou dia após dia, durante longas horas, com dedicação apaixonada, em uma austera solidão autoimposta, até que se tornou capaz de entender e falar um inglês fluido e livre. Como ator, reconheceu que não havia nada no filme para ele atuar no sentido usual da palavra. Essa era uma tarefa assustadora, mas ele era destemido; cada penosa dificuldade que enfrentou ajudou-o a descobrir o que um buscador pode ser, embora às vezes a exigência de ir além de si mesmo tenha feito cada fibra de seu corpo gritar de desespero.

Quando mudamos a produção para o Afeganistão, Madame de Salzmán estava já com oitenta e tantos anos. Erguíamos uma pequena barraca para ela em qualquer lugar em que pudesse assistir, em uma tela de televisão, ao que a câmera estava gravando. Depois de cada ensaio e cada tomada, ela me enviava um mensageiro com alguma crítica ou sugestão. Com frequência, para a frustração dos técnicos profissionais que se indignavam com mudanças de plano, eu corria até a tenda dela e acontecia de mudarmos tudo o que havíamos estabelecido com horas de cuidado.

Um dia, estávamos trabalhando no cume de uma alta montanha, de acesso muito difícil, para onde o equipamento tinha de ser içado com cordas e ganchos. Leváramos um grupo mínimo de trabalhadores, deixando Madame de Salzmán com os outros na base do acampamento. Mas no meio da tarde ela apareceu, tendo subido rapidamente a trilha fragmentada só com a ajuda de sua bengala. A primeira visão de sua chegada calma e determinada na linha do horizonte cristalizou o profundo respeito que o grupo tinha começado a sentir, e pelo resto da tomada de cena eles a seguiram com ilimitada admiração.

Na hora de editar o filme, ela estava novamente conosco todos os dias, avaliando a passagem de uma cena para outra em termos da sucessão de padrões de energia. Quando John Jympson, o altamente qualificado editor inglês, apresentava um corte final que ele afinara até o último *frame*, ela nunca ficava satisfeita, e propunha novas correções. Ele então deixava a sala de projeção resmungando baixinho, ainda que secretamente impressionado.

Natasha e eu dividíamos uma casa em Cabul com Madame de Salzmán. Colocamos um projetor barulhento em uma grande caixa quadrada de metal na entrada do *ball*, e naquele dia estávamos projetando nossas primeiras cópias, recém-chegadas do laboratório em Londres, depois de várias semanas de tomadas de cena. Tínhamos começado a filmagem com a primeira sequência, e por bem mais de uma hora assistimos aos fragmentos dessa cena aberta: os cavaleiros e a multidão reunindo-se no

vale e aglomerando-se declive abaixo para escutar os músicos. A sequência fora bem preparada, e, à medida que a víamos, ficávamos aliviados e satisfeitos. Saía como esperávamos, e isso parecia uma base encorajadora para o resto da tomada. Só Madame de Salzmán estava silenciosa. Conhecendo-a, não esperávamos que ela ficasse minimamente satisfeita, menos ainda que expressasse um simples elogio, mas nos preocupamos quando ela saiu da sala imersa em seus pensamentos.

Naquela noite, durante o jantar, ela falou pouco, e não discutimos as cópias do filme. Foi só no final do dia seguinte que ela expressou o que tinha se formado aos poucos em sua ruminação. “Está faltando alguma coisa”, ela disse, aprendendo uma frase que ela usaria muitas vezes: “Il y a quelque chose qui manque”.

“Nas cenas, há os músicos, a multidão, os juizes”, ela continuou, “e, no entanto, está faltando alguma coisa, algo que os ligue a um nível que não pode ser mostrado. Não é uma ideia, isso tem de ser representado por alguém, alguém que carregue dentro de si a força da verdadeira tradição. Nossos juizes são senhores de boa aparência, de barbas brancas, mas isso não é suficiente. Eles não têm o peso necessário. Precisamos de alguém de presença real. De fato, um homem não é suficiente, deveria haver lá três homens para conduzir a cerimônia, e eles têm de ser verossímeis. Sem eles, estará sempre faltando algo. Temos que colocá-los nisso.”

Como acontecia muitas vezes, tentamos em vão explicar-lhe a realidade da filmagem. Fizéramos a tomada de cena cinco semanas antes, em um remoto vale de montanha. Agora estávamos nos aproximando do fim de nossa estadia no Afeganistão. Nem nossa agenda nem o apertado orçamento permitiria refilmá-la, a mais cara de todas as cenas. E de qualquer forma, o material que tínhamos era bom.

“Coloquem só os homens extras”, ela disse.

Expliquei-lhe que isso era tecnicamente impossível, três importantes personagens não podem ser empurrados para dentro de uma cena depois que ela foi feita. “Além disso”,

acrescentei, “já conhecemos todos os rostos decentes do bazar. Onde poderíamos encontrar alguém novo?”

Vi por sua expressão que não adiantava discutir; ela sabia o que era necessário, e cabia a nós encontrar uma solução. Claro que, depois de discutir com o editor e o câmara, e depois de examinar a cena tomada por tomada, vimos que havia uma possível solução técnica. Não precisávamos reagrupar a multidão inteira, simplesmente reconstruir uma plataforma e colocar alguns extras em posições estratégicas nos daria o material que poderia ser inserido no filme. Mas onde encontrar esses três homens com presença espiritual?

O dia seguinte era nosso dia de folga. Eu estava sentado no terraço de nossa casa quando vi três homens de roupa branca aproximar-se. Não eram velhos, eram apumados e nobres, e vieram visitar-nos, explicando que eram os anciões de um *khanakar*. Tinham ouvido falar de nossa atividade e gostariam de apresentar seus cumprimentos. Olhando para eles, dei-me conta de estar vendo os rostos de que precisávamos e corri para buscar Madame de Salzmänn, embora eu desconfiasse de coincidências extraordinárias e não conseguisse acreditar que eles consentiriam em aparecer em um filme. Sentamo-nos e conversamos todos juntos; depois de um tempo, senti que não tínhamos nada a perder, então fiz a proposta. “Nunca vi um filme”, respondeu um deles. “Mas meu filho que vive na América me contou o que é. Penso que o que vocês têm a intenção de fazer pode ser útil a outras pessoas. Ficaríamos felizes em atender seu desejo se pudermos ajudar.” Assim, alguns dias depois, lá estavam eles no *set*, fazendo tudo o que lhes era pedido de um modo impecavelmente profissional e dando à cena a presença autorizada que estava faltando.

Quando o filme foi exibido, algumas pessoas ficaram decepcionadas, achando-o simplista demais como cinema, exótico demais em suas imagens, muito ingênuo quanto à narrativa. Certamente, quando finalmente se chega ao longínquo monastério, as dançarinas de branco ali reunidas são evidentemente europeias, e isso é difícil de engolir do ponto de vista da lógica normal de contar uma história. Mas são essas danças desco-

nhecidas, inigualáveis em si mesmas, o que importa. Elas nunca foram mostradas antes, e os movimentos são autênticos, recriados a partir dos princípios complexos que Gurdjieff descobriu durante suas jornadas e transmitiu diretamente a Madame de Salzmänn, que, por sua vez, ensinou-os a seus alunos. É interessante ver que, quando o filme é passado, a maioria dos espectadores é profundamente tocada por essas danças e exercícios, não dando a menor atenção à falta de verossimilhança na história.

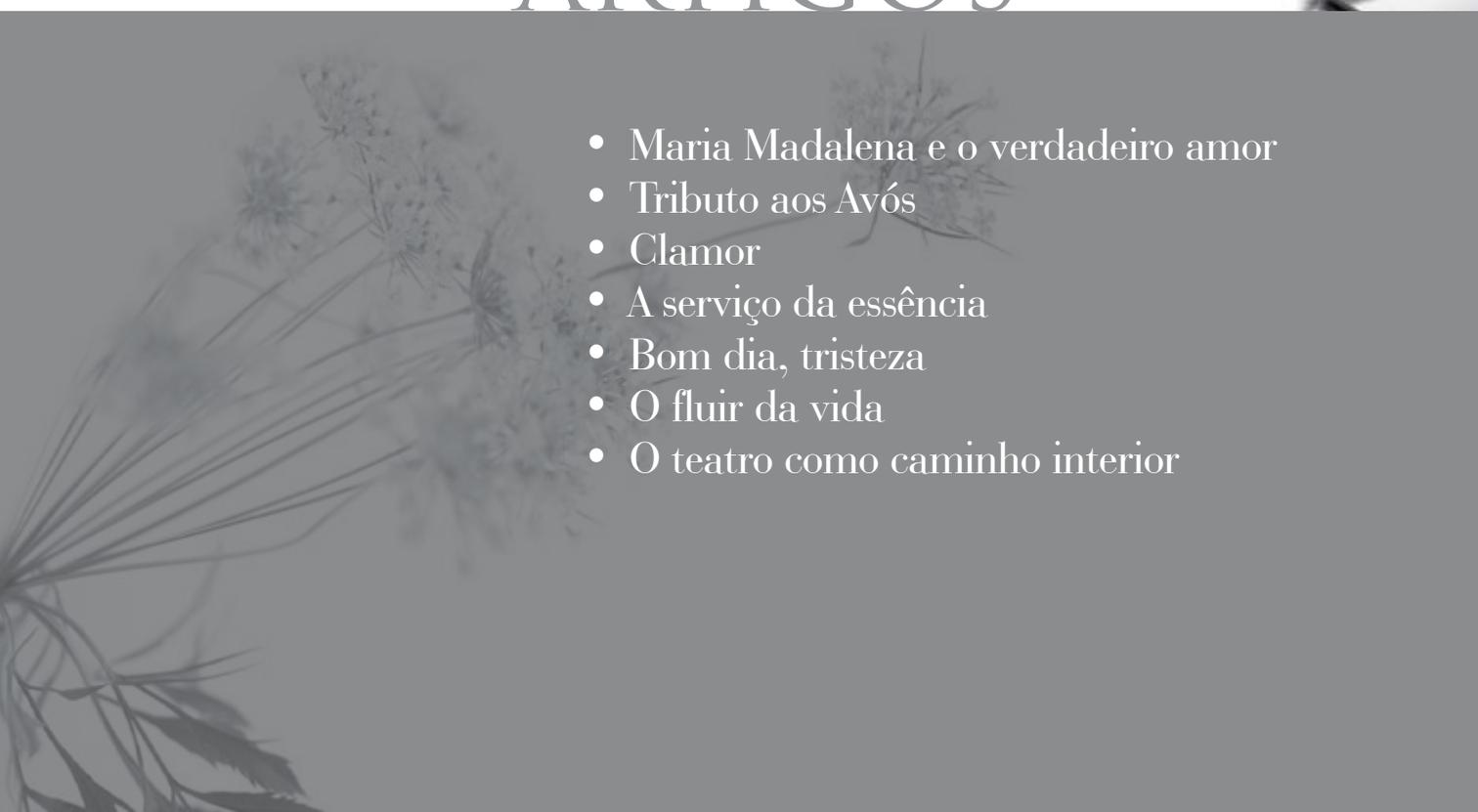
Sei que Madame de Salzmänn também não ficou totalmente satisfeita com o filme, embora ela nunca me tenha dito. Sinto que ela precisava ser confrontada por um pensamento ainda mais forte que o seu, ao qual ela estaria pronta a render-se, mas, sem essa fricção, que eu certamente não pude proporcionar-lhe, o que ela verdadeiramente tinha em mente não pôde encontrar expressão. Apesar disso, acredito que qualquer um que assista ao filme e o ouça na forma que ele propõe pode experimentar uma pureza, uma qualidade especial que é inteiramente dela e que pode dar um sabor direto do que é uma busca, do que pode significar outro nível de consciência, de uma maneira que nunca seria possível através das palavras.

Quando Madame de Salzmänn morreu, aos 101 anos de idade, pareceu que ela levava com ela o centro da vida. Agora, depois de um longo e cinzento período de luto, a realidade do presente reemergiu, um presente que está esperando ser servido de um novo modo por aqueles que tiveram a sorte de compartilhar o que a influência dela transmitiu. A vida continua, uma nova geração surge, e a necessidade do mundo de um corpo vivo de conhecimento é mais vital do que nunca. O enigma da tradição e o mistério da transmissão não podem mudar, mas o grande conjunto de chaves está sempre aí.

Extraído do livro *Threads of Time*. Washington, D.C.: Counter Point.



ARTIGOS

- Maria Madalena e o verdadeiro amor
 - Tributo aos Avós
 - Clamor
 - A serviço da essência
 - Bom dia, tristeza
 - O fluir da vida
 - O teatro como caminho interior
- 

MARIA MADALENA E O VERDADEIRO AMOR

Maria Aparecida De Stefano

*“Meu Bem-Amado estendeu sua mão pela abertura,
E minbas entranbas estremeceram.
Eu me levantei para abrir ao meu amante.
Minbas mãos destilavam a mirra,
Meus dedos, a mirra fluida,
Sobre a palma do ferrolho.”*

*O Cântico dos Cânticos de Salomão
Canto V, 4-5*

Quem foi Maria Madalena, a personagem mencionada nos evangelhos canônicos como a possuída pelos demônios, a companheira de Jesus e a primeira testemunha de sua ressurreição? Maria Madalena ou Míriam de Mágdala foi provavelmente a companheira íntima de Jesus, o Mestre, “a iniciada” que transmitiu os ensinamentos dele, os mais sutis.

Sabemos hoje que ao lado dos Evangelhos canônicos existem outros evangelhos como os de Felipe, de Pedro, de Bartolomeu, que seriam anteriores à redação dos escritos canônicos. Mas ao lado desses, que hoje são mais conhecidos, existe um, atribuído a Míriam de Mágdala, considerada a primeira testemunha da ressurreição de Cristo (ver Jo 20, 11-18). O Evangelho de Maria, como é conhecido,

escrito originalmente em língua copta-saídica, é o primeiro tratado do papiro de Berlim. Sua primeira redação data provavelmente do século II, por volta do ano 150, e pode ser considerado um dos textos fundadores do cristianismo.

Há vários escritos cristãos dos primeiros séculos que se referem a essa personagem que, estranhamente, ora foi exaltada, ora desvalorizada. Os Evangelhos canônicos a mencionam, dizendo que Jesus expulsou dela sete demônios (Mc 16,9 e Lc 8,3). Poderíamos dizer com o Evangelho de João que o “Mestre a amou” (Jo 11,5) como amou seus outros discípulos, com um Amor universal e incondicional. Mas ele a amou também de um modo único e particular. Essa forma particular de amar é humana e o amor humano é feito de preferências, ou seja, de ressonâncias e intimidades que não são possíveis com todos. Foi sob essa forma humana de amar que o Evangelho de Felipe insiste que Maria Madalena, ou Míriam de Mágdala, foi companheira de Jesus: “O mestre amava Míriam mais que a todos os discípulos, e beijava-a frequentemente na boca. Os discípulos, vendo-o amar Míriam dessa forma, disseram-lhe: ‘Por que a amas mais que a todos nós?’” (Ev. de Felipe, 55, 3-6).

O Evangelho de Maria, o de João e o de Felipe nos lembram que Jesus era capaz de intimidade com uma mulher. Essa intimidade não era apenas carnal, era afetiva, intelectual e espiritual. Trata-se mesmo de salvar, de tornar livre o ser humano em sua inteireza, introduzindo Consciência e Amor em todas as dimensões de seu Ser. O fato de *O Evangelho de Maria* lembrar a humanidade de Jesus em sua dimensão sexuada, não diminui em nada a grandeza de sua dimensão Divina. Ele foi o Mestre que salvou a mulher, outrora pecadora. Mas pecadora em que sentido? Com certeza, não no sentido moral do termo (dizem que Maria Madalena foi prostituta), mas no sentido de desorientação do desejo. A etimologia grega da palavra pecado, *harmatia*, é “errar o alvo”. Satisfazer os desejos sem comedimento, voltando toda a energia mais fina que o ser humano tem para fora, é “errar o alvo”. Só o Amor pelo Conhecimento pode nos remeter de volta ao nosso centro, à nossa Alma.

Os fragmentos do Evangelho de Maria nos convidam a buscar o Amor em sua dimensão maior, o Amor pelo Conhecimento, como fez Míriam de Mágdala que, seguindo

seu “Bem-Amado”, aprendeu a colocar o Amor num lugar onde ele não existia mais.

O nosso constante “estado de aprisionamento” nos impede de vivenciarmos o Amor em seu sentido pleno, seja ele da ordem do humano ou da ordem do divino. Reféns da aparência do nosso corpo físico e do nosso psiquismo, ou seja, do nosso mental, do nosso emocional, da nossa motricidade, das nossas funções orgânicas e da nossa sexualidade, não entramos em contato com a verdadeira dimensão do nosso Ser. Os nossos centros vivem plugados no mundo exterior, e enquanto eles permanecerem voltados para fora, não seremos testemunhas do verdadeiro Amor, do verdadeiro Conhecimento.



Maria Madalena. Pintura de Pietro Perugino (1500)

Maria Madalena era uma mulher que almejava ser livre. Ela amava o Conhecimento e foi buscá-lo na figura do Mestre que lhe disse a palavra que discerne e ensina. Ela o reconheceu como o Mestre do seu desejo, como Aquele que iria despertar a sua Alma. Ele lhe ensina que o grande pecado é a falta de Amor. Tudo que se faz sem Amor é desperdiçado, tudo que se faz com Amor nos leva em direção ao Pai. O Amor purifica. Nossa liberdade existe para se colocar a serviço do Amor.

Sem dúvida, o Mestre ensinou-a a fazer tudo com Amor, ou seja, a agir sempre com um olhar voltado para o interior de si mesma, em contato com o que há de melhor em si, com o seu centro, com a sua Alma. Algumas vezes o Amor nos convida a agir, em outras, ele nos convida a ficar imóvel, a escutar a palavra ou o silêncio Daquele que pode ser chamado de “Eu Sou”.

O Mestre ensinou-a a escutar sua própria respiração e foi nesse espaço entre a inspiração e a expiração, neste espaço de onde vem a Vida e para onde a Vida retorna, que Maria Madalena conheceu a sua Fonte, a sua origem, a nossa origem, a origem de tudo que existe. A atenção à respiração foi para ela como um fio que a religou a seu Bem-Amado. E ela experimentou um estado de apaziguamento onde havia lugar para tudo. Sentiu-se existindo intensamente como uma Graça, como um dom de simplesmente Ser. E levou esse estado para a Vida. Segundo consta, transmitiu o ensinamento de Jesus e o explicou aos outros discípulos. Foi também confidente e companheira de Jesus.

Maria Madalena pode ser considerada a representação do feminino que, através das metamorfoses do seu desejo, realizou a sua inteireza e alcançou a Paz. Ela é a mulher que representa o Desejo, todos os desejos, os da carne e os da Alma; seu Amor pelo Mestre e união com Ele representam o Feminino que se une ao Masculino para lhe dizer: “Vem!”

*“O Espírito e a Esposa dizem ‘Vem!’
Que aquele que ouve diga ‘Vem!’
E que o humano sedento se aproxime,
Que o homem/mulher de desejo receba
A água da Vida, gratuitamente.”*

(Ap 22, 17)

TRIBUTO AOS AVÓS

Marian Suzano Bleier

A cultura ocidental está perto de usar a tecnologia avançada para que possamos apagar definitivamente da sociedade qualquer vestígio de avós soltos por aí. Afinal, ninguém merece passar por essa vergonha... Ironia à parte, temos síndromes, neuroses, psicopatias muito mais *fashion* e atuais para nos dedicarmos.

A sociedade olha o papel dos avós como inútil para a continuidade da vida. Vê com certo desprezo as tarefas ou funções que lhes resta cumprir, como lavar pratos, recolher o lixo, arrumar a casa, cuidar das crianças, etc., todas sem remuneração e perfeitamente substituíveis. Em geral os avós estão aposentados, o que significa ter pouco dinheiro, vestir chinelos e ter muito tempo livre. Na vida nada se perde, e tempo livre menos ainda, porque a sábia natureza vai sempre ocupá-lo de alguma maneira. Afinal, aqui entra a inexorável pirâmide da vida.

Esta é uma constatação: não vamos encontrar na internet, no Jornal Nacional ou nas diversas manchetes, fatos e feitos de AVÓS. Cargos de importância e renome, mulheres e homens famosos, pessoas em destaque escondem com muita competência esse fato inevitável e tão impróprio para circularmos no mundo. Portanto, podemos dizer que este é um tema encerrado no pré-conceito que representa: os avós estão fora da esteira da vida. Plagiando meu mestre, talvez hoje seja um dia

Especial para os AVÓS, quem sabe esse tema vira filme, peça de teatro ou artigo de revista?

Jamais tinha pensado, sonhado ou visualizado esse papel nos meus atribulados 55 anos, pois afinal sou fruto dessa sociedade antiavós onde a nobreza está toda no papel de mãe. Energética, saudável, conservada ou, como dizem por aí, bonitona, eu não estava aposentada, não usava chinelos e a televisão não era a minha melhor amiga, quando, com uma vida ativa e compromissada, me deparei com um ser que chegou novinho em folha no seio da minha família.

Logo nos primeiros dias, percebi que entre esse pequeno ser e mim havia uma parceria, um acesso diferente, um canal de comunicação que até então eu desconhecia. Durante um mês, todas as noites, ajudei minha filha em sua nova tarefa – a de ser mãe – cumprindo meu novo papel de avó. E entre todos os cuidados necessários que uma criança exige, pude ninar um bebê junto ao peito, cantarolar baixinho e sentir a grandeza de ser humano. Essa experiência me trouxe uma abertura de coração surpreendente. Quando amanhecia, exatamente como nos contos de fadas, retomava minha vida corriqueira carregada de energia amorosa e com um sentimento novo maravilhoso chamado “avó”.

Cada criança, quando nasce, é uma visão palpável da nossa alma: clara, transparente, sedenta de atenção e calor humano, esperançosa e totalmente entregue à viagem que começa aqui na terra. Senti como se um *spray* antimifo tivesse sido borrifado em mim.

O tempo passa, os bebês crescem, tornam-se meninos e meninas, jovens, adultos e assim vamos... Mas o papel dos avós é vitalício; são eles que, por direito, podem acompanhar como guardiões, por um período de vida restrito a alguns anos, algumas almas privilegiadas. Os avós não precisam contar com programações e projeções futuras, somente o momento presente basta. Eles não têm os encargos da sobrevivência de seus netos, mas têm responsabilidade em relação à essência e ao destino dessas criaturas.

Os avós, ou os que corajosamente se descobrem AVÓS, têm uma grande chance de exercitar sua maturidade emocional, vivendo o dia a dia com leveza e aceitação, enfrentando a vida com humor e criatividade, sendo isentos e livres de opiniões, críticas e julgamentos tolos, enfim, se abrindo dia após dia para o novo, para o inédito, que é a verdadeira natureza da criança.

Um olhar mais sábio, descolado e desapegado da vida pode ser a grande herança a ser deixada no mundo da Terra. A energia certa para broncas e abraços, o acolhimento imparcial e justo, o amor descomprometido. Mesmo que a proximidade nos conduza aos nossos netos, é possível sermos avós de todos os netos do mundo, pois o sentimento é universal.

Continuar desempenhando nossos múltiplos papéis, ser independentes e resolvidos financeiramente, ter uma aparência jovem e bem cuidada não nos impede de sermos avós. O fato de vivermos conscientes do temporal e do atemporal pode reverenciar os que chegam e os que já se foram.

Ao ego – à persona – resta encarar todas as suas fantasias e fraquezas, a grande brincadeira de esconde-esconde que ele jura ser capaz de brincar.



Sant'Ana, a Virgem, o Menino e o Cordeiro. Leonardo Da Vinci, c.1508

CLAMOR

Isaac Goldstein

Tu, minha amiga geradora e protetora, que moras no porão do meu corpo, vem para a liberdade!

Vem respirar o ar puro, vem ocupar o lugar que, por direito, é teu! A caverna escura em que foste confinada, onde permaneces quieta e resignada, não é digna de tua realeza.

Assume o teu trono! Chegou a hora do teu reinado! Que este clamor surta o efeito desejado!

Não tropeces no caminho. Tu és divina e nada impedirá tua ascensão!

Permaneceste jovem, mas está na hora de crescer, de expandir-se, de dirigir o teu reinado. Espero por tua chegada e tua libertação!

Tenho certeza de que cumprirás aquilo para o qual foste designada. Dá-me essa alegria!

Que a paciência me ajude a esperar a realização desse fato! Rezarei para pedir ao Mais-Alto a Sua influência,

Amém!



Perseu salvando Andrômeda.



A SERVIÇO DA ESSÊNCIA

Marcos Belfiore

Em muitos ensinamentos, a personalidade ou ego, genericamente falando, tem uma baixa reputação. A razão disso é que ela, de certo modo, é o princípio da nossa psique, o que nos separa uns dos outros na medida em que a sua formação está sujeita aos conceitos estabelecidos pela época e lugar em que nascemos.

Em contrapartida, a essência, quando acessada, é o princípio que nos mostra não haver separação. Algumas vezes, a personalidade é descrita como uma figura danosa, que nos impede de realizar a nossa verdadeira natureza. Mas basicamente é o mecanismo que nos ajuda a organizar os vários aspectos de interação com o mundo, para que possamos nele atuar. Nesse sentido, a personalidade é simplesmente um instrumento para lidarmos com o mundo ao nosso redor, é a ferramenta que usamos para atuar no mundo.

O problema é que normalmente ela invade um espaço que não é seu, assumindo indevidamente a situação. Isso acontece em razão dos desejos que lhe são despertados pela infinidade de atrativos que a vida oferece, levando-a a dirigir a atenção quase que exclusivamente para eles, esquecendo-se consequentemente da outra parte para a qual deveria destinar parte da atenção. Quando isso acontece, significa que a personalidade envolveu a essência com seus interesses mundanos de tal forma que esta fica como uma estrela que, encoberta por uma grande nuvem, é impedida de irradiar a sua luz.

No controle, a personalidade assume uma posição de comando que nunca foi sua, pois tem como função primordial estar a serviço da essência. Quando a relação entre as duas está funcionando bem, a personalidade é uma intermediária útil, pois permite à essência manifestar-se por seu intermédio. Atuando dessa forma, é quase como se a personalidade fingisse ser uma entidade separada denominada "eu". Assim, como uma atriz, desempenha os papéis que o mundo nos impõe a fim de permitir a nossa interação com ele. Funciona como uma ferramenta que nos habilita a estar no mundo, pois, na medida em que temos consciência desses aspectos, podemos fazê-lo de forma distanciada, como um observador que se encontra no alto de um prédio, acompanhando os acontecimentos da rua movimentada.

Quando estamos em contato com a nossa essência, a personalidade não é uma ameaça. É simplesmente um instrumento a serviço de alguma coisa. Nós a mantemos sob controle quando nos alimentamos continuamente de práticas que nos levam ao estado de calma que nos permite interromper o fluxo desordenado de pensamentos em que vivemos. Nesse lugar, experimenta-se a percepção de si, a paz, a tranquilidade, além de outros sentimentos que não acessamos em nossa vida cotidiana, a não ser, excepcionalmente, em determinadas situações emocionais extremas.

Como instrumento, a personalidade é adequada para servir à nossa essência sem tentar comandá-la ineficientemente, permitindo-nos dessa forma expressar o melhor de nós, ou seja, o que provém da Alma.



BOM DIA, TRISTEZA

Márcia Kondratiuk

Ela surgiu esta manhã, quando eu caminhava no parque. Não parei o exercício, mas, diferentemente de outras vezes, não lhe virei as costas nem a ignorei, como se temesse um contágio. Afinal, ela e as outras estavam sempre me seguindo. Agora eu a via pelo canto dos olhos e era uma tristeza enorme. Estava chorando? Peguei sua mão e continuamos a andar pelas alamedas. Ela era como um fantasma meu, só que menor, mais encolhida, envelhecida. Acabrunhada. Começou a me contar o que a entristecia:

– Quando venho a estes lugares, sinto uma falta enorme das meninas. É como se elas ainda estivessem correndo, brincando, naquela alegria toda...

Vi que esta não era uma tristeza qualquer, era uma Tristeza de Tal. Tinha identidade no universo das minhas emoções rejeitadas. Poderia se chamar “Tristeza-de-não-ter-mais-ao-meu-lado-as-filhas-que-cresceram”. O que eu podia lhe dizer?

– É, tem razão... É muito chato mesmo. Mas, o que se pode fazer?

Ela deu um fundo suspiro, redobramos o ritmo da marcha e pareceu mais tranquila, mais leve, como se houvesse dividido um peso. Eu me sentia como uma irmã mais velha, uma mãe. Entendi o papel do psicólogo na vida das pessoas, alguém que está ali como um substituto para responder à emoção a que o paciente não respondeu, para lhe dar a acolhida que ele mesmo nunca deu. Ela queria apenas isto: amizade, reconhecimento.

Não sei o que aconteceu esta manhã, mas tenho a impressão de que nunca mais vai ser tão difícil quando ela chegar.



Pássaros Alegria e Tristeza. Pintura de Viktor Vasnetsov



O FLUIR DA VIDA

Maria de Lourdes Baptistella

Se você parar por um instante e deixar seu coração e sua mente abertos, tudo pode mudar em sua vida. Não me lembro exatamente de quando isto aconteceu, mas aconteceu, ou melhor, já estava acontecendo e eu, perturbada por preocupações, medos e ansiedades, não percebi. Agora, refletindo sobre isso, notei que as coisas começaram a mudar quando me aposentei. Na verdade, a aposentadoria aconteceu na hora certa. Mesmo aposentada, continuei trabalhando por mais um ano e, por não ter me precipitado, ainda que por medo ou falta de coragem, fui demitida, e assim recebi todas as indenizações a que tinha direito. Uma grande bênção! Então comecei realmente a perceber o fluir da minha vida.

Apesar das pressões que sofri para arrumar outro emprego, fazer alguma coisa, e todas as outras preocupações que pessoas, filhos, irmãos, cunhados, amigos tinham por mim, resolvi me dar um tempo, confiante de que o que tivesse de acontecer, aconteceria.

Passaram-se seis meses em que não me preocupei com absolutamente nada. Continuei meu trabalho no Grupo, fiz atividades que gosto de fazer, encontrei-me com amigos e deixei as coisas acontecerem sem, no entanto, desprezar qualquer oportunidade que surgisse. E surgiu! Veio até mim através de uma amiga

terapeuta, em meio a uma conversa. Ela me disse que conhecia uma pessoa precisando de uma tradutora de inglês e – *voilà!* – tudo aconteceu. Entrei em contato com essa pessoa e estou trabalhando com algo que sempre gostei de fazer. Cada tradução é um desafio.

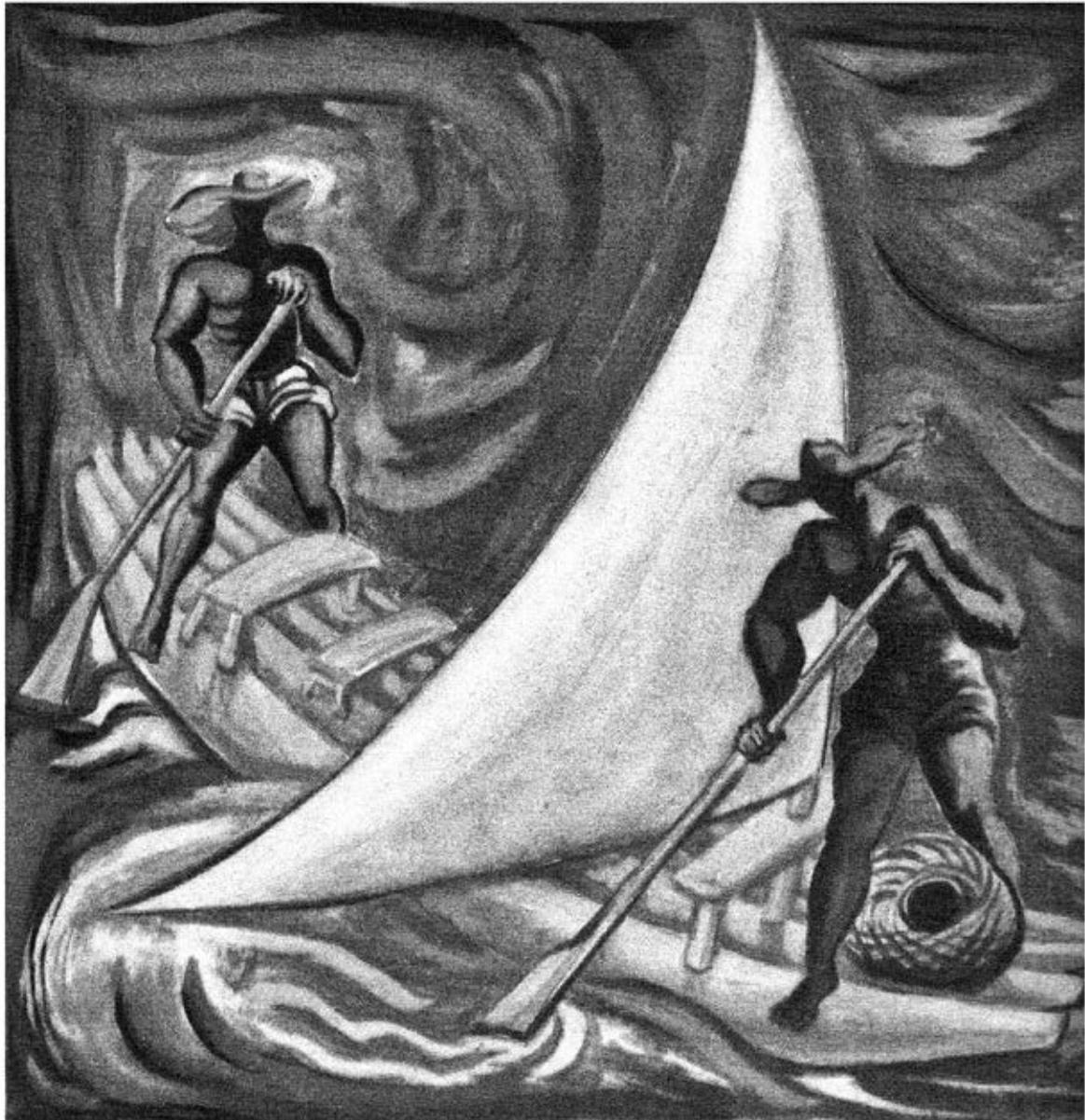
Nesse meio tempo, surgiu uma proposta de viagem para o Oriente e meu coração não vacilou um minuto... Aceitei! E fiz a melhor viagem da minha vida. O mais importante nesses acontecimentos é que as coisas chegaram até mim... Não fui atrás delas! E me senti coberta de bênçãos, como se estivesse recebendo um grande e maravilhoso presente, além da própria vida!

Assim como o sangue flui em meu corpo, os acontecimentos fluem em minha vida e eu não me dou conta da maravilha que são.

Quando você não toma ou não consegue tomar decisões por si mesmo, a vida se encarrega de tomá-las por você, e no meu caso, a melhor solução veio da própria vida. Eu estava relutando em sair da escola, não só por questões financeiras, mas também por “achar” que não teria o que fazer. Ledo engano! Ao ser demitida, uma carga bastante pesada me deixou e, ao aceitar a situação e relaxar, tudo começou a mudar. Vivências boas e não tão boas começaram, ou melhor, continuaram a acontecer, mas de outra maneira: Eu percebia! Eu podia ‘olhar’ para elas e não me envolver, pois sentia no mais profundo de mim mesma que o melhor iria acontecer. Aconteceu, e continua acontecendo... Sinto-me mais lúcida e mais perceptiva em relação a tudo o que se passa ao meu redor, e agradeço todos os dias por isso. Lembro-me sempre da grande bênção que é esse fluir da Vida.

Isto me levou a pensar sobre “Quem é Deus?” E conclui que Deus é Luz, é a Compreensão dentro do meu ser, é VIDA.

Abra seu coração e sua mente! Largue suas preocupações e anseios e deixe a maravilhosa dádiva de VIVER simplesmente Fluir!



Jangada no alto mar. Pintura de Manuel Kantor



O TEATRO COMO CAMINHO INTERIOR

Carmem Sílvia de Carvalho

Minhas lembranças de infância estão quase sempre relacionadas com contar histórias, escrever e representar. Fui uma criança muito tímida socialmente. Os únicos momentos em que me soltava eram quando recitava uma poesia ou representava um papel, vestindo fantasias, montando cenários, brincando de teatrinho.

Não havia nada mais interessante para aquela menina do que encarnar seus heróis e heroínas. A vida dita “real” parecia monótona, sofrida e complicada. No palco, ao contrário, tudo era possível; fora dele, havia um mundo cheio de regras, limites, esforços e cobranças.

Tive muita sorte, pois nunca fui ridicularizada por isso em minha família e na escola. Pelo contrário, eles sempre me levaram a sério, sempre me estimularam. Então, não fiquei traumatizada, com medo do ridículo. Na verdade, era a única situação em que eu me sentia aceita, segura e confortável.

E isso continuou na minha adolescência. Nesse período, a vivência mais forte foi uma apresentação de “O pequeno Príncipe”, de Saint-Exupéry, em um teatro da cidade do interior onde eu morava. Adaptei o texto para o teatro, fiz a direção e também representei um dos papéis, com

uma amiga tocando uma linda música ao piano, como pano de fundo.

Na idade adulta, entretanto, minha vida tomou outro rumo e, muito provavelmente, se não existisse a Escola Gurdjieff São Paulo, eu morreria frustrada por não ter realizado essa vocação. Sou profundamente grata aos Mestres e companheiros de Caminho Espiritual por esta oportunidade de ouro de servir à Escola e, ao mesmo tempo, expressar um talento que me foi dado ao nascer. É uma bênção, uma oportunidade única que não tem preço.

Os ganhos são muito maiores do que é possível descrever. Talvez eu precisasse nascer muito mais vezes até compreender o que se passa na mente, no corpo e no coração de tantos personagens. O trabalho de representar vários papéis me deu a possibilidade de me colocar no lugar do outro com maior facilidade, de perceber a prisão de cada um, de cada forma, de cada conteúdo, a estrutura mesma que faz que uma pessoa ou um bicho ou uma montanha seja como é, aja de tal maneira, tenha este ou aquele destino.

Hoje eu sei que uma bruxa não escolheu ser bruxa. Sua atuação é o resultado de seu condicionamento, de sua construção pessoal. Ela carrega tanto ódio, mágoa, rancor, ressentimento, inveja, ciúme e carência, que não existe a menor possibilidade – salvo um milagre da Divina Providência – de ser diferente.

Hoje eu sei que uma santa não escolheu ser santa. Sua atuação é o resultado de seu condicionamento, de sua



construção pessoal. Ela carrega tanta bondade, capacidade de doação e entrega, desejo de servir e de ajudar, que não existe a menor possibilidade – salvo um milagre da Divina Providência – de ser diferente.

Quando contemplo o mundo à minha volta, percebo melhor a materialidade que está contida em tudo e que é determinante para o destino de cada ser, de cada coisa. A maioria de nós passa a vida se criticando e criticando os outros, como se fosse possível para alguém ou alguma coisa mudar, **sem um profundo e intenso e constante e consciente trabalho interior de iluminação.**

Representando vários papéis, pude perceber que a materialidade da qual sou feita pode assumir outras formas, viver várias possibilidades, descobrir novos caminhos. Quanto mais me distancio desta personagem que eu chamo de eu, de carmem, mais paisagens inéditas eu vislumbro, um pouco da imensidão, do mistério do Ser.

Há momentos em que saio tanto de mim mesma que, ao voltar, quase desmaio de susto, é um verdadeiro choque, como se tivesse desencarnado e encarnado de novo!

Quantas vezes assisti também, encantada, às atuações de meus companheiros, pura magia, verdadeiras aulas de transformação.

Outro aspecto que torna essa experiência fascinante é o fato de que estar no palco diante de uma plateia na-

turalmente nos leva para outra dimensão de ser, porque demanda uma qualidade de presença que raramente temos em nosso cotidiano. Isso, às vezes, é tão forte, que ficamos com a sensação de que a vida diária não tem a menor graça, porque está condenada a uma repetição sem sentido, onde atuamos como sonâmbulos imersos em sonhos e fantasias.

Acredito que qualquer pessoa pode vivenciar essa experiência teatral desde que, de fato, se empenhe nessa direção, especialmente se tiver o comando de alguém que conheça essa arte e que tenha uma autoridade real baseada no conhecimento interior.

Não pensem, nem por um instante, que estar diante de uma plateia seja tarefa fácil. De início é assustador, pois o ator está praticamente despido quando está no palco. É uma situação tão reveladora, pungente e desmoralizante – do ponto de vista do ego, da persona –, que necessitamos de muita determinação e coragem para enfrentar o desafio e passar por isso.

O milagre da integração se faz quando o palco e a plateia se tornam, mesmo por alguns instantes, uma coisa só. Quando um se torna a continuação do outro. Os atores são os espectadores e os espectadores, os atores.

Algo acontece nesse momento que transforma a vida em espetáculo e o espetáculo em vida.



TAROT

da Alquimia

- Falando de Alquimia
 - Carta nº 01 – “Os Dois Peixes”
 - Carta nº 02 – “O Dragão e o Guerreiro”
 - Carta nº 03 – “O Cervo e o Unicórnio”



FALANDO DE ALQUIMIA

Márcia Kondratiuk

São muitos os paralelos que se podem estabelecer entre os postulados da Alquimia e o ensinamento do Sr. Gurdjieff, e é natural que seja assim, pois falam com linguagens diferentes do mesmo Conhecimento fundamental. Parece sensato supor que Gurdjieff tivesse domínio ímpar sobre a ciência alquímica, assim como de outras fontes de sabedoria, e que sobre esse conhecimento lapidar erigiu uma ciência bastante mais complexa do Homem e do Universo, virtualmente acessível ao homem ocidental. À Alquimia, em tempos de obscurantismo, pouquíssimas pessoas podiam ter acesso em sua forma não profana (sendo a forma profana, superficial, a tentativa de transformar metais inferiores em ouro). Tudo era extremamente oculto por metáforas no intuito de preservá-la da ganância dos "tolos", incapazes de assimilar seu verdadeiro sentido de ascese espiritual ou trabalho interior. Além disso, ressentiam-se os antigos alquimistas da falta de um pensamento científico com seus dados disponibilizados universalmente, como hoje. Eram mais místicos e menos práticos. O Sr. Gurdjieff tem a seu crédito o poder inigualável de síntese de todo o conhecimento esotérico anterior a ele e uma razão extremamente privilegiada, aliada a uma qualidade de ser da qual nem podemos falar, pois seria como formigas tentando descrever uma montanha. Trata-se de um



Oedipus chemicus. J.J. Becher, 1664

verdadeiro Mestre, segundo a linguagem alquímica, que realizou em si mesmo a transmutação secreta ou Trabalho, e, movido por um coração compassivo e lúcido, dedicou-se a clarear o caminho para aqueles que o quisessem seguir. E como o Conhecimento é sempre e por toda parte um só, nessa direção também foram as palavras do Mestre Jesus: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida". Cabe a cada um de nós trilhá-lo como nos for possível, aceitando a ajuda dos mestres de todos os tempos. Basta apenas que desejemos, acima de tudo, ter Vida.

TAROT DA ALQUIMIA

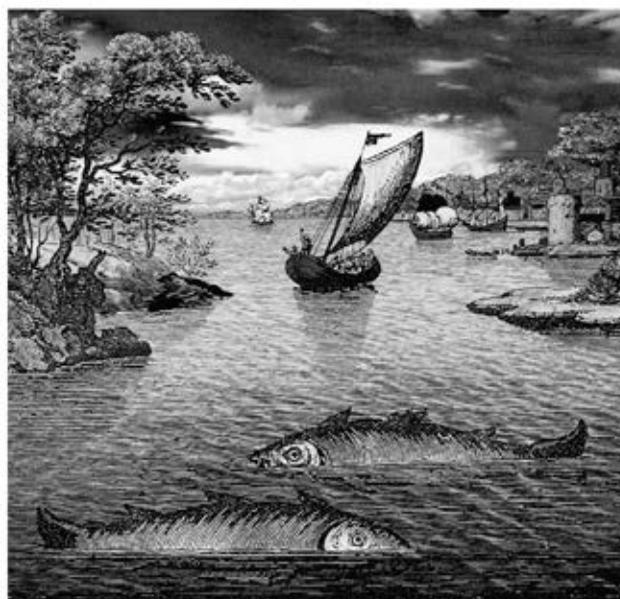
CARTA Nº 01 – “OS DOIS PEIXES”

Uma das lições que os sábios nos deixaram é que há um Mar situado entre Deus e nós - esse mar é o nosso coração. Podemos nos afogar nas águas do mundo ou podemos franqueá-las na direção do Divino. Nesse sentido, não temos apenas um coração, mas dois, como dois peixes do mesmo Mar, que nadam em direções opostas. O coração das paixões humanas, lugar dos desejos insaciáveis, está cozido nas “águas inferiores” de que fala o Gênesis; ele conduz à esterilidade e à morte. Entretanto, os sábios ensinam que este não é nosso único coração, ele tem um par. Nenhum dos dois é físico, mas pertencem ao corpo psíquico. As “águas superiores” em que está cozido o nosso segundo coração, por outro lado, engendram todas as possibilidades, as formas indeterminadas, o silêncio e o subconsciente, que é o nosso verdadeiro consciente, segundo Gurdjieff. Esta é a água de que nos fala Jesus: “Quem tiver sede, venha a mim”, é a água fecundante da vida do Espírito. Assim, sendo águas vivas, portadoras da Graça divina, o coração nelas cozido pode nos conduzir antecipadamente à vida eterna.

A grande notícia que nos foi dada é que esse par de corações, no entanto, pode tornar-se um, na medida em que se formar em nós o Grande Mar, o Centro Emocional Superior. Para esta meta, há que desabrochar o Centro do Sentimento em nós, aquecido pelo sol da nossa atenção. A partir daí, vislumbraremos com maior clareza o caminho, pois o Centro do Sentimento é aquele que “vê”. É um trabalho que deve ser feito no silêncio de cada um.

Assim nos orientaram os sábios, com essa figura que simboliza na astrologia o signo de Peixes e cujo hieróglifo representa dois calcanhares unidos, como pés que caminham em direções opostas. Eles vão em direção ao mundo, o que é natural e correto, porém, precisam lembrar-se de voltar.

Alegre-se se a Carta nº 01 saiu para você, pois ela fala da tarefa mais nobre do ser humano que é o florescimento do nosso verdadeiro Coração.





TAROT DA ALQUIMIA

CARTA Nº 02 - “O DRAGÃO E O GUERREIRO”

A primeira luta do guerreiro, talvez a mais decisiva e mais longa, se dá quando ele encontra um animal selvagem na floresta. A Floresta, nesta linguagem, simboliza nosso corpo psicofísico onde atuam os três Centros: Mental, Emocional, Motor-Instintivo-Sexual. É dos Centros, portanto, que surge esse animal que ele deve enfrentar. Os sábios falam-nos de um dragão todo negro. Porém, quando o guerreiro corta sua cabeça, o dragão muda inteiramente de cor e adquire a brancura da neve. De inimigo do guerreiro, passa a seu aliado completo.

Outra forma de falar do dragão negro é a primeira fase do trabalho alquímico chamada “fase negra” ou “calcinação”. É a etapa correspondente ao autoexame que revela as limitações e o interior da pessoa, uma fase preparatória para que ela possa, posteriormente, reunificar Espírito, Alma e Corpo purificados. A preparação – pela qual todos nós temos de passar – se dá por um longo período de auto-observação paciente e incansável, através da qual a “matéria negra” inicial, também chamada de “Cabeça de Corvo” na Alquimia, transforma-se em cinzas ou pó, e o processo entra na fase seguinte, a fase branca.

Quando a cor negra desaparece, dizem os sábios, aparece a cor branca e o dragão se torna “Sem-Cabeça”. Nesse sentido, é preciso que nos tornemos “sem-cabeça” para que o Trabalho possa prosseguir. É preciso silenciar o Centro Mental, a sede do Ego, cortando sua cabeça, isto é, não o destruindo, mas deixando de aceitar seu predomínio. Nesse momento o guerreiro tem um dragão todo branco - isto é, os Centros purificados - e “sem-cabeça” ou não-Ego,

que o cobrirá de bênçãos. A nuvem negra que impedia seu verdadeiro Eu de reinar terá então desaparecido.

Os sábios recomendam ao guerreiro que receba esta Bênção que não a revele aos tolos (para que não façam um mau uso desse conhecimento), mas apenas àqueles que estejam empenhados na mesma busca. Na verdade, é algo sagrado que leva o homem que a alcançou a subir um degrau na escada da Criação.

Feliz daquele a quem o Oráculo reservou a Carta nº 02 para que não desanime na luta contra o Ego ou falso eu, mas tenha a coragem, a bravura e a tenacidade necessárias para cortar-lhe impiedosamente a cabeça.



TAROT DA ALQUIMIA

CARTA Nº 03 – “O CERVO E O UNICÓRNIO”

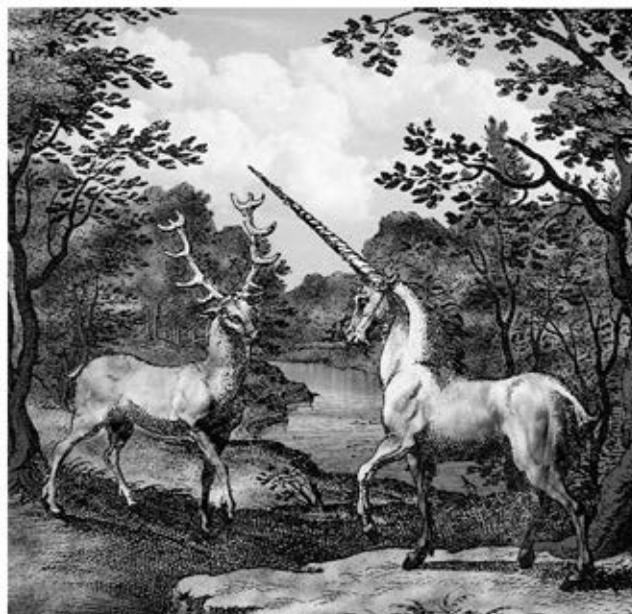
Em nossa Floresta, que é um modo de falar do corpo físico, com os Centros Mental, Emocional e Motor-Instintivo-Sexual, encontram-se dois animais selvagens: um grande, forte e robusto Cervo; um alerta, forte e bem-feito Unicórnio. Na linguagem dos alquimistas, se a Floresta corresponde ao Corpo com suas energias, o Cervo corresponde à Alma, e o Unicórnio, caro ao sábio, corresponde ao Espírito. Na linguagem gurdjieffiana podem ser chamados, respectivamente, de Centro Emocional e Centro Intelectual.

Esses dois animais sempre vagueiam pela Floresta. Cada um segue os seus instintos, tendências, hábitos, prazeres. As características de ambos são diferentes, assim como o modo como operam para atingir, cada um, o objetivo para o qual foi criado. Feliz, portanto, é o homem que os capturar em uma armadilha, pois em lugar de tê-los vagando sem destino e conflituosamente, os terá a serviço do desenvolvimento do seu Ser integral. O Coração e a Mente devem estar em harmonia, e um indício desse entendimento entre ambos é a felicidade genuína que experimentamos quando eles agem em uníssono.

O Tarot da Alquimia, porém, dá-nos outras informações sobre esses dois animais muito especiais: eles estão “escondidos” em nossa Floresta, embora possamos percebê-los e lidar com eles no plano da nossa vida comum na forma de pensamentos e emoções. Nesse sentido, eles são o que a linguagem gurdjieffiana chama de Centro Emocional Superior e Centro Intelectual Superior, respectivamente. Estão por aí, no bosque, mas é raro o homem

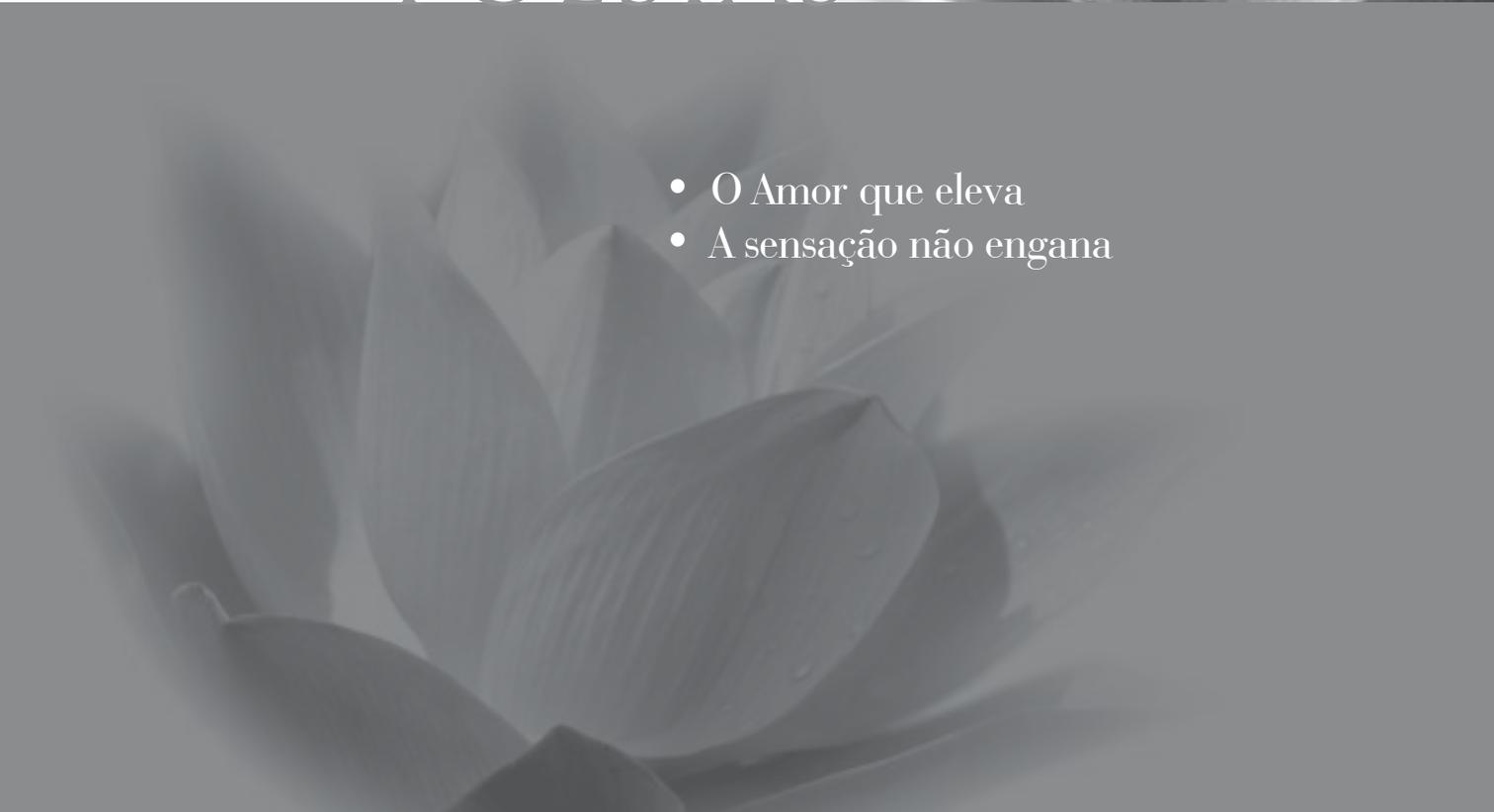
que consegue capturá-los e fazê-los descerem juntos à Floresta do corpo psíquico, para aí permanecerem unidos. O homem que o conseguir será um Mestre, com domínio sobre a Arte ou a Ciência do Ser. Tão imensa é a graça que ele recebe que, ao domar o Cervo e o Unicórnio, terá atingido o Rio de Ouro da imortalidade. A precariedade da vida não o atingirá mais, pois se terá tornado senhor absoluto do Eu.

Se você consultou o Oráculo e a Carta nº 03 foi a resposta, comece a praticar a arte de escutar seus pensamentos e suas emoções, permitindo que aos poucos uma nova Harmonia possa surgir.





POESIAS

- O Amor que eleva
 - A sensação não engana
- 

O AMOR QUE ELEVA

Guilherme Albert Vigar Hahne

I

Como resistir,
 não permitir que o cinza-mundo nos engolfe?
 Como não deixar a ciranda vida se repetir?
 Saborear intensamente um simples cafezinho,
 como?

Ter um olhar profundo e indefeso,
 um gesto firme e delicado,
 falar com candura e potência,
 encontrar o belo no pequeno,
 maravilhar-se com o grande.

Só o Amor nos torna humildes.
 Só o Amor nos abre de verdade.
 O Amor nos redime,
 o Amor nos liberta.

Sem ele, somos poeira esquecida.
 Sem ele, não sorrimos, não brilhamos, somos velas
 apagadas.
 Sem ele, não nos lembramos
 de que estamos rodeados de infinito
 e de que há um mistério insondável à nossa espera!

II

Vou,
 vou daqui como uma vela,
 queimando algo
 que chamo vida.

Vou,
 pois uma voz me chama,
 desde a infância
 um ardor clama.

Vou,
 não há como ficar.
 Vou como nuvem,
 me dissolvendo na imensidão.

Vou.
 Deixo essas pesadas vestes
 e em brisa suave
 parto daqui em ascensão.



A ascensão de Cristo. Rafael Sanzio

A SENSÇÃO NÃO ENGANA

Gineton Alves Medeiros

Corpo, Vida, Consciência,
Sentir é o nome do jogo.
Tempo, espaço, existência,
Fricção, calor e fogo.

Nas asas da alegria,
Cavalgo a comunhão,
Dor e prazer cada dia,
Universo do coração.

Na tranquila natureza,
No fato simples ou sério,

Tem sabor de realeza,
Vibração e mistério.

Um peito vivo palpita,
Um calmo sopro dimana,
Brilha o ouro em pepita,
A sensação não engana.

Viver, supremo desejo,
Face natural do amor,
No cuidado cada ensejo
Na verdade é criador.

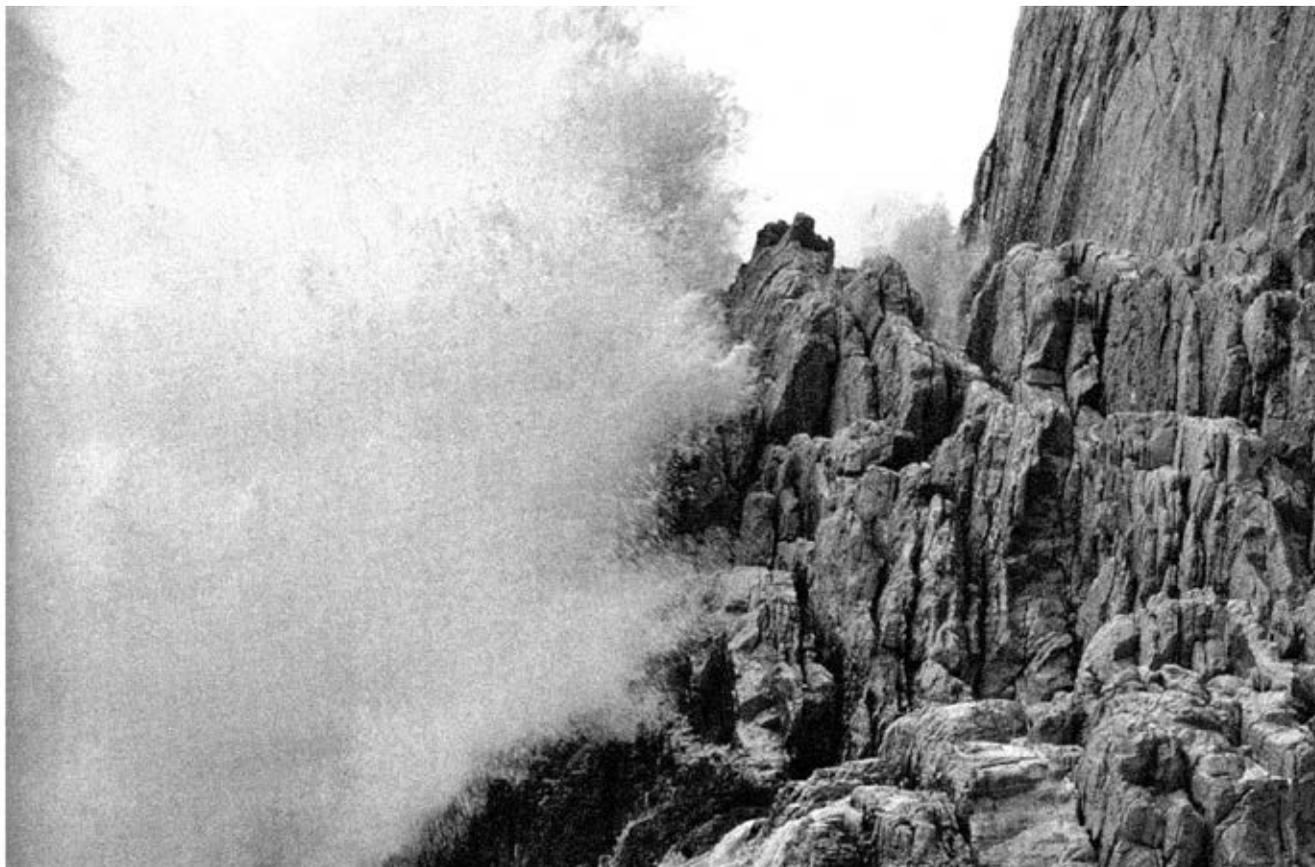


Foto de Yannis Yannelos



CONTOS

- O vendedor de passarinhos e a gaiola
- As pedras do caminho
- A jovem e o príncipe
- O jogo de xadrez



O VENDEDOR DE PASSARINHOS E A GAIOLA

(parábola sufi)

Ao cair da noite, numa ruela da antiga Bagdá, um velho passarinheiro fechou sua loja, colocou duas gaiolas sobre as costas, com os passarinhos que lhe pertenciam, e se pôs a caminho de casa.

As gaiolas balançavam a cada um de seus passos. Fatigado, o homem avançava muito lentamente, se apoiando numa bengala. Naquele dia, ele havia vendido apenas dois passarinhos. Colocara os outros, que já pareciam adormecidos, sobre as costas, nas sombras do crepúsculo.

Um dervixe, conhecido pelo nome de Shams de Tabriz, notou o caçador de passarinhos e começou a caminhar ao seu lado. Ele escutou o homem que falava em voz baixa, como se conversasse com os passarinhos:

– Não, vocês não têm do que se queixar, porque eu os carrego e os levo de volta. Eu me ocupo de tudo, desde a manhã até à noite, quando os alimento com açúcar e vigio para que a água que bebem esteja fresca. Faço um polimento em seus bicos, aliso suas plumas, limpo e perfume suas gaiolas, pinto-as uma vez por ano e as coloco perto do fogo quando faz frio. No verão, eu os ponho

à sombra. Ah, se alguém pudesse me colocar sobre os ombros numa gaiola como a sua! Ah, se alguém pudesse, a cada dia da minha vida, me dar de comer e de beber!

Então, Shams acreditou ouvir uma voz muito frágil que respondeu ao passarinheiro. Ele se aproximou, aguçou o ouvido e percebeu que um dos passarinhos falava com o velho numa língua que os dois homens podiam compreender. E o passarinho dizia:

– Você acredita que estamos numa gaiola, mas se engana. Escute: insetos minúsculos são prisioneiros das minhas plumas, e eles nem sequer o percebem. Você mesmo, você vive numa gaiola, sua casa é uma gaiola, sua rua, esta cidade inteira é uma gaiola. Onde você acha, então, que terminam as grades da sua gaiola? A terra inteira, nosso planeta, para você e para nós, é uma gaiola. A lua também é uma gaiola. O sol é uma gaiola. O próprio universo é uma gaiola, depositada como um fardo sobre os ombros do Infinito...

O velho passarinheiro somente respondeu com um suspiro de lassidão. Shams nem sequer teve certeza de

que ele tinha escutado seu passarinho. Um pouco mais tarde, quando as sombras da noite obscureciam as ruas, o comerciante começou a se queixar e a desejar conhecer, ele mesmo, a sorte dos passarinhos que carregava. Então, uma voz ainda mais frágil, a de um pássaro quase adormecido, se fez ouvir, com dificuldade.

Shams teve que se aproximar ainda mais do passarinheiro, que não podia vê-lo na obscuridade, e ouviu a voz do segundo passarinho, que dizia, numa língua diferente da primeira, mas que ele também podia muito bem compreender:

– Esqueça tudo isso, feche seu espírito, porque é noite. Esse pássaro que lhe fala é você mesmo, é o seu pensamento. E você é sua gaiola. Você acredita que esta gaiola existe, mas se engana. Seu pensamento fixou muito solidamente suas próprias grades, das quais quer tanto se livrar, e que não pode nem mesmo enxergar. Entre na sua casa, repouse na terra que acredita ser de gaiolas, pare de pensar, coma e durma. Quando adormecer, então todas as gaiolas do mundo se abrirão, e nós poderemos retomar esta conversa. Esperemos. Boa noite.

Na rua seguinte os homens se separaram, e as vozes dos passarinhos se perderam.



AS PEDRAS DO CAMINHO

(da tradição cristã)

Conta-se que um peregrino partiu, a pé, em direção a Chartres, na Idade Média. No caminho, encontrou um homem que exercia o mais duro dos ofícios: quebrador de pedras.

– Vivo como um cão – o homem lhe disse – exposto ao sol, à chuva, ao vento, à neve, faço um trabalho penoso, e por alguns míseros trocados. Minha vida é a de um escravo, uma nulidade. Ela não merece o nome de vida.

Um pouco mais longe, o peregrino encontrou outro quebrador de pedras, que lhe disse:

– É um trabalho duro, é verdade, mas, pelo menos, é um trabalho. Ele me permite sustentar minha mulher e meus filhos. Eu gosto de trabalhar ao ar livre, pois vejo o mundo passar, conheço pessoas, aprendo sempre alguma coisa nova. Não me queixo, existem condições piores que a minha.

Finalmente, um pouco mais distante, o peregrino encontrou um terceiro quebrador de pedras, que lhe disse, olhando-o nos olhos, com um largo sorriso:

– Eu, eu ajudei a construir uma catedral.



A JOVEM E O PRÍNCIPE

(da tradição sufi)

Uma linda jovem, ainda virgem, sonhou que um príncipe maravilhoso chegara à sua aldeia unicamente para conhecê-la. De manhã, ela acordou e saiu precipitadamente à procura do príncipe.

Mas ninguém tinha visto ou ouvido falar de uma figura tão nobre. Na saída da aldeia, um velho, sentado à beira do caminho, perto de uma fonte que brotava dos rochedos, murmurou quando ela passou:

– Perde seu tempo, perde seu tempo.

Sem prestar atenção ao que esse pobre homem lhe dissera, ela seguiu adiante correndo pelos campos e vilarejos, interrogando um a um os camponeses. Ninguém ouvira falar do tal príncipe.

No final da tarde ela regressou muito cansada e, ao passar perto do velho, ouviu novamente as palavras:

– Perde seu tempo, perde seu tempo.

A jovem entrou em casa. Parecia muito abatida. Os pais trataram de acalmá-la, de chamá-la à razão, de mostrar-lhe que tudo não passava de um simples sonho.

Tentativa inútil. À noite ela sonhou novamente com o príncipe e, desta vez, ele a tomara nos braços.

No dia seguinte ela partiu, outra vez, à procura. Passou perto do mesmo velho, sentado perto da mesma fonte que, à sua passagem, disse-lhe as mesmas palavras:

– Perde seu tempo, perde seu tempo.

Ela, mais uma vez, não parou e, apressada e aflita, se embrenhou mata adentro. Procurou por toda parte, ferindo os pés nos seixos e as pernas nos espinhos. Desta vez, interrogou até mesmo os animais que encontrava pelo caminho. Nenhuma resposta.

Na volta, quando passou pelo velho, este lhe disse:

– Perde seu tempo, perde seu tempo.

Nesta noite, ao adormecer, ela sonhou que o príncipe a beijava longamente e a pedia em casamento. Enlouquecida de amor, apesar dos esforços dos pais e dos vizinhos, ela partiu na aurora e passou correndo pelo velho homem, que repetiu as mesmas palavras:

– Perde seu tempo, perde seu tempo.

Certa tarde, depois de vários dias de caminhada e de buscas vãs, ela retornou lentamente à sua aldeia. O esgotamento era tanto que não conseguia pensar em nada. Suas vestes estavam em farrapos, os cabelos sujos de terra, as pernas e os braços sangrando.

Incapaz de dar mais um passo, ela sentou sobre uma pedra bem ao lado do velho, que, desta vez, nada lhe disse. Algum tempo depois, ele se levantou, juntou as mãos, colheu água da fonte e a ofereceu à jovem.

Ela inclinou o rosto sobre as mãos que lhe ofereciam água fresca, buscando aplacar sua sede. Neste instante, surpresa, percebeu que as mãos não eram mais as de um velho. Eram jovens e firmes. Em um dos dedos brilhava um anel de ouro, com brilhantes e diamantes engastados.

Espantada, a jovem levanta os olhos e vê que sob o capuz que lhe cobre parcialmente o rosto se esconde um jovem com olhar brilhante, de rosto sorridente. Era o mesmo jovem que lhe aparecera em sonhos. Ela lhe pergunta:

– Como? Era você? Esteve sempre aqui?

Ele a olha em silêncio. E ela continua:

– Mas por que não falou comigo, por que nunca se revelou?

Ele responde tranquilamente, ainda lhe oferecendo água fresca:

– Eu sempre estive aqui, mas você nunca me viu.



O JOGO DE XADREZ

(da tradição zen)

Um homem cheio de amargura e tristeza vai até um mosteiro no alto da montanha e diz ao velho mestre:

– Minha vida não tem mais nenhum sentido. Desejo alcançar a iluminação, mas nunca poderia passar anos e anos meditando, estudando, levando uma vida de austeridade e renúncia. Sinto muito, mestre, mas está acima de minhas forças. Existe um caminho rápido e seguro para alguém como eu?

O mestre lhe perguntou:

– Há alguma coisa que você goste muito de fazer?

– Nasci numa família rica e nunca precisei trabalhar. O que mais me interessou até hoje foi o jogo de xadrez. Dedicava a isso quase todo o meu tempo.

O mestre, então, mandou chamar um de seus alunos, um monge que fora campeão de xadrez em sua comunidade. Pediu a ele que trouxesse um tabuleiro de xadrez e uma espada afiada que brilhava ao sol. O velho arranjou cuidadosamente as peças para o jogo e, segurando a espada, disse ao monge:

– Você me jurou obediência. Chegou a hora de prová-la. Quero que dispute uma partida de xadrez com o nosso visitante. Se perder, cortarei sua cabeça. Se ganhar, cortarei a cabeça dele.

Os dois jogadores, surpresos, olharam nos olhos do mestre e perceberam que ele cumpriria rigorosamente o que havia prometido.

A partida começou. Desde o começo o visitante sentiu o suor descendo pelas suas costas, pois sua vida estava em jogo. O tabuleiro havia se transformado no mundo inteiro e ele próprio transformara-se naquele tabuleiro. Nos primeiros movimentos ele se saiu pior e se deu conta de que encontrara um perigoso adversário pela frente. Subitamente, o monge cometeu um erro. O homem, então, aproveitou a situação para desfechar um forte ataque. As posições de seu oponente ficaram enfraquecidas e começaram a ceder.

Sem erguer a cabeça, o homem olhou o monge à sua frente. Viu um rosto inteligente e sincero, marcado por anos de esforços e determinação. Pensou na sua própria vida, tão inútil, ociosa e egoísta. E de repente foi tomado por um sentimento de profunda compaixão. Deu, de propósito, um passo em falso, depois um segundo, e foi entregando suas posições que o levavam para a derrota.

Neste exato momento, o mestre derrubou o tabuleiro, espalhando as peças pelo salão. Depois, olhando para os jogadores, declarou:

– Não há vencedor, nem vencido. Nenhuma cabeça será cortada.

E virando-se para o visitante, acrescentou:

– No caminho para a iluminação, duas coisas são imprescindíveis: a concentração e a compaixão. E hoje você viveu as duas.





HISTÓRIAS de Mulá Nasruddin

- A dívida
- Em busca do ouro
- O fazedor de chuva



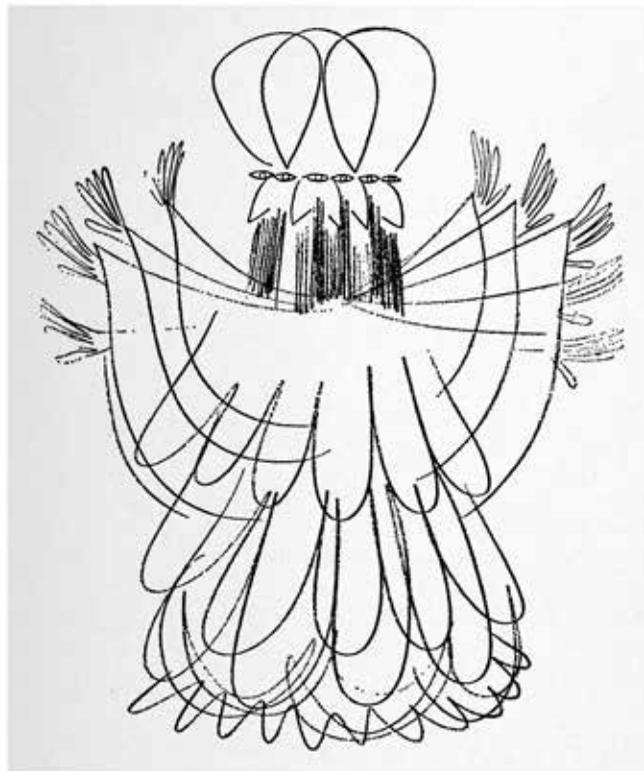
A DÍVIDA

Um vizinho de Nasruddin emprestou-lhe uma bela soma de dinheiro. Dias depois, sonhou que ele perdera tudo no jogo e não podia mais pagar-lhe.

Desesperado foi até a casa do Mulá e contou-lhe a história, perguntando:

– Mas o que vai acontecer? Estou em pânico. Você vai me pagar?

– O que você quer que eu lhe diga? – respondeu Nasruddin – O sonho é seu!



EM BUSCA DO OURO

Nasruddin estava escavando um buraco no deserto, debaixo de um sol escaldante. Nisto, passa uma caravana. Um dos homens para e lhe pergunta:

– O que está fazendo?

– Cavo um buraco.

– Mas para quê?

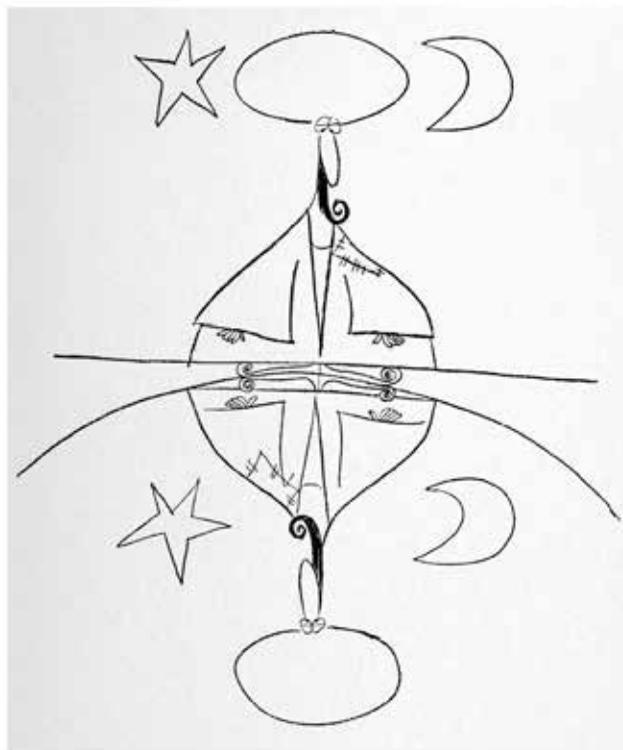
– Para achar o saco com as dez moedas de ouro que escondi por aqui no mês passado.

– Você deveria ter definido uma baliza para encontrá-las!
– disse o mercador – Mas aqui é o deserto, não existem árvores, rochedos, fontes, nada...

– É claro que defini uma baliza –, resmungou Nasruddin.

– Que baliza, homem?

– A sombra de uma nuvem, lá em cima.





O FAZEDOR DE CHUVA

A população de um pequeno vilarejo do Oriente Médio estava enfrentando a maior estiagem dos últimos anos. As plantações e os animais morriam a cada dia, e restara apenas um pequeno poço com pouca água.

Desesperados, foram pedir ajuda a Nasruddin, que tinha fama de homem santo.

Depois de ouvir suas lamentações, este lhes disse:

– Tragam-me um balde d’água.

Eles foram até o poço e trouxeram um pouco da água que restara. Quando recebeu o balde, quase cheio, Nasruddin começou a lavar cuidadosamente suas roupas. Os aldeões ficaram indignados. Mas o Mulá lhes disse com voz solene:

– Confiem em mim. Eu sei o que estou fazendo.

Quando as roupas ficaram bem lavadas, ele solicitou outro balde cheio de água. Nessa altura, a revolta da população era tanta que já falavam em queimá-lo vivo. O Mulá, entretanto, com grande firmeza, gritou:

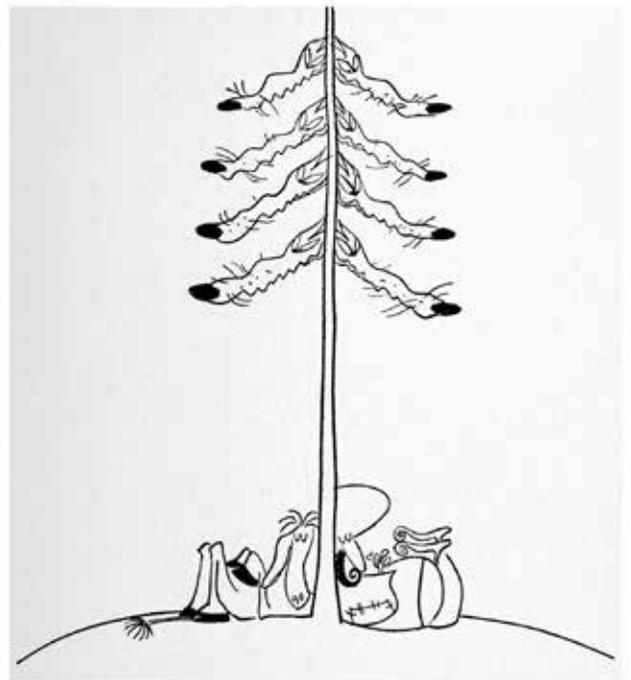
– Confiem em mim! Eu sei o que estou fazendo...

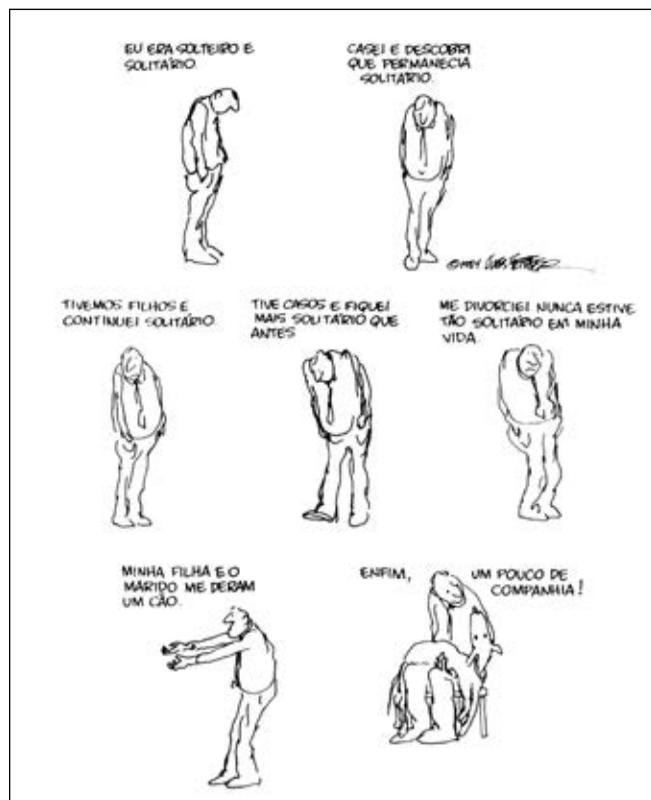
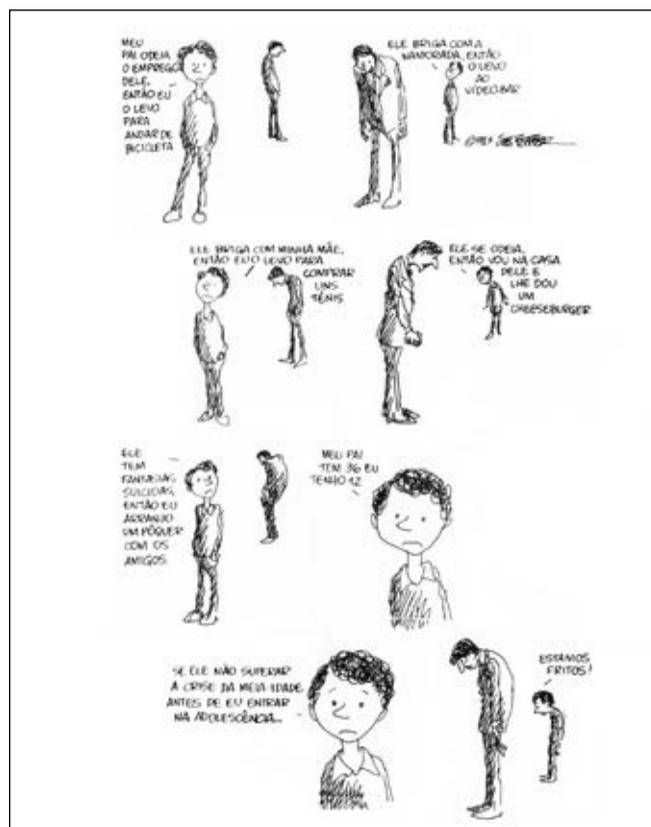
Algumas pessoas, numa última tentativa, foram novamente ao poço e retiraram a água que ainda havia. Desta vez, Nasruddin começou a enxaguar lentamente suas roupas. Depois, pendurou peça por peça no varal, com gestos que aparentavam profunda dignidade e nobreza.

No mesmo instante, como por milagre, o céu se encheu de nuvens escuras e uma chuva torrencial desabou sobre o vilarejo.

O Mulá, então, com um longo suspiro, contemplou a população que, nesta altura dos acontecimentos, estava em puro êxtase, e, com voz chorosa, disse:

– É sempre assim, nunca falha: é só colocar minhas roupas para secar que chove.





SER
PERIÓDICO DA ESCOLA
GURDJIEFF SÃO PAULO
Setembro 2012

EDITORES
Paulo A. S. Raful e Lauro de A. S. Raful

COORDENAÇÃO GERAL
Carmem Sílvia de Carvalho
Maria Aparecida Ramos De Stefano

COMITÊ EXECUTIVO
Carmem Sílvia de Carvalho
Maria Aparecida Ramos De Stefano
Heloísa Margarido
Renato Batata
Elisa Yoshimura
Márcia Kondratiuk

PROJETO GRÁFICO
Maurício Nisi Gonçalves

TRADUÇÃO DOS TEXTOS TRADICIONAIS
Maria Aparecida Ramos De Stefano

REVISÃO DE TEXTOS
Maria Aparecida Ramos De Stefano
Maria Eugênia da Rocha Nogueira

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS
Elisa Yoshimura
Heloísa Margarido

ESCANEARMENTO DE IMAGENS
Carmem Sílvia de Carvalho
Maria Aparecida Ramos De Stefano

TRATAMENTO DE IMAGENS
Renato Batata

IMAGENS
Página 1: Yannis Yannelos
Páginas 19/20/22/23/37/42/43/45:
Banco de Imagens
Páginas 35/75: Imagens zen
Páginas 62/63/64: Imagens da Alquimia
Páginas 70/71/73: Imagens taoistas
Páginas 77/78/79: Richard Williams
Página 80: HQ de Feiffer
(LP&M Editora, 1988)

CAPA
Lauro Raful e Renato Batata

4ª CAPA
Lauro Raful e Renato Batata

COLABORAÇÃO:
IMAGENS E LIVROS RAROS
Maria Aparecida Ramos De Stefano
Ilda Soban

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Copy Center

© COPYRIGHT
Paulo A. S. Raful e Lauro de A. S. Raful

EDITORA ESOATENCA
Caixa Postal 60.010 – São Paulo SP
CEP: 05096-070
contato@ogrupo.org.br
www.ogrupo.org.br

A sunset over the ocean with rays of light and the text "EU SOU". The sun is low on the horizon, creating a bright glow and a path of light reflecting on the water. Numerous rays of light, transitioning from yellow to blue, radiate upwards from the sun. The sky is a mix of orange, yellow, and dark blue. The water is dark blue with white reflections of the sun and rays.

EU SOU